



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

GEYSIANNE FELIPE DO NASCIMENTO

**RESILIÊNCIA INFORMACIONAL E DESINFORMAÇÃO NO CONTEXTO DO
COVID - 19: PRÁTICAS INFORMACIONAIS COLABORATIVAS DE
MULHERES IMIGRANTES BRASILEIRAS NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS**

JOÃO PESSOA-PB

2021

GEYSIANNE FELIPE DO NASCIMENTO

**RESILIÊNCIA INFORMACIONAL E DESINFORMAÇÃO NO CONTEXTO DA
COVID - 19: PRÁTICAS INFORMACIONAIS COLABORATIVAS DE
MULHERES IMIGRANTES BRASILEIRAS NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba como requisito para a obtenção do título de Mestra em Comunicação.

Área de concentração: Comunicação e Culturas Midiáticas.

Linha de Pesquisa: Mídia, Cotidiano e Imaginário.

Orientador: Prof. Dr. Fellipe Sá Brasileiro

JOÃO PESSOA-PB

2021

Catálogo na publicação Sessão de Catalogação e Classificação

N244r Nascimento, Geysianne Felipe do.

Resiliência informacional e desinformação no contexto do Covid - 19 :
práticas informacionais colaborativas de mulheres imigrantes brasileiras nas
redes sociais digitais / Geysianne Felipe do Nascimento. - João Pessoa, 2021.
126 f. : il.

Orientação: Fellipe Sá Brasileiro. Dissertação
(Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Informação. 2. Desinformação - Covid-19. 3. Resiliência informacional.
4. Migração internacional.
5. Mulheres brasileiras. 6. Redes sociais digitais. I. Brasileiro, Fellipe Sá. II.
Título.

UFPB/BC

CDU 007(043)

GEYSIANNE FELIPE DO NASCIMENTO

**RESILIÊNCIA INFORMACIONAL E DESINFORMAÇÃO NO CONTEXTO DO
COVID - 19: PRÁTICAS INFORMACIONAIS COLABORATIVAS DE
MULHERES IMIGRANTES BRASILEIRAS NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba como requisito para a obtenção do título de Mestra em Comunicação.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Fellipe Sá Brasileiro (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba



Prof. Dr. Edvaldo Alves Carvalho (Membro
Externo) Universidade Federal da Paraíba



Prof. Dra. Marina Magalhães de Moraes (Membro
Externo) Universidade Federal do Amazonas



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURAS MIDIÁTICAS

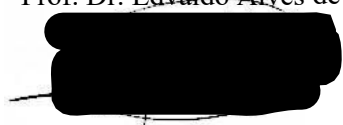
ATA DE DEFESA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DA ALUNA

GEYSIANNE FELIPE DO NASCIMENTO

Aos seis dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e um, às quatorze horas e trinta minutos, realizou-se através de videoconferência (<https://meet.google.com/bce-cnkc-zrg>), a sessão pública de defesa da Dissertação intitulada: “RESILIÊNCIA INFORMACIONAL E DESINFORMAÇÃO NO CONTEXTO DO COVID - 19: PRÁTICAS INFORMACIONAIS COLABORATIVAS DE MULHERES IMIGRANTES BRASILEIRAS NAS MÍDIAS SOCIAIS”, apresentada pela aluna Geysianne Felipe do Nascimento, Bacharel em Comunicação Social – Relações Públicas, pela Universidade Federal da Paraíba, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de MESTRE EM COMUNICAÇÃO, área de Concentração em Comunicação e Culturas Midiáticas, segundo encaminhamento do Prof. Dr. Thiago Pereira Falcão, Coordenador do Programa de Pós- Graduação em Comunicação da UFPB e segundo os registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação da Pós-Graduação. O Prof. Dr. Fellipe Sá Brasileiro (PPGC/UFPB), na qualidade de orientador, presidiu a Banca Examinadora da qual fez parte a professora Dra. Marina Magalhaes de Moraes (UEPB) e o professor Dr. Edvaldo Alves de Carvalho (PPGCI/UFPB). Dando início aos trabalhos, o Senhor Presidente, Prof. Dr. Fellipe Sá Brasileiro, convidou os membros da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida foi concedida a palavra à mestranda para apresentar uma síntese de sua Dissertação, após o que foi argüida pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final sobre a Dissertação, à qual foi atribuído o seguinte conceito: APROVADA. Proclamados os resultados pelo Prof. Dr. Fellipe Sá Brasileiro, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos, e para constar eu, Fellipe Sá Brasileiro (Secretário ad hoc), lavrei a presente que assino juntamente com os demais membros da Banca Examinadora. João Pessoa, 06 de julho de 2021.


Prof.^{ta}. Dr.^a. Marina Magalhaes de Moraes


Prof. Dr. Edvaldo Alves de Carvalho


Prof. Dr. Fellipe Sá Brasileiro
Presidente da Banca

*À todas as mulheres que desde Março de 2020
estão diuturnamente no front de batalha
contra os efeitos do COVID-19, ao redor do
mundo.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela infraestrutura ofertada para o bom desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço à Universidade Federal da Paraíba e ao Programa de Pós Graduação em Comunicação PPGC/ UFPB em nome dos docentes e da coordenação de curso pelos debates frutíferos, que enriqueceram as reflexões contidas no percurso da minha trajetória no mestrado.

Agradeço aos meus colegas de turma e colegas que fiz em outras turmas, pessoas que construíram lugares afetivos e tornaram mais leve a jornada densa do fazer acadêmico.

Agradecimentos à parte ao professor Felliipe Sá Brasileiro, orientador da presente pesquisa e inspiração no tocante à ideia do ser um cientista social de excelência, com qualidades profissionais comprometidas com os princípios da ética, do serviço à comunidade e da empatia com o outro, todos estes valores que considero importantes em qualquer esfera profissional ou pessoal e atributos muito caros ao momento crítico atual da nação brasileira.

Agradeço aos professores membros das bancas de qualificação e defesa, Edvaldo Carvalho Alves e Marina Magalhães de Moraes que com muita boa vontade dedicaram tempo e atenção contribuindo proficuamente na construção do conhecimento e lapidação das reflexões que compõem este trabalho.

Agradeço às mulheres do grupo Plataforma Geni que com fundamental disponibilidade e presteza *online* - mesmo enfrentando uma dura pandemia, me mostraram na prática a força da rede da qual teorizo nas próximas seções.

Agradecimentos à compreensão da minha família pelas minhas ausências no processo de escrita, à Aluizio Victor por ser rede de apoio e ouvido atento em um tempo tão desafiador. Agradeço ao meu filho Ângelo Felipe Victor, por ser meu horizonte e meu porto seguro nos momentos mais instáveis.

Agradeço à todas as companheiras de lutas feministas e amigas queridas que estiveram presentes na minha caminhada em tantos e variados suportes, incentivos e colos no percurso.

Por fim, agradeço aos pulmões e ao respirar; aos neurônios e as sinapses que representam em terra o cosmos as cosmologias possíveis; agradeço às redes de conexões e viralizações; aos pulsares - sístoles e diástoles que na ponta dos dedos descrevem o mundo.

À resiliência. À resistência.

*“Importa pensar sobre o que pensamos para pensar.
Importa quais histórias contamos para contar outras histórias;
Importa quais nós fazem o nó”
(Donna Haraway - Staying with the trouble).*

RESUMO

Desenvolve uma correlação a partir dos estudos que tangem as problemáticas relacionadas à Migração, Gênero, Práticas Informacionais, Desinformação e Resiliência Informacional nas redes sociais digitais. Parte de uma investigação que busca compreender como as práticas colaborativas nas redes sociais digitais agenciadas por mulheres brasileiras imigrantes em Portugal contribuem para a construção da resiliência informacional e enfrentamento à desinformação frente ao contexto do COVID-19. Decorre de uma pesquisa qualitativa a partir da análise temática das práticas informacionais agenciadas por mulheres brasileiras imigrantes em Portugal que ao enfrentarem o contexto pandêmico, organizaram uma rede solidária na plataforma *Whatsapp* a partir da iniciativa do coletivo “Plataforma Geni”. A análise se concentra nos relatos da trajetória de 10 mulheres, acerca das vivências destas no período de março a maio de 2020 com dados coletados através de entrevistas semi-estruturadas e apreciadas sob a égide da perspectiva da “resiliência informacional em redes sociais virtuais”, proposta por Brasileiro (2017, 2019, 2020). Como resultados, constata que o estado de incerteza informacional experienciado nas situações de ruptura com a normalidade, decorrentes do COVID-19 em conjunto com as desinformações percebidas nas redes sociais digitais, deslocaram as mulheres para novos formatos de conectividade digital em busca de soluções colaborativas. Dessa forma, as mulheres desenvolveram um ambiente propício para a construção de relações que, orientadas para o bem estar comum, possibilitaram a superação das incertezas vivenciadas, oportunizaram a tomada de decisão, abriu caminhos para a construção de competências informacionais e reposicionaram estas mulheres diante do contexto de risco da transição informacional, construindo perspectivas de letramento informacional e coesão social negociada de modo emergente e colaborativo.

Palavras-Chave: Desinformação. Resiliência informacional. Migração. Gênero. Redes sociais digitais. Covid-19.

ABSTRACT

Develops a correlation based on studies that address the problems related to Migration, Gender, Informational Practices, Misinformation and Informational Resilience in the context of digital social networks. Part of a investigation project that seeks to understand how social media enables the construction of informational skills necessary to transmute the state of informational uncertainty experienced by immigrant women who face relevant personal and health factors in the context of COVID-19. It stems from a qualitative research based on the thematic analysis of digital informational practices organized by Brazilian immigrant women in Portugal who, when facing the pandemic context of 2020, organized a solidarity network based on the collective “Plataforma Geni”. An analysis focuses on the reports of the trajectory of 10 women, who were interviewed under the perspective of the “informational resilience in virtual social networks”, proposed by Brasileiro (2017, 2019, 2020). As results, it finds that the state of informational uncertainty experienced in the hypotheses of rupture with normality, arising from covid 19. Together with the perceived misinformations in the digital environment, displaces women to use their own digital networks in the search for solutions in a collaborative way. In this way, women develop a favorable environment to build technom-mediated relationships that, oriented towards the common well-being, enable the overcoming of uncertainties, provide opportunities for decision-making, pave the way for the construction of new informational skills and reposition. These women towards from the context of risk and informational transition, building perspectives of information literacy and social cohesion negotiated in an emergent and collaborative way.

Keywords: Misinformation. Informational resilience. Migration. Gender. Digital Social Networks. Covid-19

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estado de incerteza informacional	65-66
Tabela 2 - Estratégia informacional de enfrentamento coletivo na plataforma	77-78

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estrutura e delimitação dos elementos de pesquisa	21
Quadro 2 – Eixos problematizados	57
Quadro 3 – Desenho teórico-metodológico da pesquisa	58-59

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo da resiliência informacional em redes sociais virtuais	56
--	-----------

LISTA DE SIGLAS

OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
OIM	Organização Internacional para as Migrações
OPAS	Organização Pan Americana de Saúde
RI	Resiliência Informacional
TIC	Tecnologias da informação e comunicação
SEF	Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	18
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	24
2.1 MULHERES IMIGRANTES TRANSIÇÃO INFORMACIONAL NO COVID-19.....	24
2.1.1 Migração internacional em tempos de pandemia.....	24
2.1.2 A questão de gênero na migração contemporânea.....	27
2.1.3 Transição informacional.....	30
2.2 A EXPERIÊNCIA DA DESINFORMAÇÃO EM CONTEXTOS SIGNIFICATIVOS DE VIDA E DE SAÚDE.....	32
2.2.1 Ampliando o olhar sobre desinformação.....	32
2.2.2 Uma abordagem construcionista da desinformação.....	37
2.2.3 O estado de incerteza informacional.....	40
2.2.4 Barreiras informacionais.....	43
2.3 PRÁTICAS COLABORATIVAS EM MÍDIAS SOCIAIS E RESILIÊNCIA INFORMACIONAL.....	44
2.3.1 Construindo perspectivas informacionais colaborativas.....	44
2.3.2 Resiliência Informacional : A concepção do conceito.....	47
2.3.3 Resiliência Informacional em Redes Sociais Virtuais.....	50
2.3.3.1 O modelo de Resiliência Informacional em redes sociais virtuais.....	54
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	56

4 ANÁLISE DE DADOS.....	61
4.1 O ESTADO DE INCERTEZA INFORMACIONAL.....	63
4.1.1 Barreiras de rede.....	66
4.1.2 Barreiras Emocionais.....	67
4.1.3 Barreiras diáspóricas.....	71
4.1.4 Barreiras de tradução.....	72
4.1.5 Barreiras de letramento.....	73
4.1.6 Barriras de interação.....	74
4.2 ESTRATÉGIA INFORMACIONAL DE ENFRENTAMENTO COLETIVO EM REDES SOCIAIS VIRTUAIS.....	77
4.2.1 Conexão coletiva.....	78
4.2.2 Intencionalidade da informação em comum.....	80
4.2.3 Foco de atenção mútua.....	81
4.2.4 Humor compartilhado.....	83
4.2.5 Intensificação de <i>feedbacks</i>	83
4.2.6 Sentimento de solidariedade.....	85
4.2.7 Energia Emocional.....	86
4.2.8 Símbolo de pertencimento.....	87
4.2.9 Sentimentos de moralidade.....	88
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS.....	94
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENREV SEMIESTRUTURADA.....	99
ANEXO A – PRINTSCREEN DO POST NO INSTAGRAM DA REDE SOLIDÁRIA	101

ANEXO B – <i>PRINTSCREEN</i> DO POST NO <i>INSTAGRAM</i> DA REDE SOLIDÁRIA.....	102
ANEXO C – <i>PRINTSCREEN</i> DO POST NO <i>INSTAGRAM</i> DA PLATAFORMA GENI.....	103
ANEXO D – <i>PRINTSCREEN</i> DO POST NO <i>INSTAGRAM</i> DA PLATAFORMA GENI SOBRE O FORMULÁRIO.....	104
ANEXO E – <i>PRINTSCREEN</i> DO POST NO <i>INSTAGRAM</i> DA PLATAFORMA GENI SOBRE USO DO TEMPO NA QUARENTENA: QUAIS OS DESAFIOS?.....	105
ANEXO F – <i>PRINTSCREEN</i> DO POST NO <i>INSTAGRAM</i> DA PLATAFORMA GENI SOBRE AS MULHERES IMIGRANTES EM PORTUGAL E EMPREGABILIDADE.....	106
ANEXO G – <i>PRINTSCREEN</i> DO POST NO <i>INSTAGRAM</i> DA PLATAFORMA GENI SOBRE A IMIGRAÇÃO NO FEMININO.....	107
ANEXO H – <i>PRINTSCREEN</i> NO <i>WHATSAPP</i> DO GRUPO DA REDE SOLIDÁRIA REFERENTE A BARREIRAS A INFORMAÇÃO.....	108
ANEXO I – <i>PRINTSCREEN</i> NO <i>WHATSAPP</i> DO GRUPO DA REDE SOLIDÁRIA REFERENTE A BARREIRAS A INFORMAÇÃO.....	109
ANEXO J – <i>PRINTSCREEN</i> NO <i>WHATSAPP</i> DO GRUPO DA REDE SOLIDÁRIA REFERENTE A BARREIRAS A INFORMAÇÃO.....	110
ANEXO K – <i>PRINTSCREEN</i> NO <i>WHATSAPP</i> DO GRUPO DA REDE SOLIDÁRIA REFERENTE A BARREIRAS A INFORMAÇÃO.....	111
ANEXO L – <i>PRINTSCREEN</i> NO <i>WHATSAPP</i> DO GRUPO DA REDE SOLIDÁRIA REFERENTE CONEXÃO COLETIVA.....	112
ANEXO M – <i>PRINTSCREEN</i> NO <i>WHATSAPP</i> DO GRUPO DA REDE SOLIDÁRIA REFERENTE CONEXÃO COLETIVA.....	113
ANEXO N – <i>PRINTSCREEN</i> NO <i>WHATSAPP</i> DO GRUPO DA REDE SOLIDÁRIA	

REFERENTE CONEXÃO COLETIVA.....	114
ANEXO O – PRINTSCREEN NO WHATSAPP DO GRUPO DA REDE SOLIDÁRIA REFERENTE AO ATIVISMO DIGITAL.....	115
ANEXO P – PRINTSCREEN NO WHATSAPP DO GRUPO DA REDE SOLIDÁRIA REFERENTE A DESINFORMAÇÃO.....	116
ANEXO Q – PRINTSCREEN NO <i>INSTAGRAM</i> DA PLATAFORMA GENI.....	117
ANEXO R – PRINTSCREEN DOS TEMPLATES NO <i>INSTAGRAM</i> DA PLATAFORMA GENI.....	118
ANEXO S – PRINTSCREEN DO POST NO <i>INSTAGRAM</i> “SOMOS TODAS GENI” DA PLATAFORMA GENI.....	119
ANEXO T – RELATÓRIO ABRIL DE 2021 DA REDE SOLIDÁRIA (PLATAFORMA GENI.....	120
ANEXO U – <i>GOOGLE FORMS</i> DA PLATAFORMA GENI.....	121

1 INTRODUÇÃO

Março de 2020. A OMS declara que a epidemia de COVID-19 (Coronavírus) se converte então em uma pandemia e, com isso, marca tal ano na linha do tempo da história mundial. Desde então, está posta uma situação social e de saúde inédita em gerações, que vêm mergulhando o mundo em um profundo estado de perplexidade e incerteza - estado este que segue impactando o cotidiano de pessoas em todo o globo. Um vírus que não reconhece barreiras geográficas e que usa como passaporte a estrutura interconectada global contemporânea.

Além de impactar a situação sanitária, a estrutura de interconexão global, desde então, vem protagonizando um segundo cenário inédito: por conta das recomendações da OMS sobre distanciamento social, o cotidiano de todos os países afetados passou por um processo abrupto de virtualização da realidade, levando compulsoriamente as sociabilidades e suas aplicações funcionais como: a educação, a política, os produtos e serviços, além de tantos outros movimentos, para os espaços articulados digitalmente. Com isso, o ciberespaço mais do que nunca se tornou a vitrine do mundo para o bem e para o mal. Entre redes de solidariedade e episódios de desinformação, as complexidades sociais condizentes com o mundo interconectado em tempo real deu um salto quântico, às pressas, em questão de semanas.

Todas as comunidades necessitaram ser resilientes ao se adaptarem ao momento, o que exigiu novas habilidades tanto técnicas quanto emocionais. No entanto, nem todos os indivíduos detinham condições socioeconômicas e emocionais favoráveis para lidar com tantas adversidades. Dentre tantas comunidades vulnerabilizadas pelo COVID-19, junto aos atravessamentos das desigualdades sociais no processo de globalização (ou mundialização do capital), a comunidade de imigrantes - que ocupam um lugar (BHABHA, 2010) e vivencia a diáspora em seu cotidiano - sentiu fortemente o impacto de viver em território estrangeiro um período que foi difícil até mesmo para os que estavam perto dos seus familiares. Este grupo de pessoas então, mais do que nunca, se viu na necessidade de pensar estratégias de busca por informações e apoio socioemocional, para sobreviver.

Neste cenário, observou-se então um protagonismo feminino na elaboração de iniciativas colaborativas no enfrentamento das adversidades experienciadas pelos imigrantes, sobretudo as mulheres imigrantes na pandemia. Tal protagonismo, emergente no momento de crise, evidenciou um processo anterior mais amplo relativo à feminização das migrações

com o passar dos anos . A esse respeito, estimativas do “Relatório de Migração Global 2020” produzido pela ONU apontam que atualmente, 48% das pessoas em migrações internacionais são mulheres. Este percentual, que vem aumentando, ano após ano, reflete uma mudança cultural de emancipação da mulher em seus papéis na sociedade, a partir de debates sobre equidade de gênero e oportunidades mais justas para as mulheres. As imigrantes empreendem, movimentam a economia no território de destino e mesmo sem reconhecimento, e com asubvalorização laboral, elas configuram uma força motriz na gestão de situações de transição para toda a comunidade de imigrantes (SOUZA, 2019).

No contexto da pandemia, a situação de transição, sobretudo informacional, acentuou-se à medida que novos cenários de informação surgiam todos os dias com os desdobramentos das medidas restritivas, boletins epidemiológicos e a proliferação de conteúdos especulativos sobre curas, soluções, passando pela politização também dos discursos nas redes sociais digitais. A infodemia ocasionada pelo excesso de informações circuladas nas *web* (OPAS, 2020) se configurou como mais um elemento preocupante dentre as demais desinformações já experienciadas pela comunidade de imigrantes, que convive diariamente com variadas barreiras à informação, sociais e de saúde em sua trajetória em outro país, com reflexos significativos na qualidade de suas jornadas pessoais.

Nesta direção, e na tentativa de mitigar os impactos de saúde e de trabalho diante do contexto de isolamento social, as mulheres imigrantes tomaram a iniciativa de organizar redes virtuais de solidariedade no enfrentamento aos desafios do COVID-19, compartilhando sentimentos, informações e buscando soluções para as mais variadas situações juntas.

O presente trabalho se perfaz em um esforço de tradução das problemáticas emergentes do contexto supracitado, tecendo reflexões sobre migração, desinformação, práticas informacionais colaborativas, transição informacional e gênero, no período de março a junho de 2020. Com isso, pretende compreender como as mulheres imigrantes em suas redes construídas a partir das conexões virtuais via mídias sociais, colaborativamente, estabeleceram estratégias para enfrentar as incertezas prolongadas e a desinformação emergente do contexto posto em seus cotidianos pessoais, além de suportarem-se afetivamente, engajando-se em uma causa em comum. Para interpretar as dimensões e práticas desta comunidade no referido contexto, o estudo examina as dimensões contidas na problemática central do trabalho pelo prisma do conceito de Resiliência Informacional (LLOYD, 2014, 2015) e do modelo de Resiliência Informacional nas Redes Sociais Virtuais (BRASILEIRO, 2017).

Partindo do pressuposto que conceituações mais amplas sobre os fenômenos sociais podem ser tratadas partindo de um olhar socioinformacional na análise das práticas de

sujeitos , trazemos para o centro do debate o caráter ativo dos indivíduos e suas relações com seus recursos de capital social e cognitivo, que por sua vez, compreendem as dimensões simbólicas contidas nos fenômenos informacionais conforme a noção de práticas informacionais (ARAÚJO, 2017).

Com isso, propomos uma pesquisa empírica baseada nas práticas informacionais de mulheres brasileiras imigrantes em Portugal, que através da articulação de um coletivo de mulheres denominado “Plataforma Geni”, montaram uma rede solidária em resposta aos desafios encontrados no cotidiano do “novo normal” do COVID-19. O grupo em questão criou estratégias colaborativas para mitigação dos riscos, combate à desinformação em suas diversidade de aspectos , assim como intencionou a construção de uma transição de cenários informacionais menos turbulenta possível para as mulheres envolvidas, desenvolvendo a noção de Resiliência Informacional ao longo desse processo.

A pesquisa conta com o relato de 10 mulheres participantes desta rede solidária, que são utilizadas na construção das subcategorias de análise, baseadas no modelo de Resiliência Informacional em Redes Sociais Virtuais proposto por Brasileiro (2017), além de observações netnográficas para melhor apropriação do objeto, com observações, tanto das interações dentro do grupo da rede aplicativo de mensagens *whatsapp*, quanto das interações nas atividades voltadas ao público geral que segue a Plataforma, através de *posts* e *lives* na plataforma *Instagram* reuniões virtuais promovidas pelo coletivo na plataforma *Zoom*. Para a análise do material das entrevistas, escolhemos a análise temática, método que compõe uma das técnicas da análise de conteúdo (BARDIN, 1977), em que se busca visualizar e categorizar os fragmentos dos relatos pessoais que construam um sentido de acordo com o problema de pesquisa e os objetivos geral e específicos.

O problema de pesquisa em questão consiste em entender: como as práticas colaborativas nas mídias sociais agenciadas por mulheres brasileiras imigrantes em Portugal inseridas na rede solidária do coletivo “Plataforma Geni”, contribuem para a construção da resiliência informacional e enfrentamento à desinformação frente ao contexto do COVID-19?

Para chegarmos a esse entendimento, traçamos como objetivo geral compreender **como as práticas colaborativas agenciadas nas mídias sociais por mulheres brasileiras imigrantes em Portugal contribuem para a construção da resiliência informacional e enfrentamento à desinformação frente ao contexto do COVID-19.**

Buscando elucidar o objetivo geral, elencamos três objetivos específicos: 1) descrever os modos de desinformação vivenciados por mulheres imigrantes em Portugal; 2) investigar as práticas informacionais colaborativas nas mídias sociais frente ao contexto do Covid-19; e

3) analisar o processo de resiliência informacional das mulheres imigrantes em Portugal.

Quadro 1 – Estrutura e delimitação dos elementos de pesquisa

ESTRUTURA	DELIMITAÇÃO
Problema	Como as práticas colaborativas nas mídias sociais agenciadas por mulheres brasileiras imigrantes em Portugal contribuem para a construção da resiliência informacional e enfrentamento à desinformação frente ao contexto do COVID-19?
Objetivo geral	Compreender como as práticas colaborativas nas mídias sociais agenciadas por mulheres brasileiras Imigrantes em Portugal contribuem para a construção da resiliência informacional e enfrentamento à desinformação frente ao contexto do COVID-19.
Objetivo específico 1	Descrever os modos de desinformação vivenciados por mulheres imigrantes em Portugal.
Objetivo específico 2	Investigar as práticas informacionais colaborativas nas mídias sociais frente ao contexto do Covid-19.
Objetivo específico 3	Analisar o processo de resiliência informacional das mulheres migrantes em Portugal.

Fonte: elaborado pela autora.

Nesse sentido, no decorrer das seções, exploraremos conceitualmente os temas pertinentes ao estudo, a começar por ‘Mulheres imigrantes e transição informacional no Covid-19’. Esta seção se desmembra em três subtópicos: ‘Migração internacional em tempos de pandemia’, que aborda como se configura a questão da imigração em perspectiva com os eventos sociais e sanitários contemporâneos, trazendo dados sobre o contexto migratório atual e fazendo uma reflexão acerca das desigualdades sociais impostas à comunidade migrante. Em “A questão de gênero na migração contemporânea”, desenvolvemos um

pensamento acerca das questões que particularizam a experiência da mulher no contexto da imigração, sobretudo refletindo o reflexo destas no cotidiano pandêmico. Fechando essa parte, temos "Transição informacional", que faz uma análise sobre a experiência dos indivíduos que enfrentam um momento de transição nas formas de se informar, a partir das tecnologias digitais e das novas lógicas de sociabilidade criadas, bem como explora como os mesmos concebem a noção de risco partindo de uma perspectiva informacional e como transitam entre os cenários pré e pós pandêmico, processando os desafios também as oportunidades de aprendizagens.

A segunda seção se chama: 'A experiência da desinformação em contextos significativos de vida'. Nela, vamos abordar o fenômeno da desinformação e situá-lo dentro da condição complexa e matizada do ecossistema informacional atual além de relacioná-lo com o cotidiano de comunidades que enfrentam contextos significativos, pessoais e de saúde (CLEMENS; CUSHING, 2010). Em 'Ampliando o olhar sobre desinformação' primeiramente levantamos algumas referências acerca do que se entende sobre o termo desinformação, buscando delimitar, de antemão, a abordagem escolhida para o aprofundamento no presente trabalho, visto que se trata de um fenômeno amplo, interdisciplinar e em processo de conceituação acadêmica.

Na sequência, discorreremos sobre 'Uma abordagem construcionista da desinformação', que se estrutura na ideia do desenvolvimento de um olhar mais holístico sobre a desinformação, incluindo na discussão autoras que versam sobre aspectos da pesquisa científica que direcionam o olhar para o ponto de vista de quem recebe a desinformação, buscando entender como o contexto onde os indivíduos estão inseridos contribuem na forma como se interpreta a desinformação, seja ela intencional ou não. Exploraremos os conceitos de *disinformation* e *misinformation*, o conceito de percepção social da informação e desinformação (KARLOVA; FISCHER, 2013) e os conceitos de desinformação normativa e desinformação percebida (RUOKOLAINEN; WIDÉN, 2019).

Por fim, nesta seção, trabalharemos o conceito de estado de incerteza informacional (BRASILEIRO, 2019) buscando traduzir, a partir de um olhar socioemocional, a realidade da experiência desinformada de indivíduos em contextos socialmente vulneráveis como o da comunidade imigrante, quando quebram suas experiências informativas ao se defrontarem com tensões relacionadas à discrepância entre seus valores e práticas informacionais habituais e a dimensão normativa das informações e padrões.

Na terceira seção, exploraremos as práticas informacionais colaborativas, o conceito de Resiliência Informacional e o Modelo Resiliência Informacional nas Redes Sociais Virtuais. Em "Construindo perspectivas informacionais colaborativas", abordaremos a

perspectiva teórica de práticas informacionais, explanando de que modo este conceito se relaciona com o fenômeno da transição informacional atual e com o sentido coletivista que as interações informacionais se constituem.

Em “Resiliência Informacional: a concepção do conceito”, abordaremos a origem do conceito de Resiliência Informacional no que concerne às interações sociais e no campo da comunicação e informação, mostrando como seus principais autores aplicam o conceito em grupos que, a partir das conexões estabelecidas em momentos de dificuldades, constroem a possibilidades de coesão social negociada enquanto estratégia de superação das adversidades e incertezas. Em ‘Resiliência Informacional em redes sociais virtuais’ trazemos uma ampliação do conceito de Resiliência informacional para as ambiências digitais, trabalho proposto por Brasileiro (2017) a partir do Modelo de Resiliência Informacional em Redes Sociais Virtuais, no qual sistematiza como se dá o processo de Resiliência Informacional no contexto das práticas colaborativas situadas nas interações de indivíduos via dispositivos móveis. Um outro elemento de trabalho desta seção será mostrar as principais teorias que dão suporte ao desenvolvimento da RI, a exemplo da Teoria da Interação Ritual (COLLINS, 2004, 2009), a Agência Emocional na Teoria das Práticas (WEENINCK; SPAARGAREN, 2016) e as interações mediadas via tecnologias de dispositivos móveis (LING, 2009).

Por fim, acreditamos que o presente estudo venha contribuir e ser relevante para a área de comunicação e informação, assim como os estudos de migração e gênero pois versa sobre desdobramentos extremamente recentes e ainda em observação das imbricações entre comunicação, sociedade, práticas e transformações cotidianas dentro de um contexto de transição de cenários informacionais.

Este estudo acompanha a tendência da comunidade acadêmica em se debruçar sobre os aspectos informacionais do COVID-19, sendo um dos estudos do conjunto de pesquisas pioneiras que entrelaçam o contexto pandêmico, transição informacional e práticas informacionais. Outro aspecto importante, refere-se ao contributo científico desta pesquisa para alargamento do horizonte de conhecimentos acerca da multidimensionalidade do fenômeno da desinformação que assola as interações sociais no mundo, muito antes da pandemia. Por fim, aponta caminhos possíveis de articulações colaborativas funcionais no enfrentamento de situações de crise, sendo indicado para pesquisadores, profissionais e gestores das áreas de comunicação, informação e políticas de assistência social e de saúde.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 MULHERES IMIGRANTES E TRANSIÇÃO INFORMACIONAL NO COVID – 19

2.1.1 Migração internacional em tempos de pandemia

O deslocamento de pessoas entre países com culturas diferentes ocorre de diversas maneiras através do tempo, acompanhando o desenvolvimento da humanidade. Seja por motivos de intercâmbio cultural, desenvolvimento de competências, subsistência ou por eventos marcantes como catástrofes naturais ou conflitos armados, o fluxo de pessoas que se deslocam de seus territórios de origem tem relação sobretudo com as transformações sociais de uma época (MASSEY, 1990, 1997). Cada momento histórico e social imprime neste deslocamento características únicas e, neste sentido, desde o final do século XX, o processo de mundialização do capital - chamado também de globalização, influenciou a lógica das mobilidades humanas que desde então e, conjuntamente com a incursão das tecnologias de informação e comunicação (TIC's) nas interações sociais, vem experimentando um intercâmbio de informações cada vez mais rápido.

Cabe destacar aqui também que a relação entre globalização e mobilidade humana, se observada em perspectiva, com o modelo de econômico social neoliberal, que vivemos na maior parte do globo, revela que a temática imigração passa necessariamente pelas demandas e interesses dos mercados financeiros, processo este marcado pela desigualdade de oportunidades e por políticas restritivas direcionadas aos imigrantes em detrimento do aproveitamento da força de trabalho destes com vistas ao barateamento de custos de produção (SILVA; QUEIROZ; FERREIRA, 2017).

Dados do relatório mundial sobre migrações de 2020 (*World Migration Report 2020*), desenvolvido pela Organização Internacional para as Migrações (OIM / ONU), estima que existam cerca de 272 milhões de migrantes internacionais no mundo atualmente, o que corresponde a 3,5 por cento da população mundial. Ainda que aparentemente seja uma pequena porcentagem, o estudo revela que esse percentual vem crescendo de modo bastante acelerado ao longo dos anos, superando rapidamente estimativas feitas em estudos anteriores. Ademais, o crescente número de dados disponíveis sobre migração e mobilidade internacional reforça a ideia supracitada de que a migração está intimamente relacionada às transformações tecnológicas globais, com impacto nas esferas econômicas e sociais que, por sua vez, estão afetando questões políticas de alto nível de prioridade (OMI; ONU, 2019).

Em 2020, com o advento da pandemia do COVID-19, a trajetória dos migrantes internacionais tomou contornos mais dramáticos. O bloqueio de circulação no cotidiano da comunidade que depende da mobilidade para garantir melhores oportunidades, sobretudo em um contexto de crise sanitária, afetou profundamente todas as esferas da vida dessas pessoas.

Pensando nisso, a Organização Internacional para Migração (OIM) desde o início das restrições, em meados de março, vem monitorando os desdobramentos das restrições de deslocamento, o fechamento das fronteiras, assim como vêm acompanhando a elaboração de políticas de acesso e a elaboração de pré-requisitos de saúde para a comunidade imigrante.

O relatório “COVID-19 e o estado de mobilidade global em 2020” (2021) construído em uma parceria entre OIM e o *Migration Policy Institute* (MPI), contempla a primeira análise dos dados de trânsito de imigrantes para entender como a pandemia modificou a gestão de fronteiras e a mobilidade humana e quais as implicações destas ao longo de 2021 e depois disso.

O estudo revela que apesar de ter-se uma imagem generalizada de restrição de deslocamento ao longo de 2020, é possível identificar desdobramentos nesta mobilidade ao longo dos meses, sendo dividida então em três fases:

- a) Fase 1) Bloqueios de mobilidade: janeiro a maio de 2020, sendo caracterizado pelo ritmo acelerado com que as medidas restritivas de deslocamentos terrestres e viagens ocorreram, feito de modo sem precedentes e em grande parte de maneira descoordenada. Esse bloqueio consequentemente teve impacto na configuração de outras estimativas relacionadas à imigração: a queda brusca nos números de travessias irregulares e migrações ilegais;
- b) Fase 2) Reabertura de fronteiras e destinos em fases: junho a setembro de 2020: nesse momento, as autoridades começaram a retomada das viagens, e abertura de fronteiras com sensíveis mudanças mais ampla na política de deslocamento, à medida que a comunidade científica já detinha posicionamentos iniciais sobre a situação de saúde nos países. Foram introduzidos então requisitos de saúde, como quarentenas obrigatórias e certificados médicos;
- c) Fase 3) Respostas a novos surtos e mutações de vírus: caracterizado pela alternância entre as duas últimas fases, para responder ao crescimento do número de infecções, especialmente após a constatação do surgimento de novas variantes, a exemplo da B.1.1.28 identificada pela primeira vez no

Brasil.

Esta sequência de bloqueios restringiu a capacidade das pessoas deslocadas de buscar melhores condições de migração, assim como o refúgio. Além de causar a dependência de registros de saúde, sobretudo de maneira digital, o que tornou a capacidade de uma pessoa de viajar diretamente dependente de seu acesso à alfabetização digital. Esta situação de modo geral evidenciou as vulnerabilidades socioeconômicas dos imigrantes e ampliou as relações de dependência e exploração através de intermediários e facilitadores, chegando até mesmo em agências de contrabando, visto que esse contexto dificultou o acesso à informações confiáveis sobre rotas de migração em um momento de rápidas mudanças.

O cenário de virtualização da realidade, ocasionado pela pandemia, acentuou um processo anterior que já vinha ocorrendo nos movimentos de migração, que estão relacionados com a nova condição conectada das populações em situação de diáspora, conforme Pereira (2019, p. 2):

o uso intensivo dos dispositivos e das tecnologias digitais nos processos migratórios propiciou diversas mudanças, sobretudo, no planejamento, no deslocamento, na manutenção dos laços sociais no país de origem, bem como na reconstrução de vínculos e espaços de sociabilidade no país de inserção.

Ou seja, sob uma perspectiva positiva, a utilização das tecnologias no percurso de migração, contribui para a autonomia e ampliação das redes de contatos dos indivíduos. Por outro lado, a ausência de competências digitais nesta comunidade, mais que nunca, segregam estas pessoas de informações importantes e oportunidades e, em se tratando de um momento de crise sanitária, essas dificuldades podem influenciar diretamente no acesso à serviços de saúde essenciais para o bem estar físico e emocional dessas pessoas.

Tal entendimento vai ao encontro do pensamento de Lloyd (2014) ao estudar a experiência dos refugiados, quando recém chegados em um novo ambiente de informação em saúde, sofrem com barreiras linguísticas e de alfabetização, gerando-se uma tensão no momento em que precisam conciliar sua percepção habitual sobre saúde com as práticas de saúde do novo país. A autora também reflete em outro trabalho, que no momento em que precisam reconstruir a paisagem informacional que foi quebrada com a experiência de mudança, mesmo que estas pessoas tenham acesso aos dispositivos tecnológicos, muitas vezes elas “não têm formação e habilidades de alfabetização digital para navegar com competência e compreender a veracidade dos recursos da *Internet* e, muitas vezes sentir certeza em responder às solicitações institucionais pertinentes à sua residência.” (LLOYD, 2020)

No âmbito da vida cotidiana em outras esferas, além da saúde, frente aos desafios postos, aos poucos os imigrantes precisam se organizar, e, segundo Brinkerhoof (2009 *apud*

ESCUADERO, 2016) uma vez em território não familiar, existe uma mobilização entre indivíduos em situação de imigração, em torno de uma identidade diaspórica e uma ligação com a terra natal como estratégia de refúgio frente à tendências sociais predominantes em uma determinada cultura, que pode confrontar o modo de vida habitual dos imigrantes e até mesmo ocasionar episódios de xenofobia. Então, os imigrantes compartilham de vivências e valores parecidos e tendem a se conectar para oferecer suporte. Essa rede que se forma pode culminar, em última instância, em um associativismo com reflexos em outros campos, além do cultural, reverberando também nos âmbitos de organização política e econômica.

2.1.2 A questão de gênero

Do percentual de imigrantes ao redor do mundo, 48% são mulheres segundo a ONU (2020), o que justifica olhar como está situado o panorama migratório atual a partir do recorte de gênero. No entanto, os dados estatísticos sobre o recorte feminino nas migrações internacionais ainda podem ser bastante controversos, pois dependem do tipo de documentação emitida por cada país; das informações coletadas (ou não) de maneiras diferentes em cada lugar; do modo como os Estados incentivam (ou não) que migrantes se apresentem às instituições que levantam esses dados, e interesses e posições daqueles que organizam esses detalhes. Em “Mulheres e Migração: Números e fontes sobre mulheres na migração contemporânea”, o Museu da Imigração (2021) apresenta um panorama aproximado de percentuais relacionados a esta temática.¹

Tais estatísticas corroboram com o entendimento de Herrera (2011), que a imigração de mulheres vem crescendo de modo considerável dentro o universo de pessoas imigrantes no mundo. E apesar dos estudos acadêmicos sobre imigração terem crescido exponencialmente nos últimos anos, este panorama ainda não se reflete a contento na literatura acadêmica sobre imigração (HERRERA, 2011). Outra mudança relativa a este panorama se relaciona com o aumento dos fluxos migratórios no sentido das antigas colônias para os países desenvolvidos (MASSEY; 1999, 2000).

O fenômeno da feminização das migrações² vem na esteira das conquistas da emancipação feminina ocorrida nas últimas décadas, que desvincularam os projetos migratórios das mulheres dos seus relacionamentos afetivos/ estado civil, para dar espaço ao

1 Mulheres e Migração: Números e fontes sobre mulheres na migração contemporânea. Museu da Imigração, 2021. Disponível em: <<https://museudaimigracao.org.br/blog/migracoes-em-debate/mulheres-e-migracao-numeros-e-fontes-sobre-mulheres-na-migracao-contemporanea>>. Acesso em: 14 de Maio de 2021.

2 Feminização das migrações: o protagonismo social das mulheres migrantes <https://oestrangeiro.org/2020/02/05/feminizacao-das-migracoes-o-protagonismo-social-das-mulheres-migrantes/> Acesso em 15 de Março de 2021.

planejamento de projetos individuais, com motivações de trabalho, estudo e conhecimento pessoal. O aumento de tal percentual também pode ser observado nos fluxos migratórios de refugiados.

Em se tratando de mulheres imigrantes latinas, a condição de segurança também se traduz em um ponto importante que pesa na avaliação da decisão de migrar; a imagem de segurança que as mulheres constroem, a exemplo de poder transitar com menor perigo de assédio e abuso sexual, atrai a atenção das mulheres latinas, que sofrem historicamente com essa problemática em seus cotidianos. Contudo, cabe aqui a reflexão que tal expectativa não se reflete necessariamente na realidade migratória dessas mulheres, que cotidianamente passam por processos de invisibilização e estigmas nos países de chegada e a depender da sua situação social na qual estão inseridas em suas experiências, ficam expostas a situações abusivas físicas, psíquicas, xenofóbicas etc. seja por parte de pessoas desconhecidas ou nas relações afetivas construídas no país de destino, quebrando em diversos níveis suas expectativas primárias. (SANTOS; PIRES; HOFFMANN, 2019).

Outro aspecto, que reflete as desigualdades de gênero nas migrações, se refere ao processo de precarização laboral enfrentado por essas mulheres, independentemente de sua posição ou bom desempenho profissional prévio no país de partida. Soma - se a isso, o processo de reprodução do estigma feminino sobre o papel da mulher em atividades de cuidado. Sobre o tema, Herrera (2011, p. 19) reflete que:

as mulheres latino-americanas na Europa estão sobrecarregadas em atividades de cuidado, seja no trabalho, cuidado doméstico, cuidado de crianças e idosos e suas condições de trabalho variam amplamente dependendo do seu status de imigração, acesso para um mercado de trabalho mais formalizado, da época da migração e da sua situação familiar.

O tempo dedicado à criação dos filhos, aliados à tradicional distribuição desigual de responsabilidade parental, acarreta nas mulheres imigrantes menos disponibilidade para buscar se aperfeiçoar e garantir seu espaço no âmbito profissional. A vivência da maternidade revela também ser um aspecto sensível e preocupante pela insuficiência e falta de informação de acesso aos serviços de apoio à infância em um território desconhecido (SILVA, NOGUEIRA, GUEDES, 2016). A condição da mulher imigrante latino-americana, gera uma contradição pois, apesar de seus trânsitos migratórios se darem em razão de uma melhoria na situação econômica, percebe-se uma grande desvalorização social das mulheres, ou seja, mesmo com qualificação profissional, é difícil para uma mulher se posicionar na sua área de trabalho habitual no país de origem. Essa situação influencia o bem estar emocional dessas mulheres e dificulta o "cuidado de si mesmas" (HERRERA; 2011).

Dentre os desafios enfrentados pelas migrantes latinas em suas jornadas, está a

vinculação da imagem das mulheres latinas à sexualização de seus corpos. Tal postura toca em problemáticas muito particulares do machismo na vida das mulheres, e fazem parte do cotidiano e imaginário tanto dos habitantes dos países destino quanto por parte das próprias autoridades dos departamentos de turismo dos países de origem, ou de empresas que “vendem” imagens de mulheres cheia de estereótipos sexistas para fins de mercado (BALLERINI; 2018).

O aumento da xenofobia em um mundo cada vez mais polarizado, por sua vez, também influencia a percepção dos nativos dos países destino, que em alguns casos vem em uma crescente de tendências culturais cada vez mais fechadas, associando a chegada de pessoas de países em desenvolvimento à perda de postos de emprego, por exemplo. Todos esses aspectos somados se tornam grandes dificuldades para mulheres imigrantes poderem ter uma experiência saudável em seu processo de imigração, com reflexos sensíveis na autoestima, no bem estar social e psicológico. Deste modo, e considerando a natureza pluridimensional da conciliação, torna-se imprescindível incorporar uma perspectiva de gênero, não só nos programas de conciliação, mas também nas políticas migratórias (SILVA, NOGUEIRA, GUEDES, 2016).

O presente estudo pretende visibilizar a questão das mulheres imigrantes latino-americanas que, enfrentando uma crise sanitária mundial - ainda em curso, ao mesmo tempo precisam conciliar esta situação emergente com as tensões próprias ao contexto de transição cultural e de gênero migrante. Com o início da pandemia, a falta de redes sociais de apoio dos migrantes e o número de pessoas em situação irregular, direcionou esta comunidade para uma situação de extrema incerteza, sobre acesso a serviços de saúde, segurança social e trabalhista, e no caso em específico das migrantes femininas, a preocupação com o aumento de casos de violência doméstica.

Diante deste cenário, a comunidade de mulheres imigrantes em países como EUA e Portugal³ por exemplo, se mobilizaram em redes de solidariedade visando auxiliar outras mulheres a enfrentar os desafios impostos pelo contexto de emergência. Estas iniciativas compõem uma série de mobilizações que ocorreram ao redor do mundo no ano de 2020, protagonizadas por mulheres e feministas⁴ autônomas ou componentes de movimentos sociais organizados, com enfoque nos mais diversos tipos de assistências, desde apoio psicológico, apoio material para suprimentos de necessidade básica, orientações jurídicas, médicas etc.

3 Brasileiros em situação irregular em Portugal se desesperam com impactos do coronavírus. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/brasileiros-em-situacao-irregular-em-portugal-se-desesperam-com-impactos-do-coronavirus.shtml>>. Acesso em 01 jun. 2021.

4 Brasileiros em situação irregular em Portugal se desesperam com impactos do coronavírus. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/brasileiros-em-situacao-irregular-em-portugal-se-desesperam-com-impactos-do-coronavirus.shtml>>. Acesso em 01 jun. 2021.

além de produção de conteúdo informativos nas plataformas digitais e elaboração de outras comunicações comunitárias.

Em Portugal, o coletivo de mulheres imigrantes “Plataforma Geni” deu início a este movimento de solidariedade e feminismo no combate à pandemia através da elaboração de uma rede que contemplou os apoios descritos acima, aliando também à construção de apoios voltados especificamente para mitigar as problemáticas de gênero vivenciadas no cotidiano migrante, sobretudo em um contexto de crise e confinamento social.⁵ Tal iniciativa contribuiu para que a comunidade de mulheres imigrantes se sentissem mais amparadas e confiantes na tarefa de conviver em um contexto complexo de transições e incertezas prolongadas.

2.1.3 Transição informacional

O aumento do fluxo migratório nos últimos anos pode ser observado, em perspectiva, com o conjunto de mudanças estruturais e de mobilidade que a sociedade vem passando como um todo. Fatores como o contexto de crise política e econômica vivenciada em muitos países, sobretudo os menos desenvolvidos, assim como a compreensão do lugar das redes digitais nas formas de se conectar, o debate acerca das mobilidades migrantes contemporâneas evoca a compreensão do processo das várias chamadas da transição vivenciada pelos sujeitos em situações de mobilidade.

Partindo da observação das interações sociais no contexto de transição, sobretudo as transições mediadas pelos dispositivos móveis e mídias sociais, à luz de uma perspectiva crítica informacional, Brasileiro (2017) insere nos debates acadêmicos o conceito de "transição informacional", desmarcando um novo objeto de estudo no campo da comunicação e informação.

Agregando aos estudos empíricos desenvolvidos por Lloyd (2021), Brasileiro (2020) compreende que a transição se dá acima de tudo no nível informacional da vida dos indivíduos, complementando que “o processo de transição de uma ambiência informacional para outra – envolvendo a construção e transformação de práticas – consiste num fenômeno complexo, pois esta não acontece de maneira linear e previsível” (BRASILEIRO, 2020). Assim como no processo de migração, em que os indivíduos em experiência de mobilidade vivenciam uma situação de diáspora - implicando em dificuldades na orientação informacional, o momento de transição informacional atual nos põe em uma situação de

5 Brasileiras em Portugal ajudaram mais de 230 compatriotas em vulnerabilidade durante pandemia Disponível em: <<https://www.mundolusiada.com.br/acontece/brasileiras-em-portugal-ajudaram-mais-de-230-compatriotas-em-vulnerabilidade-durante-pandemia/>> Acesso em 01 de jun. 2021.

diáspora informacional. Fazendo um paralelo com a situação pandêmica vivenciada atualmente, é notório que estamos passando por um momento coletivo de transição informacional, em que toda a sociedade empreende um esforço ininterrupto na tentativa de se localizar em meio à imprevisibilidade e volatilidade das informações circuladas.

Através das tecnologias de informação e comunicação (TIC'S), as pessoas imigrantes criam novas estratégias práticas para se manterem informadas, tanto no planejamento de suas jornadas, quanto no decorrer de suas experiências. Aqui, podemos ressaltar o caráter multifacetado das tecnologias no universo da migração: o uso das TIC's, como aplicativos de troca de informações de última hora, podem tanto ajudar no contrabando de fronteiras, quanto consolidar plataformas de mídia social que conectam geograficamente grupos dispersos com interesses comuns (OMI/ONU, 2019). Isso suscita o debate sobre em que medida as pessoas migrantes estão expostas aos benefícios e malefícios do uso das tecnologias disponíveis.

O relatório 2020 da ONU levanta uma segunda questão relacionada com os desafios do contexto de migração, mídias sociais e mobilidade em tempos de incerteza (OMI/ ONU, 2019).

No tocante, principalmente à recente instrumentalização da pauta de migração nos discursos de extrema direita, a propagação de desinformação e distorção da representação desses grupos, a partir das redes digitais tem ocorrido de modo preocupante e com reflexos sensíveis da gestão de políticas públicas dos países e na polarização da opinião pública acerca do tema. Mais um fator de tensão que se soma ao contexto, e que impacta diretamente a qualidade da experiência de migração, especialmente no que concerne à condição de resiliência e saúde mental dos indivíduos que estão em trânsito.

Todas essas tensões experimentadas juntas nos trazem para a análise um tipo de manifestação muito complexa da experiência infocomunicativa na contemporaneidade. No campo da comunicação e informação, essas questões são refletidas no trabalho de Brasileiro (2019) a partir do termo Transição Informacional, que seria uma tradução do fenômeno informacional assentada nas tensões transitórias que particularizam as experiências sociais e humanas (BRASILEIRO, 2019). O autor busca refletir, como se dá a experiência de indivíduos que experimentam a mobilidade diaspórica (territorialmente ou sócio emocionalmente falando), e como eles transitam partindo de seus ambientes normativos e habituais para ambientes não familiares. Esses indivíduos experimentam uma situação de incerteza informacional e desenvolvem estratégias de superação desse estado. No tocante às ambiências digitais, esse processo de transição se torna ainda mais complexo compondo, em um mesmo espaço, diversas possibilidades negativas ou positivas para a experiência como um todo, como o contato com informações falsas, exposição, assim como sociabilidade e novas

aprendizagens.

Pensando a transição informacional enquanto objeto de estudo, e articulando esse pensamento com a realidade migratória dos refugiados, Lloyd (2014) estabelece no campo da ciência da informação o conceito de Resiliência Informacional visando entender empiricamente como os indivíduos processam e criam estratégias de orientação e letramento informacional quando expostos à ambiências informacionais complexas, especialmente em contextos significativos e de saúde. Se faz necessário então, a partir de tais conceitos, evidenciar no presente trabalho a situação de desordem informacional experienciada pelos indivíduos quando expostos a estas situações informacionais complexas.

Nesta pesquisa, abordaremos a transição informacional no contexto das mulheres imigrantes brasileiras durante os cem primeiros dias de declaração do COVID-19 ao vivenciaram as múltiplas dificuldades informacionais, ante a orientação, ajuste e ressignificação da situação de vida impostas à elas pela pandemia, associados também às dificuldades cotidianas já presentes e inerentes à condição de imigrantes.

Nesse sentido, Lloyd e Hicks (2021) empreenderam um estudo inicial buscando compreender o desdobramento da informação e das práticas das pessoas durante a pandemia COVID-19. Com isso, o estudo pretendeu observar como estas pessoas processaram as informações do momento e como elas realizaram a transição de um ambiente informacional normativo, para um para ambientes de informação pandêmico, além de buscar mapear quais práticas de alfabetização informacional surgiram neste processo. O estudo ainda revelou que a transição não se deu de modo uniformizado, sendo caracterizado por algumas fases, sendo experiência moldada por uma “fase de desdobramento”, uma “fase de intensificação” e uma “fase estável” . O letramento da informação então surgiu como uma forma de proteção à medida que os participantes se engajaram em atividades de informação criadas para mitigar os riscos de saúde, jurídicos, financeiros e de bem-estar produzidos pela pandemia.

2.2 A EXPERIÊNCIA DA DESINFORMAÇÃO EM CONTEXTOS SIGNIFICATIVOS DE VIDA E DE SAÚDE

2.2.1 Ampliando o olhar sobre desinformação

A incursão da lógica das interações humanas via redes sociais digitais nos expôs a um período de transição informacional - ainda em curso, que acelerou a experiência de trocas sociais, transformando, significativamente, os processos e o próprio significado de comunicar (DI FELICE, 2008). A diminuição das distâncias entre emissão e recepção das

mensagens, através das mídias sociais, emancipou os indivíduos no sentido de se perceberem enquanto produtores de informação, horizontalizando os processos comunicativos. Contudo, muito anterior às facilidades que o meio digital nos trouxe, as pessoas desde sempre compartilham informações e emitem opiniões sobre os mais variados assuntos, especialmente os de interesse próprio ou de sua comunidade. Seja por quais motivos for, compartilhar informação e opinião faz parte do comportamento informacional humano, mesmo quando não se tem total certeza da procedência da informação circulada . (KARLOVA; FISHER, 2013).

Por toda a complexidade envolvida, a chamada era da informação vem passando por um olhar cada vez mais crítico pois, o "informar" atualmente já não representa mais a certeza de um fim benéfico, e sim a informação como construtiva de várias realidades, ou como nos fala Demo (2000) passamos a enxergar cada vez mais as ambivalências da informação, desmistificando seus processos e intencionalidades e que “em certo sentido, todo processo informativo é manipulador, porque seleciona a informação disponível, além de a interpretar hermeneuticamente. Esta é a marca do conhecimento como tal: à medida que conhece a realidade, destaca nela o que o método pode captar, além de impingir interpretações orientadas pelo interesse, por vezes escuso” (DEMO, 2000, p.40).

Além da intencionalidade, o processo de transição informacional nos confronta também com a polifonia vinda das várias vozes que ecoam nas redes, que aliadas à velocidade de propagação, tem gerado uma verdadeira epidemia informacional também chamada de “infodemia”, que torna difícil o encontro com fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa (OPAS, 2020). Ainda mais recente, o termo “desinfodemia” (UNESCO, 2021) complementa que não estamos vivendo apenas uma época de excesso de informação, mas de excesso de desinformação com consequências graves à circulação de informações úteis à população, sobretudo no contexto da pandemia. Estes ruídos informacionais têm crescido exponencialmente e a informação está “desinformando” com uma frequência que já não é mais novidade a preocupação sobre seu potencial de interferência na percepção da realidade com impactos sociais, econômicos, de segurança e saúde. Deste modo o fenômeno da desinformação está inevitavelmente no centro dos principais debates sociais contemporâneos. A desinformação no ambiente digital, em pouco tempo, se tornou vetor de um caos social que, atualmente, prejudica comunidades em todo o mundo e vem transformando profundamente as relações entre pessoas, grupos, governos e instituições.

No dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2020, p. 78) o termo desinformação

é definido como “ato ou efeito de desinformar, de suprimir uma informação, de minimizar a sua importância ou de modificar o seu sentido; informação contrária à verdade, capaz de confundir ou de induzir em erro; falta de conhecimento”. Apesar de muito pautado na atualidade, o termo desinformação não é novo, sendo seu primeiro registro ocorrido em 1923, originalmente em russo. “*Dezinformatsiya*”, nos remete à época de funcionamento do departamento de propaganda desinformativa soviética na extinta KGB⁶, logo após o término da segunda guerra mundial.

Outra expressão comumente associada à desinformação, se trata do termo “*fake news*”, que se pôs em evidência, mundialmente, durante os debates em torno das eleições presidenciais dos Estados Unidos (2016), da votação do *Brexit* na Inglaterra (2016) e aqui no Brasil, nas eleições presidenciais de 2018. Recordando a origem do referido termo, encontramos o uso deste pela primeira vez, em 1925, em uma publicação na revista estadunidense *Harper's Magazine*. O artigo, intitulado “*Fake News and the Public*”, lamentava como a corrida por notícias inéditas nos jornais permitiam que a desinformação se disseminasse rapidamente (McKERNON, 1925 apud WANG, 2016).

Além do âmbito político e midiático, podemos observar a desinformação também, a partir das micro dinâmicas de interação no cotidiano. Boatos e rumores acerca de situações cotidianas, sobretudo estressantes e pessoalmente significativas (CLEMENS; CUSHING, 2010) são campo fértil para especulações e interpretações precipitadas, cheias de incertezas que podem gerar grandes transtornos em uma comunidade.

À exemplo disto, em 1975, a cidade do Recife vivenciou uma verdadeira onda de caos e pânico coletivo, a partir de rumores populares. Após uma grande enchente ter atingido a cidade, surgiu em meio à população o boato de que a barragem de Tapacurá, localizada no município de São Lourenço da Mata, região metropolitana do Recife, havia estourado. O rumor logo se espalhou, gerando temor e alarde, mesmo sem ter sido noticiado nos meios de comunicação tradicionais. Assim, até que as autoridades conseguissem desmentir a informação enganosa, muitas pessoas já haviam evacuado de suas casas e situações psicologicamente críticas foram postas, resultando em uma onda de caos devido ao pânico instaurado (GUIMARÃES, 2018).

Guardando a dilatação temporal e a magnitude do fato ocorrido, o atual contexto pandêmico do COVID-19 expôs a sociedade, à uma onda de insegurança e instabilidade informacional generalizada, nos níveis micro e macro das relações. Além da ruptura com a

⁶ KGB, sigla do Komitet Gosudarstvenno Bezopasnosti (em português “Comitê de Segurança do Estado”) foi a principal organização de serviços secretos da União Soviética e desempenhou suas funções entre março de 1954 e novembro de 1991.

normalidade, devido às recomendações da OMS sobre distanciamento social, fomos direcionados, compulsoriamente a um contexto de virtualização da realidade, potencializando os efeitos colaterais da desordem informacional no âmbito digital. Esta situação gerou uma avalanche de especulações, informações equivocadas, opiniões sem bases comprovadas cientificamente, na busca por encontrar algum dado que fizesse sentido, em meio à desorientação informacional, seja em nível coletivo ou no contexto específico de cada grupo.

Esta situação, deflagrada em março de 2020, no entanto se estende até hoje, acompanhando as variantes do vírus , estamos passando de igual modo, por variantes desinformativas, que impactam desde as micro interações sociais até as estratégias de saúde pública adotadas pelos países. Portanto, diante desse cenário, é possível verificar que, seja em boatos em comunidades físicas ou virtuais, com menor ou maior grau de manipulação intencional, o fato é que as pessoas se atraem pelas narrativas que lhes é conveniente. Nesse sentido, Lewandowsky et al (2013) contribui com a discussão argumentando que, as narrativas construídas pelos indivíduos os ajudam a administrar a complexidade que acompanha grandes quantidades de informação.

Ainda que a prática desinformativa não seja uma novidade advinda com as tecnologias digitais, é inegável que o contexto das interações mediadas pelas redes telemáticas deu mais celeridade e intensidade às sociabilidades humanas, despertando grande interesse na comunidade acadêmica, especialmente no campo da comunicação e informação. Desde então, pesquisadoras e pesquisadores vêm empreendendo um esforço considerável no aprofundamento das nuances deste conceito, concordando sobre a diversidade de aspectos que compõem a desinformação (WANG, 2019) e compreendendo a estrutura interdisciplinar que compõe a desordem informacional atual (WARDLE, DERAKHSHAN, 2017), a qual se configura como um problema multifacetado em evolução, que não possui uma única raiz e que exige soluções multidimensionais (COMISSÃO EUROPEIA, 2018). A característica interdisciplinar da desinformação tem nos trazido estudos partindo dos mais variados recortes e aportes teóricos, e a literatura sobre o tema está em pleno processo de expansão e em constante atualização.

Para o presente estudo, partimos da compreensão que existem tipos distintos de conteúdos problemáticos dentro de nosso ecossistema de informações (WARDLE, 2017). Em seguida, escolhemos utilizar a compreensão da literatura estrangeira sobre o fenômeno que compõe dois termos: *Disinformation* e *Misinformation*. O termo “*disinformation*” se refere ao ato de falsear, alterar ou forjar uma realidade de modo intencional e deliberado para um grupo ou comunidade no intuito de moldar a opinião pública diante de algum fato

ou acontecimento (deve-se observar que essa prática usualmente está ligada a um background de disputas políticas e manipulações intencionais de narrativas). Já o termo "*misinformation*" se refere à prática da desinformação não intencional, isto é, a desinformação que emerge nas interações sociais cotidianas, quando em meio à hiper circulação de informações, a ocorrência de informações falsas e/ou distorcidas acontece sem que as pessoas percebem com nitidez e sem o conhecimento do quão prejudicial pode vir a ser o seu compartilhamento.

Misinformation tem bastante relação com a falta de familiaridade dos sujeitos frente ambiente infocomunicacional complexo contemporâneo (WARDLE; 2017). De acordo com o pensamento de Karlova e Fisher (2013), infelizmente, a desinformação em seu aspecto '*misinformation*' não parece receber a atenção que merece e poucos autores discutem em detalhes esta segunda perspectiva.

É difícil nesse momento chegar a uma conceituação definitiva sobre desinformação, existindo limites tensos em relação a pensar onde termina um tipo de desinformação e onde começa o outro. Tentando exemplificar melhor, uma *disinformation* (informação manipulada intencionalmente), esta quando disseminada em um grupo sensível a determinados assuntos, tende a originar uma onda de *misinformations* (rumores e boatos sem coordenação e verificação), que podem agravar a situação de vulnerabilidade informacional deste grupo. Do mesmo modo, observando as interações em determinado grupo, a ocorrência de grandes quantidades de *misinformations* evidencia o quanto este está afetado pelas incertezas acerca de um contexto - o que pode abrir espaço para que *disinformations* (com o propósito de se obter um controle de narrativa e até influência política) sejam absorvidas com mais facilidade por seus membros. Portanto, para nos aproximarmos de uma noção mais precisa sobre esse assunto, a fim de melhor gerir a complexidade desse fenômeno, é necessário empreender uma compreensão mais sutil do comportamento da informação e desinformação (KARLOVA e FISCHER, 2013).

Sendo assim, algumas autoras vêm realizando pesquisas abordando a temática da desinformação a partir de um olhar mais holístico. Karlova e Fisher (2013) entendem a desinformação como variedade do comportamento da informação e argumentam que a noção de desinformação é melhor aproveitada quando entendemos que ela estende o conceito de informação em sua informatividade. Ou seja, apesar de enganar (intencionalmente ou não), as desinformações também informam indivíduos e grupos, a depender da situação e da necessidade de informação em que se encontrem essas pessoas. Este raciocínio vai ao encontro do pensamento de Buckland (1991, p. 9) quando diz que

“ser informativo é situacional”.

Nas mídias sociais, as desinformações podem se espalhar facilmente, pois engano e credibilidade podem mudar em seu significado, relevância e contexto. Os limites entre intenção e crença podem não ser tão claros quanto supomos, a ver em um exemplo: “se um engano é socialmente e normativamente aceitável em um contexto, então a ideia de intenção como antagonista ou benevolente torna-se uma falsa dicotomia e questiona se essas são as visões apropriadas sobre o tópico da intenção de enganar” (KARLOVA; FISHER, 2013).

Esta perspectiva destaca a importância de examinar a desinformação, a partir da visão do receptor, buscando entender o processo de disseminação e recepção da desinformação, a partir da realidade contextual dos indivíduos. Para melhor compreendê-la, as autoras desenvolveram o “modelo de difusão social da informação e desinformação” (*social diffusion model of information, misinformation, and disinformation*). Neste modelo, Karlova e Fischer (2013) investigam como os indivíduos percebem, a partir das suas realidades, pistas de credibilidade das informações antes de as julgarem e disseminarem. As autoras complementam que é possível que pistas de credibilidade de uma informação possam ser utilizadas para disfarçar uma desinformação intencional, a exemplo dos *layouts* bem construídos para *sites* sem credibilidade, que simulam ser fontes confiáveis, e o uso de recursos de linguagens e/ou imagens que despertem identificação imediata no receptor.

Neste sentido, observar a desinformação a partir dos contextos sociais dos indivíduos nos leva, segundo Karlova e Fisher (2013), a perceber melhor o nível de ignorância ou intenção das partes, fornecendo elementos mais sólidos na busca por estratégias que visem interceptar o percurso da desinformação entre emissor - receptor.

Tal ideia nos conecta diretamente com os esforços em direção à alfabetização informacional (*informational literacy*). As autoras defendem a importância em ampliarmos o olhar para as possibilidades que a desinformação traz para a sociedade. Uma exploração acerca de como as pessoas percebem as pistas de uma desinformação e o modo como elas utilizam essas pistas pode nos iluminar sobre métodos de detecção. A experiência da desinformação pode ser encarada como oportunidade para direcionar as pessoas, grupos e governos a melhorarem seus mecanismos de busca de informações. Observar a desinformação na perspectiva de comportamento é útil para que especialistas, como médicos, cientistas e outros profissionais, se utilizem dessa oportunidade para educar os usuários da informação e engajar toda a sociedade.

2.2.2 Uma abordagem construcionista da desinformação

Para articular um pensamento, que parta das micro interações sociais para compreender a difusão social da desinformação, Karlova e Fisher (2013) se apoiam no pensamento de Tuominen e Savolainen (1997), que investigam os fenômenos informacionais a partir de uma abordagem social construcionista. Segundo os autores, uma visão construcionista da informação é útil ao se discutir desinformação, pois enfatiza o contexto social e as interações entre as pessoas ao determinar o que é informação e o que pode ser informativo.

A desinformação como comportamento informativo pode ocorrer no discurso das pessoas, assim como pode ser utilizada na construção de uma realidade. Nesse sentido, a realidade social é produzida e organizada a partir da interação social (TAJLA; TUOMINEN; SAVOLAINEN, 2005). Se uma informação equivocada é reproduzida e ganha ressonância entre uma comunidade, é muito provável que naquela comunidade em algum momento aquela informação se transforme em uma verdade, pois os indivíduos passam a absorver tais elementos de informativos a partir de fontes de confiança, criando uma realidade verídica na concepção deles. Exemplo: Um líder comunitário que acredita erroneamente que o remédio cloroquina é capaz de curar os sintomas do COVID-19, provavelmente as pessoas ao seu entorno tenderão a considerar aquele remédio que não é comprovado cientificamente como eficaz, reproduzindo esse discurso e fortalecendo esta hipótese perante sua família, comunidade.

Agregando aos estudos que olham para a desinformação a partir do viés construcionista, Ruokolainen e Widén (2019) também propuseram um trabalho observando como a realidade particular dos indivíduos influenciam na percepção da informação e desinformação. O estudo investiga em específico o cotidiano de sujeitos provenientes de comunidades em situação de vulnerabilidade social. Ao analisar as práticas informacionais de requerentes de asilo, refugiados e imigrantes em processo de diáspora, a pesquisa observa como se constrói a relação de uso das tecnologias, considerando as conexões sociais digitais tecidas a partir desses sujeitos, na busca por informações relevantes para a condição dessas pessoas (como informações em saúde e seguridade social), além da busca por inclusão sociocultural no país de destino.

O trabalho investiga também como o ecossistema informacional complexo no contexto em questão abre espaço para a circulação de informações equivocadas. Para tal, parte das práticas, enquanto formas sociais e culturais estabelecidas estruturalmente, de identificar, buscar, usar e compartilhar informações (SAVOLAINEN, 2008). Tal perspectiva ilustra o quanto um contexto social específico afeta o que pode ser entendido como informação e como

informativo, e como nem toda informação passada realmente consegue fazer sentido no contexto em que determinado sujeito está inserido. As pessoas que compõem um grupo marginalizado (no senso comum normativo da sociedade), com seus diferentes pontos de vista - frequentemente negligenciados, segundo as autoras, nos aproxima de umam melhor compreensão do quão matizada pode ser uma situação de (des)informação. Wang *at al.* (2019) corrobora com o entendimento da importância de estudos nessa perspectiva – sobretudo no que concerne à desinformação em situações de saúde, pois interpreta que, ainda, se há compreensão insuficiente sobre a susceptibilidade à informação a partir dos vários grupos sociodemográficos, sublinhando a urgência em compreender o papel dos sistemas de crenças e vieses na intenção de espalhar desinformação.

É necessário buscar compreender o quanto os aspectos sociais, culturais e históricos influenciam na compreensão de informação e o que percebemos como verdadeiro (KARLOVA e FISHER, 2013). Estudar questões que tratam da verdade e dos entendimentos de verdade, pressupõe levar em consideração as dimensões sociais. Tal pensamento dialoga com Stahl (2006) quando elabora que, muitas vezes, ao falarmos sobre verdade, estamos na realidade falando sobre seu entendimento normativo, e pode ser difícil compreender a diferença entre informações verdadeiras e informações normativas. Haasio (2015) também contribui nessa direção ao refletir que é possível que informações sejam informativas e ao mesmo tempo sejam contrárias a valores e normas aceitas na sociedade. Para discutir a relação da verdade e normatividade da informação, Haasio (2015) estruturou os conceitos de informação normativa (*normative information*), vindas de fontes oficiais como governo, cientistas e mídia tradicional, e informação desnortativa (*disnormative information*), que distribuídas por meios alternativos e frequentemente veiculados nas mídias sociais, promovem a contracultura e se baseiam em vivências e opiniões.

Para analisar as práticas informacionais e investigá-las empiricamente em relação ao aspecto de desinformação (*misinformation*) sobretudo em grupos de pessoas em situação de vulnerabilidade social, Ruokolainen e Widén (2019) desenvolveram os conceitos desinformação normativa (*normative misinformation*) e desinformação percebida (*perceived misinformation*). Estes conceitos são uma tentativa - mesmo que ainda não esgotada - de responder ao dilema da desinformação e da verdade na pesquisa empírica. Ambos podem ser vistos como ferramentas que facilitam a discussão sobre desinformação sem tomar uma posição sobre o que seria objetivamente preciso ou impreciso. Segundo as autoras, pensar a desinformação percebida se faz necessário para dar voz aos receptores da informação e entender suas visões e valores em paralelo com o contexto social onde esses indivíduos estão

inseridos, pois estes orientam a compreensão das informações. Portanto, a desinformação percebida deve ser comparada à desinformação normativa. No sentido da análise da informatividade de uma desinformação, as autoras ponderam que o entendimento de informação e desinformação normativa não diminui a percepção dos indivíduos que partilham de visões não normativas (ou desnormativas), pois as visões normativas nesse caso, não são vistas como verdades absolutas, e sim como interpretação da realidade que passa a ser dominante em determinadas circunstâncias sociais.

Para ilustrar este processo, Ruokolainen e Widén (2019) elaboram o modelo de percepção social da informação. Este modelo foi criado para compreender as múltiplas percepções e consequências da desinformação no contexto de grupos vulneráveis que, embora não façam parte da normatividade, precisam conciliar seus valores/práticas com a desinformação normativa. Ao escolherem pesquisar as práticas (des)informativas em grupos vulneráveis, as autoras escolhem não negligenciar a diversidade de informação na vida das pessoas, e com isso, as autoras refletem que tal atitude possibilita a abrangência dos vários aspectos da informação, compreendendo aí também a desinformação, enfatizando assim que, toda informação é essencialmente informação, o contexto é quem mudará o sentido percebido destas.

2.2.3 O estado da incerteza informacional

Diante do exposto, a desinformação enquanto experiência revela uma tensão entre mundos de valores diferentes, em geral desencadeada após algum acontecimento que mobiliza a opinião das pessoas, que buscam a confirmação ou reafirmação de suas hipóteses, embora os próprios sujeitos muitas vezes não se estejam seguros da assertividade da mobilização.

Buscando conceituar este intervalo do comportamento desinformativo, Brasileiro (2017) estabeleceu nos estudos do campo da comunicação e informação o conceito ‘estado de incerteza informacional’. O termo busca traduzir a realidade da experiência desinformada de indivíduos expostos a situações que "quebram" a experiência informativa dos indivíduos, e quando defrontam com tensões relacionadas à discrepância entre valores/práticas informacionais habituais e padrões normativos de informação em um determinado contexto. O autor prioriza o olhar sócio emocional do fenômeno, quando define o termo “estado” para evidenciar o aspecto da vulnerabilidade emocional momentânea experienciada, decorrente da tensão entre os capitais emocionais vinculados às práticas informacionais. Já o termo “incerteza informacional” abarca as múltiplas percepções que a desinformação pode proporcionar. Estas percepções, por sua vez, dificultam os múltiplos objetivos informacionais

no processo de adaptação e conciliação com o ambiente informacional não familiar.

Brasileiro (2017) reflete que, contudo, o estado de incerteza experimentado por sujeitos que vivenciam contextos significativos/ pessoais/ de saúde não se restringe às incertezas que emergem do processo de busca pela informação. Sobretudo se refere às incertezas inerentes à mudança/ ruptura que desloca os sujeitos de suas comunidades habituais de interlocução (GONZALEZ DE GOMES, 2004). Ou nas palavras de Lloyd (2015), de suas bases de conhecimento, demandando o desenvolvimento de novas habilidades, modos de saber e estratégias normativas para enfrentar o desconhecido. Neste panorama, a informação (bem como a desinformação) e as práticas informacionais estão situadas nas ordens sociais atreladas a diferentes mundos de valor. Corroborando com esse pensamento, Goldsmith (2001) aprofunda alguns aspectos acerca da multiplicidade dos significados das incertezas correspondentes às experiências intersubjetivas e situacionais dos sujeitos. O contexto sociocultural particular do sujeito pode revelar tensões que envolvem redução, manutenção ou ampliação das incertezas; os comportamentos de comunicação na gestão das incertezas devem ser compreendidos como práticas que derivam das normas sociais que envolvem, estruturam e julgam a forma como os indivíduos buscam informações. Outrossim, algumas práticas informacionais podem ter mais sucesso que outras, à medida em que têm de se adaptar aos inúmeros desafios que uma situação de incerteza traz quando conduzidas no interior de determinadas normas sociais .

Continuando a discussão no âmbito das práticas informacionais em contextos significativos - sobretudo em saúde, o processo de gerenciamento das informações que ocorre em meio às dificuldades derivadas da condição de vulnerabilidade socioemocional que os sujeitos enfrentam, fazem uma contraposição à facilidade que as mídias sociais trazem para a busca e compartilhamento das informações. Clarificando, os sujeitos nessa posição negociam as dificuldades relativas aos limites das dinâmicas das mídias, enfrentam diversas barreiras subjetivas/ de interação, administrando essas dinâmicas em um contexto de busca por soluções dentro de uma realidade informacionalmente fragmentada e desconhecida. São múltiplos e concorrentes os objetivos no percurso entre a busca por uma informação, dado o contexto de incertezas e desordem informacional, sendo acometido por inúmeras barreiras até se chegar ao encontro com as informações acuradas.

Mais uma vez , Brasileiro (2017) explora tal perspectiva, categorizando as barreiras percebidas pelos usuários, que podem influenciar na capacidade de engajamento e tomadas de decisão, refletindo o estado de incerteza informacional. Estas barreiras são respectivamente: *barreiras emocionais* (vinculadas a sentimentos de baixa frequência energética como

angústia, medo, ansiedade); *barreiras de tradução* (relacionadas com a dificuldade na transliteração de informações científicas / oficiais em linguagem acessível); *barreiras diaspóricas* (relacionadas a não familiaridade com determinados tipos de conteúdos e culturas dispersos no ambiente da web social e que podem gerar desconfiança, aversão); *barreiras linguísticas e/ou de letramento* (concernentes às habilidades e competências informacionais limitadas); *barreiras de interação* (referente aos rituais de interação pessoal no ambiente da web, que podem despertar timidez, desconforto) e *barreiras de rede* (vinculadas à quantidade de laços e conexões que um indivíduo tem em sua rede de relações, que podem potencializar ou restringir o acesso a informações relevantes). Tais categorias serão melhores exploradas nas seções subseqüentes do presente trabalho.

A relação entre as instabilidades e as possibilidades na busca por informações relevantes também pode ser percebida no trabalho de Brasehrs, Goldsmith e Hsieh (2002) que estudam as práticas informacionais agenciadas pelos sujeitos quando buscam compreender, prevenir ou superar um estado de saúde específico. As práticas então podem envolver comportamentos diversos na busca pela interpretação das informações que, por sua vez, provém de fontes normativas (serviços de saúde, órgãos oficiais, mídia tradicional) e fontes não normativas (canais de comunicação via internet, redes de relações de amizade e familiares). A informação (assim como desinformação), nesse sentido, pode aumentar a insegurança, mas também pode fornecer esperança e otimismo, levando em consideração que um indivíduo em situação de vulnerabilidade socioemocional pode desenvolver sentimentos positivos e motivadores, estando frente à uma informação positiva e relevante para seu contexto específico – ainda que em um primeiro momento não se tenha certeza sobre a veracidade da mesma.

Ao justapor essa abordagem das incertezas com as variações da desinformação na experiência de sujeitos em contextos de vulnerabilidade, portanto, o conceito estado de incerteza informacional se configura como recurso analítico para os estudos da desinformação, à medida que permite articular as percepções/emoções das múltiplas incertezas que emergem do contexto adverso com as percepções/emoções das múltiplas desinformações advindas das conexões com as fontes diversas. Segundo Brasileiro (2017), uma análise empírica nesse sentido deve envolver: o entendimento normativo das informações que envolvem o contexto; os eventos ou situações que contrastam/rompem com a normatividade; as emoções e incertezas decorrentes; e as barreiras à informação frente aos objetivos informacionais.

Para este estudo, trabalharemos, a partir dos relatos de experiências das mulheres

imigrantes que enfrentam o contexto complexo do COVID-19, a ocorrência de falas que contemplem tais percepções pessoais e coletivas acerca das incertezas do momento vivenciado, bem como as estratégias adotadas pelas mulheres e pelo grupo para mitigar os danos percebidos em seus cotidianos. No entanto, importa dizer que, assim como Karlova e Fisher (2013), Brasileiro (2017) pontua que, embora seja experimentado como vulnerabilidade, o estado de incerteza informacional pode ser entendido também como uma oportunidade de construção de uma nova perspectiva informacional – direcionada para um bem comum – à medida que desloca os sujeitos de suas bases/disposições informacionais ancoradas em símbolos moldados por uma estrutura social desigual e violenta em direção ao desejo de vinculação com os outros, com a intenção de elaborar estratégias informacionais de superação do desconhecido. Acerca das barreiras informacionais, componentes do estado de incerteza informacional, explicaremos a seguir:

2.2.4 Barreiras Informacionais

Empiricamente, podemos observar o estado de incerteza informacional a partir das barreiras à informação experienciadas pelos sujeitos durante as práticas informacionais (BRASILEIRO, 2020). No contexto desta pesquisa, podemos observar que as mulheres imigrantes experimentam barreiras informacionais que se somam a barreiras de outras naturezas, relacionadas ao contexto prévio no qual vivenciam sua condição de imigração, à exemplo das inseguranças relacionadas a aceitação de sua identidade cultural no país de acolhida, ou inseguranças relacionadas à estigmas de gênero.

Nos últimos anos, o crescente uso das mídias sociais como ferramenta de busca por informações vem trazendo novas complexidades referente à autogestão de informações, o que exige um olhar atento sobre tal relação que observe para além da materialidade das plataformas e discuta tanto os benefícios das facilidades para encontro, acesso e compartilhamento de informações, como as desvantagens relacionadas às questões de credibilidade, qualidade, veracidade e sobrecarga das informações (BRASILEIRO; ALMEIDA, 2021)

As experiências de busca, acesso e uso da informação por parte dos indivíduos podem ser traduzidas como práticas informacionais situadas nas interações sociais cotidianas, estas por sua vez moldadas pelo contexto vivenciado. Segundo Araújo (1998), o âmbito das práticas informacionais empreendidas pelos sujeitos está sujeito ao surgimento de barreiras informacionais, que “reduzem a eficiência do processo de transferência de informação e, conseqüentemente, reduzem o uso e a efetividade da informação”. Em se tratando de questões

relacionadas à saúde e bem estar das pessoas, tais barreiras requerem uma preocupação maior ao serem investigadas pois acarretam “sentimentos de ansiedade, medo, desânimo, entre outros, que interferem nas capacidades individuais de tomar decisões, estabelecer consenso, selecionar e se apropriar de fontes de informação relevantes, bem como na disposição para enfrentar uma situação adversa” (BRASILEIRO, 2019).

O atual ambiente infodêmico no qual estamos inseridos, suscita questões que vêm sendo debatidas cada vez com mais frequência entre os pesquisadores da área de comunicação e ciência da informação. Neste sentido, Araújo (2021) empreende um estudo que relaciona Práticas informacionais em ambientes de infodemias partindo da recuperação de trabalhos no campo da ciência da informação, onde analisa que as patologias informacionais se localizam nas relações entre indivíduos e as informações acessadas e utilizadas pelos mesmos. Segundo a autora “as barreiras informacionais podem se constituir em elementos de geração de patologias informacionais, pois colaboram para a ampliação de dificuldades e tensões no âmbito de comportamentos informacionais.”

O encontro com essas barreiras prévias concorre, então, com os objetivos voltados à obtenção de informações relevantes para a orientação e construção de sentimentos de confiança para a tomada de decisões com vistas à superação das dificuldades, necessitando desse modo ser combatido através de práticas que corroborem com objetivos informacionais profícuos.

2.3 PRÁTICAS COLABORATIVAS NAS MÍDIAS SOCIAIS E RESILIÊNCIA INFORMACIONAL

2.3.1 Construindo perspectivas informacionais colaborativas

As transformações vivenciadas no ecossistema informacional atual, mudaram por completo as formas de interagir em sociedade, exigindo de indivíduos e grupos um *modus operandi* pautado em interações de cunho colaborativo. As tecnologias digitais e o contexto sociocultural midiaticizado nos impulsiona e provoca a refletir quais são e quais devem ser as competências e condições, individuais e coletivas necessárias para a realização de uma travessia menos insegura neste momento de instabilidade social e informacional, de modo que esta experiência possa culminar em autonomia e aprendizado.

Seguindo este fluxo, teóricos - sobretudo do campo das ciências sociais, comunicação e informação - vem empreendendo considerável esforço em traçar perspectivas teórico-metodológicas que visem explorar o caráter construtivista das interações e das práticas em

perspectiva com a crescente complexidade dos processos comunicativos que, com o passar do tempo, tensionaram o pensamento social para a superação da dicotomia objetivista/ subjetivista das interações sociais (ARAÚJO, 2017).

O pensamento de Pierre Bourdieu (1989) e sua abordagem praxiológica representou um divisor de águas neste sentido, quando propôs a partir dos conceitos de *Habitus*, *Campo* e *Capital* a reflexão sobre o entrecruzamento das disposições individuais e coletivas dos sujeitos na construção das realidades sociais contidas no cotidiano das pessoas. Realidades estas que estariam em constante disputa de espaço e negociação de suas respectivas influências nestes. A abordagem centrada nas práticas dos indivíduos nos trouxe então a ideia do constante movimento entre o que é estruturado e o que é estruturante na sociedade.

Um pouco mais tarde, o campo da informação absorveu os entendimentos Bourdieusianos da Teoria da Prática criando o conceito de Práticas Informacionais, por entender que, tais práticas constituem-se em um movimento constante de captura das disposições sociais, significados coletivamente partilhados (sobre informação), assim como elaborações de perspectivas individuais das relações com a informação, seja na aceitação, reconhecimento ou negociação das necessidades de informação (ARAÚJO, 2017). As práticas informacionais se subdividem em diversos campos de atuação. No presente estudo, vamos nos ater às práticas informacionais de letramento, ou literacia informacional.

Situando as práticas de letramento informacional no contexto de transição, a exemplo do contexto virtualizante do COVID-19, que acentuou processos pré-existentes de hiper circulação de informações e incerteza informacional, tais práticas assumiram "uma dinâmica situacional à medida que se vincula(r)am ao caminho desconhecido. Ou seja, precisa(r)am ser (re) construídas situacionalmente a partir de novas experiências informacionais" (BRASILEIRO, 2020, p. 4).

O ambiente pandêmico recém criado evidenciou a necessidade de estudos que ampliassem o entendimento de como os sujeitos negociam suas disposições informacionais na busca por segurança informacional e também pensar como as pessoas fizeram a transição para os recém criados ambientes de informação pandêmica. Lloyd e Hicks (2021) buscando compreender tais interações, propuseram um estudo em duas etapas, investigando "as práticas de letramento informacional que emergiram no contexto dos riscos e incertezas produzidos através da rápida disseminação de COVID-19 na comunidade".

Estas práticas informacionais empreendidas então por indivíduos em situação de vulnerabilidade socioemocional e em contextos significativos pessoais e de saúde (CLEMENS; CUSHING, 2010) podem nos ensinar mais sobre quais estratégias podemos

adotar enquanto sociedade para o enfrentamento das incertezas, dos efeitos nocivos da desinformação em tempos de ruptura com a normalidade. Tais experiências nos mostram como as redes de relações, sobretudo as redes de conexões construídas com a mediação dos dispositivos móveis, podem nos indicar caminhos possíveis na direção da construção de uma aprendizagem que, negociada colaborativamente, emerge de modo orgânico nos grupos e traz elementos inovadores no espectro das tecnologias sociais, marcando um novo modo de desenvolvimento, baseando-se na tecnologia de geração de conhecimentos, de processamento da informação e de comunicação de símbolos (CASTELLS, 1999).

Quando expostas a eventos que provocam rupturas e geram desinformação, as pessoas tendem a buscar segurança se conectando com outras pessoas em circunstâncias similares, na tentativa de amenizar uma situação informacionalmente instável. Especialmente, quando se trata de pessoas que deixaram suas bases de conhecimentos habituais para se ambientar em um novo contexto cultural, à exemplo da comunidade migrante, esta necessidade se evidencia ainda mais. Neste momento, as práticas informacionais colaborativas empreendidas têm papel decisivo no enfrentamento das incertezas à medida que propiciam a construção de redes sociais que, por sua vez, vão catalisar os “fragmentos de informações, combinar habilidades e competências limitadas, discutir e decidir sobre assuntos e formar um entendimento elementar dos saberes que moldam um novo contexto” (LLOYD, 2015, apud BRASILEIRO, 2019)

Alison Hicks e Annemaree Lloyd (2016), em pesquisas envolvendo práticas de letramento informacional em contextos interculturais, reforçam a importância das estratégias informacionais de enfrentamento coletivo para a transição de ambientes complexos e acrescentam que esse letramento informacional emerge de um entendimento coletivo da comunidade. Tal pensamento, nos conecta com a ideia de “inteligência coletiva” do sociólogo Pierre Lévy (2000, p. 25), quando nos diz que “constituir o espaço do saber seria, em especial, dotar-se dos instrumentos institucionais, técnicos e conceituais para tornar a informação “navegável”, para que cada um possa orientar-se e reconhecer os outros em função dos interesses, competências, projetos, meios, identidades recíprocos no novo espaço”.

Contribuindo com essa perspectiva, o conceito de resiliência informacional surge dentro do campo da informação e comunicação e se propõe a analisar as estratégias situadas no processo de transição informacional, a partir de sujeitos que enfrentam situações significativas pessoais e de saúde, tecendo redes relações e estratégias coletivas no desenvolvimento de soluções negociadas. O conceito de resiliência informacional, originalmente desenvolvido por Lloyd (2014, 2015) e sua extensão para as redes de relações construídas via dispositivos móveis sistematizada por Brasileiro (2017), ambos a ver nas

próximas seções.

2.3.2 Resiliência Informacional: a concepção do conceito

Antes de partirmos para a resiliência no âmbito informacional, importa entender a origem do conceito de ‘resiliência’. Os estudos sobre resiliência, com foco centrado no ser humano, surgem a partir da Psicologia e Psiquiatria, no contexto clínico, nas décadas de 1970 e 1980, e se define pela capacidade que indivíduos ou grupos têm de enfrentar situações adversas na vida, desenvolvendo força suficiente para manter a saúde mental durante todo o período de travessia de uma experiência difícil (TAVARES, 2001; ASSIS et al., 2006; AZEVEDO, 2011). O conceito conta ainda com os estudos do psiquiatra Michael Rutter sobre a importância de se observar a combinação de fatores individuais e de contexto que contribuem para o enfrentamento das situações adversas (BENETTI; CREPALDI, 2012). Essa linha de pensamento inicial parte de uma perspectiva individualista da resiliência no campo científico da saúde. Anos mais tarde, porém, estudos latino-americanos sobre resiliência optaram por uma abordagem de cunho coletivista, observando os processos da resiliência a partir das relações de indivíduos em comunidades expostas às situações de pobreza e discriminação.

Esta segunda abordagem, então, se volta para o sentido social e se referencia na realidade latino-americana amplamente afetada pela epidemiologia social, ramo que estuda o modo pelo qual a sociedade e os diferentes modos de organização social influenciam a saúde e o bem-estar dos indivíduos e dos grupos sociais (OJEDA, 2007; OLIVEIRA; MORAIS, 2018).

Contudo, Ojeda (2005) observa também que, para além do dano sofrido e da dor que uma situação significativa traz à uma comunidade, o processo de resiliência pode dar origem a mobilização comunitária e ao incentivo à solidariedade, metabolizando um evento com repercussões negativas em um vetor de construção e de transformações físicas / sociais que modificam positivamente a comunidade. Já no campo da comunicação e informação, o conceito de resiliência é relativamente recente. Os principais estudos remetem ao trabalho de Hersberger (2013) e Lloyd (2014, 2015, 2016). Em Hersberger, o trabalho se organiza sob uma perspectiva individualista, a partir da observação da experiência de resiliência de indivíduos que enfrentam situações de estresse em seus cotidianos e o efeito destes em seus respectivos comportamentos de informação, utilizando como exemplo o serviço de bibliotecas e agências de informação que, na visão da autora, podem auxiliar indivíduos a recuperarem o sentimento de proteção a partir do acesso à informação.

As investigações de Lloyd, por outro lado se concentram em uma perspectiva coletivista: com foco nas práticas, seus estudos se baseiam nos processos de conexões com novos ambientes informacionais estabelecidos por sujeitos que experimentam rupturas em suas bases de conhecimento - envolvendo cenários de informação, as redes sociais, as fontes de informação e os modos habituais de conhecimento (BRASILEIRO, 2019).

Nesse sentido, o conceito de resiliência informacional então abrange “a capacidade de se orientar dentro de uma ambiência informacional não familiar, de se adaptar/ajustar a seu *modus operandi* e, conjuntamente, de ressignificar as disposições informacionais cristalizadas visando construir uma nova compreensão de informação e de mundo” (BRASILEIRO, 2019, p. 15).

Para ilustrar tal perspectiva, Lloyd escolhe trabalhar com um grupo de refugiados em processo de reassentamento em um novo país, experiência que cria uma ruptura com suas bases de vivências e informações habituais, ocasionando uma quebra em suas paisagens informativas, que são importantes para o senso de orientação em um determinado contexto. Esta quebra exige das pessoas o desenvolvimento de habilidades e competências no desenvolvimento de estratégias que visem construir laços sociais e informacionais que contribuam na construção (e reconstrução) de novas paisagens informacionais e novas perspectivas de vida. Este movimento é imprescindível para que o processo de transição entre ambientes ocorra de modo menos traumático. Para Lloyd (2014, 2015), tal processo se desenvolve no âmbito das redes e relações sociais construídas, situacionalmente nos espaços cotidianos envolvendo a colaboração entre os sujeitos, o que permite suprir as limitações quanto ao letramento informacional frente ao novo ambiente.

Uma das principais necessidades de indivíduos em situações de incertezas informacionais é a busca por informação junto a outros indivíduos em condições semelhantes, assim como junto à instituições que ofereça algum tipo de suporte e, neste sentido, Lloyd (2014) enfatiza que nesta condição, os processos de orientação, ajustamento e ressignificação das realidades vivenciadas são catalisados, a partir das práticas informacionais colaborativas agenciadas por estes sujeitos. Em sua pesquisa, a autora identificou elementos que explicam como se dá a relação das práticas informacionais na construção da resiliência informacional:

O primeiro elemento, a orientação, seria o movimento do reconhecimento de informações relevantes em determinado contexto, que fazem com que o indivíduo possa se situar inicialmente e reduzir os efeitos estressantes das incertezas decorrentes da experiência de mudanças no cenário de informação; o segundo elemento - o ajustamento, faz referência à

capacidade de adaptação dos conhecimentos, habilidades e competências informacionais prévias do indivíduo para se moldar à nova realidade vivenciada e a obtenção de condições de enfrentamento das barreiras que surgem no novo ambiente; já o terceiro elemento - a ressignificação, consiste em reorganizar as informações obtidas tanto nas experiências prévias, quanto na realidade sociocultural vivenciada após o ajustamento.

Estes processos, segundo a autora, são viabilizados por outros três elementos que seriam: a construção do cenário, referente às conexões que os indivíduos fazem e os métodos que eles criam para encontrar informações relevantes à sua situação particular; as informações em saúde nos espaços cotidianos, sendo estes espaços locais (físicos ou virtuais) onde se pode encontrar informações assim como verificar a veracidade de informações obtidas de outras fontes e agrupamento de informações, que têm a ver com a estratégia de enfrentamento coletivo as incertezas, no momento em que os indivíduos compartilham fragmentos de informação entre si no intuito de criar uma realidade mais compreensível da situação.

Esse agrupamento de informações Lloyd (2014) chama de *pooling* de informações, que por sua vez, permite com que as pessoas possam entender melhor onde se localiza uma informação relevante, assim como facilitam a compreensão de tais informações e o entendimento de como as habilidades informacionais adquiridas podem ser aproveitadas e incorporadas em outras situações. Todo esse processo, na visão da autora, permite o alívio do estresse da ruptura informacional e reduz os sentimentos negativos relativos ao estado de incerteza informacional (BRASILEIRO, 2017).

É importante lembrar que todo esse caminho se desenha na esfera das interações colaborativas. Nesse percurso, a autora assimila e expande pensamentos de outros autores que corroboram para o desenvolvimento do processo de Resiliência informacional. Um exemplo disso, seria a noção de relações e redes sociais que facilitam o acesso dos capitais sociais e culturais proposto por Pierre Bourdieu (1986), além do pensamento de Mark Granovetter (1973); Johnson e Case (2013) sobre a Força dos Laços Fracos no acesso a informações importantes para construção de novas perspectivas informacionais. A autora elabora que, a partir do exemplo dos refugiados que se conectam com pessoas desconhecidas para obter informações, em se tratando de situações de saúde as conexões com os laços fracos (pessoas não familiares, agentes situacionais) seriam muito importantes, pois contribuem no desenvolvimento perspectivas únicas e inovadoras de informação (LLOYD, 2014).

Um entendimento importante acerca desse processo é que, nessa perspectiva, cada situação necessita ser compreendida frente às dinâmicas situacionais que envolvem o contexto

em detrimento das estruturas sociais mais amplas (BRASILEIRO, 2017). Em outras palavras, em um cenário de transição, cada contexto vai imprimir diferentes significados às práticas informacionais que emergem das conexões colaborativas e é a partir de tais conexões que surge (ou não) o processo de coesão social negociada, movimento imprescindível para o sucesso do enfrentamento das incertezas.

2.3.3 Resiliência Informacional em Redes Sociais Virtuais

Ampliando e atualizando ainda mais a discussão, quando observamos a resiliência informacional a partir das ambiências digitais, nota-se que o processo de transição informacional se torna ainda mais complexo. Considerando, como diz Bauman (2004), nosso cotidiano cada vez mais mediado pelos artefatos virtuais, as relações se tornando cada dia mais líquidas e efêmeras, bastando apenas um clique para deixarem de existir, Todo esse ecossistema informativo volátil acrescenta bastante desafios aos sujeitos que pretendem ajustar e ressignificar suas disposições informacionais.

Considerando que os modos contemporâneos de aprendizagem e sociabilidade estão cada vez mais imbricados na web, entende-se que as ambiências informacionais virtuais exercem forte influência no entendimento sociocultural da informação sobre determinados contextos (BRASILEIRO; 2019). Nesse sentido, ampliando a perspectiva trazida por Lloyd, ao analisar a resiliência informacional em ambiências virtuais, a partir de um grupo de mulheres primíparas em um espaço semi-público digital, Brasileiro (2017) demonstra, sob uma perspectiva socioemocional, as peculiaridades e dinâmicas que envolvem a construção dos laços sociais propícios para a construção da resiliência informacional no contexto das redes sociais digitais.

Para Brasileiro (2020), a abordagem socioemocional se mostra bastante pertinente pois considera o processo de transição informacional dos indivíduos pela ótica das conexões situacionais vivenciadas, quando incorporam as micro dinâmicas emocionais fundamentais à coesão social necessária para a superação do momento. Neste sentido, o autor elabora que, os elementos de construção de cenário, encontrabilidade e agrupamento de informações levantados por Lloyd (2014), podem ser observados empiricamente como sendo também processos emocionais.

Como resultado, Brasileiro (2017) propõe o “Modelo de resiliência informacional em redes sociais virtuais” (Figura 1). Para desenvolver esse trabalho, o autor se baseia na Teoria da Interação Ritual de Randall Collins (2004) e em sua expansão para o contexto das interações mediadas pelas tecnologias móveis feita por Richard Ling (2008), ambas à serem explanadas sinteticamente na sequência.

A Teoria de Interação Ritual, a partir de Collins (2004; 2009), orienta-se em sua construção a partir de uma abordagem microssociológica da ação social no cotidiano e em grupo; aproxima-se das práticas sociais e das estruturas simbólicas sem se prender às estruturas tradicionais de poder, jogando luz na autonomia das ações dos sujeitos e na emergência da reprodução da coesão social. A teoria elabora sobre aspectos teóricos e metodológicos escolhendo o viés da síntese, reinterpretando elementos da sociologia clássica que são essenciais à construção da Teoria da Interação Ritual, como por exemplo, os elementos relacionados aos processos emocionais.

Collins (2004), a partir da vertente da Antropologia Social, observa a ocorrência dos processos emocionais de modo mais nítido, no sentido de que eles demonstram a existência de sentimentos mais duradouros que os sentimentos de normalidade. Estes sentimentos duradouros nas interações sociais podem ser “altos” (como solidariedade, pertencimento, entusiasmo) ou “baixos” (como vergonha, tristeza, depressão).

Com base nisso, Collins (2004) desenvolve o entendimento de “Energia Emocional” (EE) como representação de uma emoção prolongada que emerge, a partir das transformações das emoções transitórias construídas no processo de interação social, ao longo do tempo, e que podem determinar o status de grupo ou o engajamento das pessoas em situações particulares (BRASILEIRO, 2019). Sendo assim, Collins (2004, 2009) pensa os rituais construídos nas interações entre as pessoas e suas emoções como construtores de laços e de símbolos representativos, sendo esses rituais também responsáveis por influenciar o comportamento das pessoas, face a face - inclusive o comportamento informacional. A sociedade e os grupos que a compõem seriam vistos, então, como uma rede de interações ritualizadas, que possibilita através das emoções a negociação das características simbólicas de cada pessoa e, logo, a construção, troca ou manifestação da energia emocional (BRASILEIRO, 2019).

Expandindo um pouco mais a interface entre emoções e as práticas sociais, a partir da Teoria da Prática, os sociólogos Weenink e Spaargaren (2016), no livro *Practice Theory And Research*, examinam tal relação investigando como as emoções contribuem para a criação ou quebra de ligações entre as rede de práticas na sociedade, e como esta teia de relações e sentimentos deve ser vista com relevância nas análises sobre os processos de mudanças sociais. Para isso, os autores se apropriam dos argumentos da Teoria de Interação Ritual de Collins e retomam o conceito de agência humana, poder e mudança social, se aproximando também do conceito de poder de Manuel Castells (2009) na sociedade em rede. Para esses autores, a Teoria da Prática é baseada na ideia de que é através das interações socio-materiais que as pessoas podem transformar a realidade ao seu redor, ou seja, o mundo e suas dinâmicas

só podem ter câmbios efetivos, a partir das práticas; por sua vez, tais práticas são carregadas de emoções que motivam os indivíduos a se engajarem em causas diversas.

É importante observar que o engajamento aqui não tem conotação definitiva enquanto engajamento positivo; os sentimentos coletivos - alimentados pelas práticas, podem configurar sentimentos de baixa frequência, como já propunha Collins (2004). Neste sentido, a agência reside nas emoções. As emoções são (re)produzidas nas práticas sociais e nas pessoas que experimentam o mundo e se envolvem nele emocionalmente. O foco nas emoções ajuda a explicar por que as práticas fazem os agentes humanos individuais se preocuparem, se envolverem e agirem em relação a fatos e discursos ao seu redor (WEENICK; SPAARGAREN, 2016).

Este olhar é particularmente interessante quanto ao empenho em se investigar o contexto de mudanças e rupturas políticas e sociais contemporâneas, permeadas pelas relações de poder constituídas no âmbito das redes digitais, e o motivo pelo qual algumas práticas se mostrarem mais ou menos absorvidas e disseminadas, enquanto outras rapidamente caem em desuso. Sobre isso, Manuel Castells (2009), apesar de não ser um autor ligado diretamente à Teoria das Práticas, tem um trabalho muito conectado com tal vertente de pensamento e argumenta que algumas noções de poder em autores clássicos da Sociologia e das Ciências Políticas devem ser revisitados para alcançarem aspectos contemporâneos concernentes à sociedade horizontalizada e em rede.

Castells (2009) sugere em seus textos que nas sociedades em rede, uma das dimensões de poder que precisa ser rearticulada na contemporaneidade tem a ver com as relações entre emoção, cognição e política. O poder para Castells (2009) versa sobre conexões e conectividade: quanto mais conectado e integrado um indivíduo ou grupo é nas redes locais e globais, mais poder tem para articular mudanças sociais.

Avançando nessa direção Weeniken e Spaargaren (2016) defendem que, um caminho profícuo para indivíduos e grupos se envolverem na construção de mudanças sociais seria buscar a melhora da qualidade da incidência de suas conexões ligando as estratégias de política às dinâmicas das práticas - atreladas às emoções. Os autores refletem a importância de se investir em perspectivas teórico metodológicas, que explorem como as práticas produzem a energia emocional necessária que motive as pessoas a navegarem em novos mundos de práticas, ou seja, que se possa observar e diagnosticar o papel crucial das subjetividades na reprodução e transformação social.

Esta perspectiva se torna muito relevante quando observamos as interações sociais nos tempos atuais, onde é muito comum o uso de técnicas de programação em redes, construídas propositalmente, no intuito de oportunizar a criação de rituais de interação, que incitem

determinados tipos de sentimentos/emoções, porém nem sempre produzindo relações profícuas e alinhadas com propósitos benéficos para o desenvolvimento das comunidades.

Acompanhando a evolução dos debates sobre as mediações dos processos sociais, alguns autores vêm aplicando as teorias sociais no contexto da comunicação via TIC's. Richard Ling (2008) é um desses autores e expande a noção de Rituais de Interação para o estudo das comunicações mediadas via dispositivos móveis. Ling (2008), primeiramente, entende que cada vez mais os indivíduos (assim como as empresas, organizações e instituições) precisam negociar as interações *offline* (ou de face) e *online* (presença no meio digital) ao mesmo tempo, sendo que cada dia mais, os limites de intercâmbio entre esses modos de interação se fundem. Neste caso, os indivíduos estabelecem práticas de informação estando em dois ou mais lugares ao mesmo tempo, levando em conta os dois tipos de presença.

Ling (2008) atém-se às relações exclusivamente via dispositivos móveis. Neste sentido, o autor argumenta que as interações via tecnologias móveis podem construir símbolos que vão tanto dimensionar os rituais das interações co-presentes, como as interações no nível microsocial, que podem ser negociadas exclusivamente no âmbito das interações tecno mediadas. No nível individual, as interações rituais são carregadas de sentimentos que vão representar emocionalmente a relação. No nível coletivo, quando associadas ao foco mútuo e ao engajamento coletivo, as interações rituais podem criar o sentimento de solidariedade e consequentemente a coesão social (LING, 2008).

Reflexões que conversam com o cenário atual desafiador de segmentação dos discursos, de polarizações, cancelamentos e desinformação também podem ser percebidas no trabalho de Ling (2008) quando diz que, o efeito inverso da interação também acontece quando há algum comportamento que afete ou ameace os acordos coletivos de um grupo. Nesse momento percebe-se então uma quebra no sentimento de solidariedade no grupo e se expõe a natureza dinâmica da situação de interações mediadas via dispositivos virtuais (BRASILEIRO, 2019).

Conforme Ling (2008), a utilização de um dispositivo móvel coloca-nos numa espécie de limbo social, onde ninguém pode saber exatamente nosso verdadeiro status. Tudo isso influencia em como os indivíduos percebem uma situação, através de um sentimento que emerge e que é compartilhado. Esta rede de significados construídos, além de representar as relações emocionais de grupo, orientam as práticas informacionais individuais e coletivas em situações futuras, tanto no espaço virtual quanto no espaço das interações *offline*.

2.3.3.1 O MODELO DE RESILIÊNCIA INFORMACIONAL EM REDES SOCIAIS VIRTUAIS

Ampliando as perspectivas desenvolvidas por Lloyd na resiliência informacional, agregando as compreensões sobre interação ritual e agência emocional empreendidos por sujeitos atrelado aos dispositivos móveis, Brasileiro (2017) criou o modelo de resiliência informacional em redes sociais virtuais. O modelo se propõe a explicar como se estrutura o processo de resiliência informacional no contexto das práticas colaborativas mediadas pelos espaços virtuais (BRASILEIRO, 2019).

Em primeiro lugar, o modelo desvela quais seriam as barreiras à informação, que se apresentam no momento em que o indivíduo se encontra em um “estado de incerteza informacional” e que dificultam o acesso à informações - que ajudariam o indivíduo a gerir melhor a situação do ponto de vista socioemocional. O autor identifica essas barreiras como respectivamente: 1) *barreiras emocionais*, ligadas à energia emocional de baixa frequência, como sentimentos de frustração, medo, ansiedade etc.; 2) *barreiras de tradução*, relacionadas à limites de transliteração de informações técnicas ou científicas em informações acessíveis para os indivíduos em situação de vulnerabilidade; 3) *barreiras diaspóricas*, referentes à experiência de contato com informações de origem não familiar, dispersas na *web* social que podem despertar insegurança ou desconfiança; *barreiras linguísticas ou de letramento*, que se relacionam com a pouca habilidade ou competências informacionais que dificultam o entendimento de situações e podem comprometer o engajamento dos indivíduos; 4) *barreiras de interação*, concernentes às interações rituais de face dos indivíduos nas rede virtuais que podem despertar sentimentos de inibição, vergonha e podem dificultar o percurso interativo, necessário para o estabelecimento de conexões; 5) *barreiras de rede*, lidadas à quantidade de conexões que um indivíduo tem e que, sendo poucas, podem restringir o encontro com informações relevantes para a situação.

Estas barreiras, juntamente com a experiência de ruptura com a normalidade do contexto dos indivíduos, caso perdurem podem refletir negativamente na condição de resposta frente à situação adversa do contexto, refletindo em uma perda de autonomia informacional, que afeta a capacidade de autogerenciamento e tomada de decisão. Ao mesmo tempo, o modelo evidencia que a experimentação situacional desse estado de incerteza informacional desloca os sujeitos em direção à conexão coletiva [...] para os saberes construídos em colaboração com outras pessoas que também lidam com as incertezas no mesmo contexto. (BRASILEIRO; 2017).

Então, tal conexão coletiva dá origem ao que o autor chama de *estratégia de enfrentamento coletivo em redes sociais virtuais*. A medida em que há o reconhecimento de uma *intencionalidade da informação em comum*, um *foco de atenção mútuo*, com orientação pro social em detrimento dos interesses individualistas, se cria o engajamento, a conexão com informações pessoais e partilhas de sentimentos em comum. Neste sentido, havendo sucesso nos laços criados aos poucos, as barreiras outroras surgidas começam a ser desfeitas.

Através da *intensificação de feedbacks*, a partilha das experiências e os códigos internos, alimentados pela linguagem da *internet* (memes e outros recursos) formula uma vivência interna de *humor compartilhado*, que proporciona que os indivíduos se sintam cada vez mais à vontade no grupo, íntimos e direcionados para o bem comum. A partir daí cria-se uma consciência coletiva, baseada na energia emocional de alta frequência e longa duração (COLLINS, 2004), o que condiciona favoravelmente o desenvolvimento de competências informacionais e socioemocionais de maneira alternativa ao contexto vivenciado na esfera pessoal de cada um.

Esta consciência coletiva é representada pelos sentimento de solidariedade, através da disponibilidade para intermediação de fontes externas e internas apenas no intuito de ajudar um membro do grupo; os símbolos de pertencimento que são circulados no grupo dada a certa homogeneidade de vivências expectativas particulares, a microdinâmica interna e o histórico do grupo; a energia emocional com o acesso a sentimentos de autoconfiança, entusiasmo, criatividade; e os sentimentos de moralidade, referentes aos códigos morais internos do grupo, a vigilância do acordo coletivo sobre comportamentos informacionais aceitos ou não pelo grupo, no intuito de orientar também quem está chegando.

A microdinâmica estabelecida a partir dessas etapas dentro de um grupo virtual promove a construção da resiliência informacional; permite aos seus membros a percepção de orientação, quando os sujeitos conseguem navegar pelos fragmentos de informação, transliterando e adequando as informações às suas realidades pessoais. Promovem o ajuste nos hábitos de busca por informação, bem como no comportamento em rede, quando os indivíduos adotam o grupo como fonte de filtragem, e confirmação para as várias informações provindas de vários ambientes diferentes; desse modo também ampliam o seu leque de conexões e com isso, tem a possibilidade efetiva de ressignificar as experiências informacionais anteriores, abrindo uma nova perspectiva informacional, com maior autonomia, segurança, tendo assim mais chances de prosperar frente ao contexto individual que está vivenciando.

Por fim, todo esse processo tecnológico mediado favorece a criação de novas

competências informacionais nos indivíduos interagentes, possibilitando o acesso a um letramento informacional construído de modo alternativo e colaborativo, atrelando o autogerenciamento de informações e a tomada de decisão à equalização das dinâmicas informacionais complexas contidas nas redes sociais virtuais. Abaixo, veremos uma representação gráfica do modelo de resiliência informacional em redes sociais virtuais, proposto por Brasileiro:

Figura 1 – Modelo da resiliência informacional em redes sociais virtuais



Fonte: Brasileiro (2019).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os fenômenos sociais contemporâneos, estando cada vez mais ligados às particularidades das dinâmicas mediadas pelas tecnologias digitais, vêm trazendo aos pesquisadores e pesquisadoras uma oportunidade de acesso a dados de interações em volume e velocidade nunca antes experimentados. A *internet* se coloca para a comunidade acadêmica, de modo tão versátil, que pode ser tanto objeto de pesquisa, quanto local de pesquisa e, ainda, instrumento de pesquisa (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2016). A lógica das interações através das redes sociais digitais trouxe inclusive a necessidade da reinvenção de metodologias, processos e técnicas disponíveis nos mostrando novas fronteiras no fazer ciência. Pensando as fronteiras entre pesquisas práticas e teóricas, Gil (2003, p.17) pondera

que, seja a pesquisa de natureza pura ou aplicada, discutir com exclusividade cada uma dessas perspectivas se torna uma postura inadequada pois, “a ciência objetiva tanto o conhecimento em si mesmo quanto às contribuições práticas deste conhecimento”. E, continua elaborando que, uma pesquisa que aborda problemas práticos pode chegar a princípios científicos, do mesmo modo que uma pesquisa pura pode propiciar a descoberta de conhecimentos passíveis de aplicação prática (GIL, 2003).

No tocante a pesquisa social, Minayo (1994) percebe a prática como elemento importante para contemplar o compromisso social nas pesquisas, no sentido de contribuir com a construção humana. Em relação aos contextos de pesquisa que envolvam comportamentos mais sensíveis, como por exemplo pesquisas que abordem temáticas de saúde em pesquisas sociais, a autora valoriza “a possibilidade de se ter um olhar mais abrangente e complexo que atavesse as interconexões entre o biológico, o social e o ambiental [...] assim como a proposta de enfoque ecossistêmico da saúde humana (que) é fruto das preocupações práticas” (MINAYO, 2000 p. 31).

Neste sentido, o desenho teórico metodológico do presente estudo se alinha a este percurso, ao privilegiar a abordagem das práticas informacionais na vida cotidiana de mulheres imigrantes que experienciam situações significativas sociais e de saúde quando expostas à desinformação. Frente ao contexto de ruptura com a normalidade no COVID-19 e, a partir do modelo de Resiliência Informacional (BRASILEIRO, 2017) estas se deslocam em direção à construção de novas práticas colaborativas, objetivando a superação dos desafios pessoais e coletivos, aos quais estão expostas. Para tanto, apresentamos no quadro 2, exposto abaixo, a relação entre os eixos temáticos abordados no estudo e suas respectivas problematizações:

Quadro 2 – Eixos problematizados

Como se configuram os modos de desinformação vivenciados por mulheres brasileiras imigrantes em Portugal?	Descrever os modos de desinformação vivenciados por mulheres brasileiras em Portugal
Como acontecem as práticas informacionais colaborativas nas mídias sociais frente ao contexto do COVID-19 pelas mulheres imigrantes?	Investigar as práticas informacionais colaborativas nas mídias sociais frente ao contexto do COVID- 19 pelas mulheres imigrantes.
Como ocorre o processo de Resiliência informacional das mulheres imigrantes em Portugal?	Analisar como ocorre o processo de Resiliência Informacional das mulheres imigrantes em Portugal.

Nesse sentido, o presente estudo se situa dentro da epistemologia social de Jesse Shera (1973), compreendendo a importância da análise dos fluxos do consumo do pensamento comunicado por todo o tecido social (SHERA, 1973), assim como opta pela abordagem qualitativa, uma vez que usa textos coletado a partir de relato de experiências vividas como material empírico, partindo ainda da noção de construção social dos objetos em estudo conforme pensamento de Flick (2009).

A perspectiva teórica se concentra em eixos do pensamento social e informacional contemporâneo, valendo-se da abordagem microssociológica, utilizando como norte a Teoria dos Rituais de Interação (COLLINS, 2009), a Resiliência informacional (LLOYD, 2014, 2015, 2020, 2021; BRASILEIRO 2017, 2019, 2020), a Desinformação (KARLOVA e FISHER, 2013; RUOKOLAINEN e WIDÉN, 2019) e as práticas informacionais (ARAÚJO; 2017). Este arcabouço dialoga com as perspectivas teóricas que compõem os demais eixos do trabalho, a exemplo das interações via dispositivos móveis (LING, 2008); HERRERA, 2011; ESCUDERO, 2006).

Quadro 3 – Desenho teórico-metodológico da pesquisa

ESTRUTURA	DELIMITAÇÃO
Perspectiva epistemológica	Epistemologia social
Abordagem	Qualitativa

Perspectiva teórica	Teoria da Interação Ritual (COLLINS, 2009) Resiliência informacional (LLOYD 2014, 2015, 2016; BRASILEIRO 2017, 2019), Desinformação (KARLOVA e FISHER, 2013 ; RUOKOLAINEN e WIDÉN, 2019), práticas informacionais (ARAÚJO, 2017)
Desenho metodológico	Estudo de caso
Campo social da pesquisa	Grupo de mulheres migrantes em Portugal conectadas através de um grupo criado via mídias sociais, destinado ao enfrentamento coletivo das incertezas frente ao contexto do COVID-19
Sujeitos da pesquisa	10 mulheres imigrantes em Portugal que integram o grupo “Rede Solidária” da plataforma Geni.
Métodos de coleta de dados	Entrevista semiestruturada
Método de análise dos dados	Análise temática

Fonte: elaborado pela autora.

No que tange ao desenho metodológico da pesquisa, escolhemos o estudo de caso pois se caracteriza como um método que contribui para a compreensão de fenômenos sociais complexos e se debruça nas peculiaridades e diferenças que torna o objeto único (YIN, 2001). Para a coleta de dados, a pesquisa utiliza a entrevista semiestruturada (BAUER e GASKELL, 2002), método que permite que o entrevistador elabore um roteiro, em que tenha em vista o tema norteador da pesquisa, ainda que o entrevistado tenha liberdade de falar abertamente sobre o assunto destacado.

O período escolhido para a coleta de dados se refere aos meses de março a maio de 2020, período caracterizado pela primeira fase da pandemia, onde houveram os primeiros decretos restritivos e os primeiros boletins médicos sobre a declaração de estado de Pandemia. O contato com as mulheres entrevistadas, primeiramente, deu-se a partir da plataforma *Instagram* do coletivo Plataforma Geni, havendo a explanação dos objetivos da pesquisa e, posteriormente, o redirecionamento para o grupo da rede solidária. Uma vez dentro do grupo, foi solicitada a permissão para a divulgação da pesquisa e levantamento de voluntárias dispostas a agendar reuniões virtuais na plataforma *Google Meet*.

O campo social da pesquisa compreende mulheres brasileiras imigrantes em Portugal, que se utilizam das mídias sociais para organizar um movimento social de enfrentamento aos

estigmas de gênero, relacionados à condição de migração latina em território estrangeiro. A organização em questão se chama “Plataforma Geni” e se define enquanto “coletivo de mulheres brasileiras que trabalha pelos direitos das mulheres imigrantes, igualdade de oportunidades e justiça social”(PLATAFORMA GENI, 2020)

Os sujeitos desta pesquisa referem-se a um conjunto de 10 mulheres, pertencentes ao grupo “Rede Solidária”, que compõe um dos trabalhos empreendidos pela Plataforma Geni. O grupo, que atualmente conta com 79 membros, foi criado em 18 de março de 2020, através do aplicativo de mensagens *WhatsApp*, por iniciativa das lideranças que articulam o trabalho da Plataforma Geni no intuito de aglutinar mulheres imigrantes brasileiras em situação de desinformação e vulnerabilidade social frente às incertezas relacionadas com o contexto pandêmico do COVID-19.

Catalisadas através de um formulário *online* feito por meio do *Google Docs*, (ver ANEXO U), a ideia da rede consistiu em conectar mulheres que necessitavam de apoio em meio a emergência à mulheres que estavam disponíveis para dar apoio com informações e orientações acerca de temas relacionados à saúde mental, legislação trabalhista, direitos sociais das imigrantes, além de articular coletivamente provimentos para compra de itens alimentícios e de higiene para as mulheres em situação de maior vulnerabilidade econômica.

A escolha do referido método de coleta de dados se deu no intuito de se pensar uma margem para a coleta que compreendesse a captação de dados mais fluídos, otimizando a apreensão de nuances sutis das experiências de vida das mulheres. Outrossim, foi possível ser feita uma observação no *locus* de interação virtual, visto que foi permitido à pesquisadora a entrada nos grupos “Rede Solidária” e “Colaboradoras Geni” (formado pelas mulheres em posição de liderança que se disponibilizaram a articular a rede solidária) , possibilitando assim a percepção de como se deram os rituais de interação dentro das dinâmicas dos dois grupo, frente a seus objetivos. No mais, observações foram realizadas, também em quatro eventos virtuais que o coletivo promoveu durante o período, sendo duas *lives* e duas reuniões virtuais via plataforma *Zoom*, nos quais foram promovidos debates acerca de temas relevantes à condição das mulheres imigrantes em situações de incerteza e vulnerabilidade.

A observação desses eventos foi importante para a percepção do comportamento do coletivo, enquanto movimento social em seu propósito de construir uma narrativa enfrentamento à visão normativa da sociedade acerca do tema mulheres e imigração, assim como serviu para a observação da forma como elas se organizaram para disseminar informação e formar opinião junto ao público externo à rede. Em relação à categorização do conteúdo, foram considerados os textos oriundos das entrevistas semiestruturadas. Para isso,

após as entrevistas serem realizadas via plataforma *Zoom*, o material foi transcrito e os textos resultantes passaram por uma leitura flutuante para a detecção de falhas e, na sequência, foram relidos de modo atento à luz das categorias utilizadas para a análise, tendo como norte o modelo de resiliência informacional em redes sociais virtuais (BRASILEIRO, 2017).

Por fim, o método de análise escolhido para a interpretação dos dados se trata da Análise temática que consiste em uma das técnicas que compõem a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977). Este método analisa os significados, a partir de um texto e é flexível, quanto aos posicionamentos epistemológicos. A análise temática propõe uma descrição dos dados obtidos, por meio de temas que representem, adequadamente os objetivos da pesquisa. Para Bardin (1977), a partir desta técnica, é possível concluir num texto, o levantamento das atitudes (qualidades, aptidões) psicológicas aconselhadas ou desaconselhadas, que o leitor deve atualizar ou afastar de modo a poder chegar aos fins da proposta.

4. ANÁLISE DOS DADOS

As entrevistas que compõem a subsequente análise contam com os registros dos diálogos estabelecidos com 10 mulheres brasileiras imigrantes em Portugal, escolhidas por conveniência. Estas mulheres participaram da ‘rede solidária’ promovida pela Plataforma Geni, no âmbito do aplicativo de mensagens *Whatsapp*, durante o período de março a junho de 2020. Tal período compreendeu os cem primeiros dias após a declaração de pandemia feita pela OMS⁷, com a implementação das primeiras medidas restritivas no combate a propagação do COVID- 19 em Portugal⁸, a declaração de situação de alerta⁹ e, posteriormente, a declaração de estado de emergência¹⁰.

De antemão, importa salientar que o contexto analítico da amostra selecionada é composto por mulheres que viveram sua experiência migratória, dentro de uma realidade de deslocamento voluntário e planejado (LLOYD, 2014). Segundo a ACNUR (2016), esse tipo de deslocamento está relacionado e é motivado por fatores econômicos e/ ou sociais e que, via de regra, não oferecem perigo em uma suposta decisão de retorno ao país de origem por parte dos e das imigrantes.

7 Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=81>. Acesso em 12 jan. 2021.

8 Disponível em: <<https://www.dn.pt/pais/covid-19-governo-fecha-escolas-a-partir-de-segunda-feira-11922363.html>>. Acesso em 12 jan. 2021.

9 Disponível em: <<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/comunicacao/noticia?i=governo-assina-despacho-de-declaracao-de-situacao-de-alerta-ate-9-de-abril-de-2020>>. Acesso em 12 jan. 2021.

10 Disponível em: <<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/comunicacao/documento?i=decreto-do-governo->>

Pensando a partir de uma perspectiva informacional, a condição de migração voluntária, apesar dos desafios impostos, garante no cotidiano desta comunidade uma melhor condição de se ter autonomia e de mobilidade - frente à diversidade de situações vivenciadas - em relação a comunidade de refugiados, por exemplo. Ou como Lloyd (2020) elabora, “os migrantes são capazes de controlar seus movimentos e suas atividades sociais, realidades econômicas, políticas e culturais e seus cenários de informação serão menos fragmentados”. Trazer essa reflexão faz-se necessário uma vez que, para observarmos o contexto de transição informacional à luz do conceito de resiliência informacional, precisamos considerar as práticas desenvolvidas pelos sujeitos dentro de uma dinâmica contextual e situacional (BRASILEIRO, 2020).

A Plataforma Geni mesmo antes da pandemia já atuava prestando um serviço de informação para mulheres imigrantes em Portugal, através de reuniões presenciais, além do *website* e de perfis nas redes sociais *Facebook* e *Instagram*. Declarado o estado pandêmico, o trabalho do grupo então se concentrou na organização de uma rede solidária (VER ANEXO J), a partir do aplicativo de mensagens *whatsapp*, no intuito de acolher e orientar as mulheres imigrantes. Diante das implicações das medidas determinadas pelas autoridades, somado ao caos sanitário, estas mulheres se perceberam em um estado desinformado, intensificando a desorientação, as instabilidades informacionais e emocionais - que impactaram diretamente em suas experiências de busca por informação. Nesse contexto, a Plataforma Geni rapidamente tornou-se uma referência na busca por informações por parte das mulheres imigrantes, o que resultou em uma quantidade expressiva de pedidos de ajuda.

Diante do cenário, o grupo tomou o protagonismo de pensar em uma rede solidária. Para a composição desta, foi disponibilizado um *Google Forms* (VER ANEXO U) no qual poderiam se cadastrar, tanto mulheres que estavam precisando de ajuda, quanto mulheres que se voluntariaram a ajudar, sendo o serviço distribuído em três categorias: apoio psicológico, apoio jurídico trabalhista e orientação sobre emprego (vagas de trabalho, qualificação profissional) e apoio social (acesso a produtos básicos de alimentação e higiene pessoal). Conforme pode ser conferido nos anexo T, o "Relatório de confinamento -Rede solidária Covid-19 " (PLATAFORMA GENI, 2021), dispõe que a maior concentração de mulheres envolvidas em atendimentos e voluntariado se concentrou na região de Lisboa, seguida de Porto, Aveiro e Braga, chegando a reunir 232 mulheres nesta ação.

A maioria dos apoios solicitados esteve relacionado a esclarecimentos sobre situação trabalhista na pandemia (77 solicitações), apoio social (40 solicitações) e apoio financeiro (25 solicitações). O perfil médio das mulheres que foram atendidas pela rede se caracteriza

enquanto mulheres da faixa etária dos 25 aos 35 anos; autodeclaradas brancas; solteiras; imigrantes em Portugal entre 1 e 3 anos - em processo de regularização; com ensino superior (Licenciatura). Estes dados são importantes para compreendermos o ponto de partida destas mulheres e como suas experiências prévias e posição social influenciaram na condição de se articularem em rede e criarem uma alternativa criativa para a solução dos problemas comuns. A rede ainda direcionou seus esforços para atender algumas solicitações de apoio - psicológico, à homens, porém em menor número (13 pedidos).

Para estabelecermos a presente análise, foram realizadas 10 entrevistas semiestruturadas com mulheres que se voluntariaram a responder. Posteriormente, houve a transcrição e a leitura flutuante do material. Em seguida, uma segunda leitura, mais aprofundada, foi realizada no sentido de delimitar as unidades de análise, a partir dos elementos que compuseram frases completas e com sentido. Na sequência, as unidades de análise foram categorizadas, tendo como recurso interpretativo o modelo de resiliência informacional em redes sociais virtuais (BRASILEIRO, 2017). As categorias, então, foram distribuídas em dois quadros: o primeiro (Quadro 3) se refere ao tema “estado de incerteza informacional” e o segundo (Quadro 4) se refere ao tema “estratégias informacionais colaborativas na plataforma digital”. Cada quadro possui 3 colunas: a primeira e a segunda seguem a estrutura do modelo de resiliência informacional; a terceira, compondo as subcategorias, foi destinada à apresentação dos trechos relevantes na trajetória das entrevistadas, ou seja, suas dinâmicas particulares de vida que se alinham ao estudo proposto.

4.1 O ESTADO DE INCERTEZA INFORMACIONAL

As mulheres imigrantes, além de impactadas pelo caos social decorrente da crise sanitária instaurada, foram surpreendidas também pelo aprofundamento da desordem informacional ocasionada pelo deslocamento de grande parte de suas rotinas pessoais e profissionais para o ambiente virtual, a partir da implementação das regras de distanciamento físico¹¹. As comunidades neste momento tinham necessidade de orientação e de acolhimento, precisavam lidar com as inseguranças, enquanto conviviam com ruídos informacionais complexos como boatos, mensagens fora de contexto envolvidas em situações tensionadas pelas múltiplas interações entre a ação humana e materialidade tecnológica, pela hiper circulação de informações nas mídias e redes digitais, criando uma situação informacional inédita em escala mundial. A informação em excesso e sem a devida curadoria tornou-se uma

¹¹ Disponível em: < <https://covid19.min-saude.pt/wp-content/uploads/2020/04/Distanciamento-social.pdf> >. Acesso em 15 fev. 2021.

epidemia, tanto quanto o COVID-19.

Com efeito, o termo ‘infodemia’, criado ainda em 2003 na ocasião da pandemia SARS na China, ressurgiu de modo contundente na pandemia do COVID- 19 e desde então, este termo vem sendo amplamente disseminado, enquanto cuidado das autoridades de saúde em caracterizar e alertar a população, acerca dos perigos relacionados à desinformação acentuada que, “amplificada pelas redes sociais digitais e em um contexto de evento específico como a pandemia, se alastram mais rapidamente, como um vírus” (OPAS, 2020, p.).

Todos esses aspectos juntos aceleraram o desenvolvimento de um processo mais amplo de reconfiguração dos nossos sistemas de socialização, evidenciando as características de “um novo tipo de ecossistema atópico, onde os elementos humanos, tecnológico-informativos e ambientais interagem, constituindo uma hipercomplexidade sinérgica e reticular.” (MAGALHÃES, 2018). Neste sentido, cabe considerar também que, a relação deste grande processo de transformação, em um curto período de tempo na cronologia dos fatos, criou um efeito de ruptura com a realidade, além de explicitar ainda mais as desigualdades estruturais enfrentadas pelos diversos grupos que compõem os estratos sociais, no tocante à condição de processamento e resposta frente aos desafios supracitados. Fatores como a disparidade de acesso à inclusão digital, a superexposição de indivíduos às interações mediadas pelas tecnologias digitais e a pouca familiaridade com as habilidades de gestão de informações complexas, incidiram diretamente na capacidade de articulação em rede para a obtenção de informações importantes. Consequentemente, esse cenário afetou também a saúde mental das pessoas e interferiu na capacidade de autogestão das informações e tomadas de decisões sobre o contexto (BRASILEIRO, 2020).

Dentre os grupos mais impactados pelos efeitos do COVID - 19, a comunidade de imigrantes vivenciou três crises em uma só: uma crise de saúde, uma crise socioeconômica e uma crise de proteção (ONU/OIM, 2020). Assim, o cenário aprofundou um quadro social preexistente relacionado aos impactos das barreiras enfrentadas por imigrantes e refugiados em situação de transição quando em busca por informações em contextos de saúde (Lloyd, 2014). Contexto este que, atualmente , se dá em escala global e ainda sem perspectivas de término, o que torna a experiência de transição substancialmente mais singular, significativa e pessoal na vida dos indivíduos em sociedade.

Este contexto põe em evidência o complexo processo de transição informacional que vivenciado na atualidade. Buscando conceituar tal situação, Brasileiro (2020) cunhou o termo 'estado de incerteza informacional' , referindo-se ao que seria o resultado da navegação em um ambiente informacional complexo. De acordo com o autor, o estado de incerteza

informacional se configura enquanto categoria analítica para investigar a experiência da desinformação em contextos de vulnerabilidade – significativos, pessoais ou de saúde. Outro aspecto, que merece destaque na observação do estado de incerteza, se relaciona com as barreiras informacionais enfrentadas pelos sujeitos no momento em que precisam acessar informações que os auxiliem a construir novas perspectivas informacionais. Explorar os tipos de barreiras informacionais enfrentados pelos sujeitos contribui para a compreensão das “interferências negativas nas capacidades individuais de autogerenciamento de informações e tomada de decisões” (BRASILEIRO, 2020).

Nesse sentido, na tabela 1 categorizamos, tomando como base o ‘modelo de resiliência informacional em redes sociais virtuais’, os trechos relevantes das falas das mulheres entrevistadas que remetem ao estado de incerteza informacional, a partir das barreiras informacionais enfrentadas pelas mesmas. O enfrentamento dessas barreiras concorre, então, com os objetivos voltados à obtenção de informações relevantes para a orientação e construção de perspectivas informacionais seguras que auxiliem no processo de tomada de decisões. Detalhando melhor, descrevemos, aqui, as barreiras informacionais enfrentadas enquanto: 1) barreiras de rede; 2) barreiras emocionais; 3) barreiras diaspóricas; 4) barreiras de tradução; ; 6) barreiras de letramento e 7) barreiras de interação. A seguir, ilustramos cada uma delas, a partir dos depoimentos das entrevistadas:

Tabela 1 – Estado de incerteza informacional

TEMA	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1 – Estado de incerteza informacional	Barreiras de rede	Excesso de conexões fracas Restrição de conexões fortes
	Barreiras emocionais	Medo de confiar em informações equivocadas Medo de tomar decisões equivocadas Ansiedade frente ao excesso de informações Tristeza ao encontrar informações negativas Tristeza ao perder a autonomia informacional
	Barreiras diaspóricas	Excesso de informações advindas de estranhos Informações de realidades estranhas
	Barreiras de tradução	Informações científicas com linguagem técnica

	Barreiras de letramento	Incapacidade de avaliar criticamente as informações Falta de habilidade para comparar as informações Incapacidade de tomar decisão sobre as informações
	Barreiras de interação	Rituais de Face

Fonte: elaborado pelo autora.

4.1.1 Barreiras de rede

Esta barreira refere-se à quantidade de laços sociais e conexões estabelecidas previamente pelo sujeito nas redes sociais virtuais que podem facilitar ou dificultar o acesso a informações relevantes (BRASILEIRO, 2020). A quantidade e a qualidade dessas conexões trazem características únicas ao aspecto da informação passada e podem representar fragilidade ou fortaleza na estratégia de busca por informação. Observando o percurso desta busca durante o processo imigração das mulheres entrevistadas, percebemos a ocorrências de fragilidade e de poucas conexões nos fragmentos a seguir:

[...] Foi a primeira vez que eu “tinha saído” do Brasil. Eu tenho 43 anos, a pessoa nessa idade já tem uma rede de amigos, têm suas próprias redes de estrutura e apoio e aí passar a não ter nada, porque eu estava sem conhecer ninguém (...) as pessoas geralmente usam redes para fazer migração e eu não usei. (Entrevistada 6)

[...] A maior dificuldade de quem chega em Portugal está exatamente relacionada às informações, há uma dificuldade muito grande na comunicação, os portugueses em geral vêm bastante problema em dar informações (...) a maior dificuldade mesmo é chegar nas informações corretas, é muito difícil até você conseguir chegar nos atalhos de forma mais prática. (Entrevistada 4)

[...] Então, nós tínhamos apenas uma pessoa conhecida que morava aqui em Aveiro (...) Eu vi muita coisa pela internet, vídeos no Youtube, conversar com pessoas que estavam aqui, (...) entrei em sites, mas entrei em poucos, em um ou outro. Assim ‘Brasileiros em Portugal’ coisas mais genéricas que a gente não sabia nem pra onde “a gente” iria. (Entrevistada 3)

[...] Fiquei presa na Europa pela pandemia e mil outras situações me aconteceram. Acabei de chegar em Portugal e não conheço ninguém, os amigos que iriam me receber aqui já não vão poder mais, preciso de um lugar, emprego e ajuda para ir me reerguendo. Pedi pra entrar na rede na esperança de me conectar e saber se poderia contar com a rede de alguma forma. (Entrevistada 9)

Com esses relatos, percebe-se que a experiência de imigração dessas mulheres foi, inicialmente, marcada pelo estabelecimento de conexões fracas devido ao pouco contato com

peças referência, como familiares ou indivíduos com relações duradouras. A restrição de conexões fortes interfere na validação de informações relevantes, que são necessárias para a diminuição de sentimentos de insegurança e medo frente aos desafios informacionais.

A teoria da força dos laços fracos criada por Granovetter (1973; 1983), propõe-se a compreender as relações na sociedade, a partir das conexões estabelecidas pelos indivíduos. O autor faz uma distinção entre os laços que compõem estas conexões: os “laços fortes” (relacionados à perspectivas informacionais mais sólidas e que inspiram confiança, advinda de vínculos mais duradouros como grupos familiares, relações de longa data ou vínculos institucionais) e os “laços fracos” (relacionados com vínculos relacionais novos e mais voláteis, mas que funcionam como pontes entre os grupos, e que atraem perspectivas informacionais inovadoras).

Neste caso, podemos observar nos relatos que as mulheres imigrantes estavam circunstancialmente vivenciando uma situação em que, por um lado se percebiam desprovidas de laços fortes (família, amigos, instituições referência da cultura nativa) e por outro lado estavam expostas à restrição dos espaços cotidianos de convivência em decorrência da pandemia - espaços estes propícios ao encontro de novas referências e perspectivas informacionais, em especial no que toca à necessidade de acesso à informações em saúde (LLOYD, 2014). Os desdobramentos deste panorama de restrições às conexões nos levam à próxima barreira identificada.

4.1.2 Barreiras Emocionais

As interações estabelecidas pelos sujeitos no desenvolvimento das relações sociais são geradas a partir de conexões carregadas de intencionalidades e emoções (COLLINS, 2004) . Em um primeiro momento emoções transitórias surgem, até que a própria experiência dos desdobramentos das interações sedimentem tais emoções, transformando-as em sentimentos duradouros que influenciam as práticas dos indivíduos. Em um contexto de crise, interações frustradas geram emoções transitórias de medo, angústia, raiva etc. e estas, vinculadas às incertezas informacionais, se configuram enquanto uma barreira à obtenção de informações importantes para o melhor processamento da situação vivenciada (BRASILEIRO, 2020). Nos próximos trechos, podemos perceber de que modo as barreiras emocionais se apresentaram na experiência das mulheres imigrantes :

[...] Na primeira semana eu entrei em pânico. Tive uma crise de pânico mesmo, por um momento pensei que ia infartar (...) por que, eu já estava procurando emprego, nada estava aparecendo, e tudo começou a fechar, não se tinha muita informação. Eu fiquei bem apreensiva (...) eu não conseguia produzir nada, pensar em nada. (Entrevistada 3)

[...] O que aconteceu foi a sensação de desproteção (...) eu me mudei recentemente, e isso foi uma das coisas que eu conversei até com as meninas, as organizadoras da Geni eu falei “gente eu me mudei, se acontecer algo comigo ninguém nem sabe onde eu vivo” (...) aí eu falei “eu vou deixar meu endereço aqui com vocês pelo menos vocês sabem onde me achar”. Eu tô passando uma necessidade sim psicológica, uma solidão absurda, eu passei quase 3 meses “pra” poder abraçar uma pessoa (...) todas as coisas que me fazem amar a a cidade, tomar um vinho, passear no parque a tarde me foi tirada (...) a minha identidade como pessoa que foi construída pelas minhas práticas sociais não existiam mais e o que vou fazer? (Entrevistada 6)

[...] Num primeiro momento, o governo não falava de apoio para imigrantes. Então assim, ninguém sabia, quem perdesse o emprego estaria à deriva porque tinha medidas “pro” mercado de trabalho, mas muitos imigrantes não entravam dentro nessas medidas porque estavam em situação irregular. Não tinham documentos, não contribuíram para a segurança social e isso trouxe um grande desespero (...) e o pior de tudo isso foi a saúde mental. (Entrevistada 8)

[...] todo dia era uma coisa nova, todo dia era um despacho, todo dia era uma medida, e era uma situação meio desesperadora que as pessoas já não davam conta de acompanhar, porque você podia acordar no outro dia e tudo já tinha mudado (...)que era quantidade de informação, era muita informação para se processar e informação nova. (entrevistada 8)

[...] Tive muitos sentimentos de medo, solidão, saudade, medo de não ver a família, medo de passar doença para as pessoas, medo de perder o emprego, da falta de afeto e isso me afetou na capacidade de processar as informações apesar de sempre buscar manter a calma , não ser precipitada, mas eu acho que reflete sim. A capacidade “da gente” processar informações nesse período reduz muito, porque “a gente” está muito influenciada pelo meio , pelo excesso de informações, por todos os medos e todas as inseguranças que “a gente” tem diante de um momento como esse. (Entrevistada 10)

Podemos observar que as mulheres imigrantes vivenciam barreiras emocionais ao se confrontarem com emoções negativas no momento em que precisam obter informações relevantes para se orientarem frente à situação adversa. Por estarem inseridas em um contexto profundamente crítico em saúde, em conjunto com a experiência prévia instável de ser imigrante, essas mulheres convivem diariamente com o medo de confiar em informações equivocadas; medo de tomar decisões que possam vir a prejudicar sua situação no país ou pôr em risco sua vida e de seus familiares; tristeza ao encontrar informações negativas.

Um ponto marcante observado nas interações das mulheres se refere à ansiedade e confusão em relação ao volume e variedade dos tipos de informação recebidas por elas, caracterizando o termo infodemia, ou seja, “o excesso de informações, algumas precisas e outras não, que torna difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa” (OPAS, 2020, p.2). Neste sentido, o ambiente informacional infodêmico, que pode ser considerado uma patologia informacional “se relaciona diretamente com a capacidade dos sujeitos cognitivosem ampliarem suas competências informacionais de busca, uso e compartilhamento deinformação” (ARAÚJO, 2021). A experiência fragmentada e caótica na

busca por informação dificulta a orientação e a construção da resiliência informacional evocando emoções negativas que se transformam em sentimentos de baixo tom emocional (COLLINS, 2004) frente a perda de autonomia informacional que, por sua vez, influenciam negativamente no processo de tomada de decisão frente ao desafio posto (BRASILEIRO, 2020).

Outra situação observada se refere à preocupação das mulheres imigrantes em relação ao estado de saúde/bem estar de seus familiares e pessoas próximas no Brasil. Essa preocupação as direcionam a se utilizarem dos dispositivos móveis e redes sociais digitais para manter contato permanente com tais pessoas, monitorar o avanço da pandemia no país de origem, as providências tomadas pelos órgãos competentes e acompanhar a opinião pública acerca do momento. Com isso, as redes sociais virtuais das imigrantes são ampliadas, integrando sujeitos para além do espaço físico (ESCUDERO, 2016). Tal situação nos remete também à noção de interações ritualizadas mediadas pelas tecnologias móveis (LING, 2008), na qual os dispositivos móveis de comunicação levam a interação entre os indivíduos para além da situação de co-presença, criando um sistema interativo de mediação das interações interpessoais.

Contudo, o contato dessas mulheres com variadas fontes informacionais de forma simultânea demandou um grande esforço na administração das múltiplas realidades informacionais acessadas, contribuindo para a percepção confusa sobre a noção dos fatos verídicos. Expostas à fragmentos de informação diversos, a tensão entre informações provindas de uma realidade distante fisicamente, porém adquirida, a partir de conexões com laços fortes, e informações da realidade local, porém provindas de conexões com laços fracos ocasionou uma corrosão na relação de confiança das imigrantes, em relação às informações obtidas. Todas estas micro dinâmicas informacionais emergentes em tensionamento com as informações normativas, advindas dos veículos oficiais, contribuíram para que as imigrantes se percebessem em um estado desinformado, corroborando com o entendimento de Ruokolainen e Widén (2019).

A situação de desordem informacional experienciada pelas mulheres, quando expostas a situações informacionais complexas, faz parte do processo de transição informacional no qual precisavam então conciliar as paisagens informacionais pré-pandemia, com as paisagens informacionais pós-pandemia. As mulheres enfrentavam dificuldades informacionais concernentes à crise sanitária, ao mesmo tempo em que lidavam também com as dificuldades cotidianas já presentes e inerentes à condição de imigrantes.

Sobre os sentimentos de medo, frustração e insegurança relatados nos trechos, Weenick

e Spaargaren (2016) corroboram no entendimento de que as emoções têm grande importância de serem agentes de criação ou quebra de ligações entre as redes de práticas na sociedade. Trazendo para a reflexão no presente estudo, a exposição à sentimentos de baixo tom emocional (COLLINS, 2004), quando de modo prolongado pelas mulheres imigrantes frente ao contexto difícil da pandemia, ocasionou, situacionalmente, a perda de Energia Emocional necessária para a motivação de busca de respostas, criatividade para pensar estratégias, elaboração de soluções e a consolidação da Resiliência Informacional (BRASILEIRO, 2017). Esta, por sua vez, necessária para a resolução da situação informacional e emocional complexa que estavam passando levando em conta o contexto virtualizante ao qual as mulheres estavam expostas.

4.1.3 Barreiras diaspóricas

A experiência migratória traz, junto com as mudanças físicas na territorialidade dos imigrantes, mudanças no nível simbólico dos indivíduos (BRINKERHOOF, 2009 *apud* ESCUDERO, 2016). Expostas a uma nova cultura e seus códigos, as pessoas que migram vêem se construir em seus cotidianos uma dinâmica inédita, formando paisagens informacionais únicas e diferentes que precisam ser conciliadas com suas experiências prévias de vida (LLOYD, 2020). Observando tais interações, em perspectiva com as dinâmicas das TIC's em sua materialidade e disposição das informações pela *web* social, o estado de diáspora se estende para o âmbito digital caracterizando as chamadas de e-diásporas (PEREIRA, 2019).

As conexões de mídia social permitem o acesso à nova realidade, sem que se perca o contato com a realidade anterior do migrante e funcionam como um recurso de resiliência digital, pois fazem com que se sintam próximos de seus parentes e conexões de laços fortes. (UDWAN; LEURS; ALENCAR, 2020). Por outro lado, a experiência de passar de um ambiente informacional familiar para um ambiente inédito e pouco familiar, seja na vida *offline* quanto na vida *online*, pode também representar uma barreira no acesso e na compreensão de informações relevantes. Enquadramos no entendimento de barreira diaspórica a experiência instável dos sujeitos quanto tem contato com informações de realidades desconhecidas e que estão dispersas no ciberespaço, dentro de uma transição do contexto conforme Brasileiro (2019), que pode afetar a averiguação correta de uma informação importante. Percebemos estes elementos a seguir :

[...] A língua é diferente, então há toda uma dificuldade inicialmente de comunicação mesmo, até você entender os códigos, por que você “tá” lidando com outros códigos, até você perceber a forma como é o funcionamento da vida mesmo,

da cidade, os informativos, o funcionamento da burocracia. (Entrevistada 8)

[...] Vendo as redes sociais na internet e observando a situação e as notícias do Brasil eu fico preocupada com meus amigos e familiares. Eu preciso confirmar com eles. É desesperador ver a situação do Brasil. (entrevistada 1)

[...] Quando você está vivendo num país ou numa cidade que você não faz ideia de que é o que, até a informação fica difícil de procurar. Por exemplo, se você joga qualquer coisa no Google vai aparecer lá uma lista, você não sabe que site é confiável, que site é do governo ou não é, é uma das coisas da imigração. (entrevistada 8)

[...] Outra coisa muito comum também no discurso é a xenofobia, que é o preconceito contra imigrantes dentro do cenário de procura de emprego em Portugal. “Ah, eu não sei se eu ganhei essa vaga por que eu era brasileira, eu não sei se a forma como ele me olhou era estranha”, e vem um pouco também de uma frustração cultural brasileira que nos achamos inferiores à Europa, estados unidos e tudo mais. (Entrevistada 2)

[...] Uma coisa que está acontecendo agora com a pandemia é justamente a construção do outro como “inimigo”, e está havendo o aumento da xenofobia por isso. (Entrevistada 10)

[...] Eles acham que o português da gente é totalmente errado e que a gente não sabe falar português e isso já foi me dito também, expressamente “ah não, brasileiro a gente não contrata não por que vocês não sabem falar português”. (Entrevistada 3)

No dia a dia da comunidade migrante, mesmo antes da pandemia, os sujeitos já passavam por dificuldades em navegar nos códigos sociais e informacionais do país de chegada. Esta dificuldade se relaciona com as discrepâncias advindas entre as perspectivas de vida prévias e em conflito com a nova realidade. Sem uma rede de apoio inicial, o contato com informações dispersas carentes de referências, dificulta a apuração para o acesso a informações relevantes.

Esta situação pode contribuir para uma percepção distorcida da informação em sua informatividade. Outro elemento importante observado nas interações das mulheres, seriam as relações mantidas com as informações providas de familiares/ amigos residentes no Brasil, a partir dos dispositivos móveis, configurando outro elemento de referência na construção das interpretações informacionais. Estes laços mantidos denotam o caráter ambivalente da informação: ao passo que podem fornecer um suporte afetivo e acolhedor, podem também representar um referencial informacional distorcido - considerando a realidade em que se encontra a imigrante, entendendo que tais informações são forjadas em lugares que detêm práticas, valores condizentes à uma realidade política e social distinta a do habitual.

Um terceiro fator de barreira percebido tem a ver com as práticas de xenofobia sofridas pelas imigrantes. Estas são interações de carga simbólica violenta, que pode restringir ou dificultar o acesso à informações importantes, criando um sentimento de frustração, insegurança e desmotivação na migrante ao buscar informações em uma realidade

desconhecida. Em uma situação de pandemia, a restrição às informações sociais e de saúde pode acarretar graves consequências a curto e médio prazo na estadia dessas pessoas e no seu bem estar.

4.1.4 Barreiras de tradução

O acesso às informações em uma realidade fora da habitual trás consigo a necessidade da decodificação de termos desconhecidos que surgem, podendo este processo se desdobrar em uma barreira de tradução, que engloba termos específicos não disponibilizados em uma linguagem compreensível ou informações em assuntos nos quais as pessoas se percebem leigas, o que diminui a sensação de confiança e credibilidade por parte de quem precisa de orientação. Brasileiro (2020) reflete que, ao buscar ativamente a informação na ambiência digital, os indivíduos experimentam emoções diversas como medo, ansiedade, angústia, tristeza frente às situações de incerteza. Estas se traduzem em dificuldades para a tomada de decisões como por exemplo, estabelecer consenso entre as informações disseminadas, traduzir a informação científica, confiar em informações de comentários, assegurar a adequabilidade das informações para o encontro com informações relevantes. Nesse sentido, os migrantes se percebem mais vulneráveis ao lidar com uma informação equivocada ou que não faz sentido:

[...] Imagina o que é um trabalhador que não sabe o que é lay-off, nunca ouviu falar na vida e do dia pro outro ter que saber o que é lay-off e o que pode e o que não pode. (Entrevistada 8)

[...] a língua é uma barreira, por que as pessoas dos centros de saúde não falam outras línguas (...) por que é justamente isso que é o problema, não adianta só você traduzir uma coisa, aquilo tem que fazer sentido pra ti como imigrante (...) quando você faz um trabalho principalmente de saúde, você tem que falar com a comunidade (imigrante) local, você tem que falar realmente com as pessoas que vão precisar daquele acesso, pensar em representatividade também. (Entrevistada 7)

[...] essas pessoas estão à própria sorte...eu ajudei uma pessoa que não entendia o que era junta de freguesia e eu fiquei pensando “eu também não sei” por que a gente não tem essa organização estrutural na nossa cidade (...) aqui é diferente, tudo isso tem que trocar, tem que fazer sentido pra quem está aqui... (...) realmente um imigrante aqui que não tem informação nenhuma, ele precisa receber informações (Entrevistada 9)

[...] Nós começamos a conversar sobre termos que só se usam aqui em Portugal e que podem dificultar a compreensão das mulheres que chegam aqui, até mesmo para elas saberem identificar situações que não são aceitáveis. Muitas de nós no início ficamos perdidas com alguns termos utilizados e isso depois se volta contra nós (Entrevistada 5)

[...] A informação tem que ser passada e tem que ser passada de uma forma eficaz. Eu vejo pelo plano nacional, tanto “rodeio” para falar isso? Aí a pessoa (imigrante) passa o dia todo trabalhando, chega cansada e vai conseguir ler 20 páginas de termos rebuscados sem entender nada? Não vai. Só que entender isso é importante para a qualidade de vida do imigrante. (entrevistada 2)

Na experiência de vida imigrantes, percebemos o desafio que significa a tradução de termos não familiares, se dando em vários níveis, desde as peculiaridades dos idiomas, seja o português de Portugal para os brasileiros ou inglês, a interpretação de informações científicas em saúde, ou os informativos de serviços ofertados pelo governo sendo em assistência social ou questões trabalhistas. As barreiras de tradução neste sentido podem até mesmo fazer com que essas pessoas sejam abordadas com termos que não são aceitáveis e não tenham consciência disso. De outro modo, tais barreiras podem ocorrer também em expressões mais rebuscadas. Se esses indivíduos não conseguem obter ajuda para uma tradução, podem se sentir isolados e perceber com mais intensidade a sensação de estar pondo em risco suas trajetórias e escolhas de vida.

4.1.5 Barreiras de letramento

O contexto de ruptura com normalidade ocasionado pela pandemia do COVID-19 e a necessidade de distanciamento social trouxe todas as interações para as ambiências virtuais. Quando relacionamos essa realidade, com a situação de exclusão digital que grande parte das pessoas em situação migratória ainda enfrentam na sociedade, logo se percebe que esse quadro influenciou no acesso às redes de informações e apoio para os imigrantes, sobretudo os que não detinham letramento digital suficiente para conseguir interagir virtualmente, necessitando de um mediador. Essa observação evidencia a tecnologia, enquanto entidade cada vez mais indispensável, que assume centralidade no estabelecimento das conexões importantes na trajetória de sobrevivência dos imigrantes, especialmente em tempos de incertezas (OMI/ ONU 2019).

Segundo Lloyd (2020), a falta de letramento informacional pode ser reconhecida como a perda ou diminuição de conhecimentos e formas de saber em um tempo e espaço, período este que se marca pela necessidade de reconhecimento das possibilidades sociais, materiais e tecnológicas fornecidas pelo novo ambiente. As barreiras de letramento perpassam a trajetória de algumas mulheres que precisaram acessar políticas e projetos de assistência, incluindo a Rede Solidária e as dificuldades enfrentadas neste sentido:

[...] Tiveram mulheres que comentaram lá no Facebook “ahh, eu quero, mas como faço pra me inscrever?”. E aí eu mandava o link e falava “clica no link e se inscreve” e a pessoa vinha por *inbox* e falava “mas eu não entendi, você consegue me ajudar?” (Entrevistada 5)

[...] Também teve uma mulher que veio e falou: “chegou aí um cadastro x?”, eu olhei e disse assim: “chegou sim”. Daí ela disse: “ah, foi minha amiga, mas se mandar mensagem pra ela, ela não vai saber porque fui eu quem a inscrevi”, ela não

sabe fazer isso (...). E uma das pessoas nós tivemos que ligar para poder ajudar pois ela não sabia usar a internet." (Entrevistada 5)

[...] eu nunca fui fã de trabalhar online e eu tive uma resistência que tive que quebrar. Tive que aprender a mexer nas ferramentas. “poxa como é que vou dar aula no *zoom*, como vou administrar várias salas?” Eu tive que fazer várias sessões de teste. Mas o que eu notei também foi que as pessoas começaram a usar essas redes para falar de si e para pedir ajuda e aí as pessoas começaram a se ajudar de diversos lugares do país. (Entrevistada 9)

[...] Eu sou uma pessoa que tenho muita dificuldade com o mundo da tecnologia, e tive que enfrentar uns desafios mas eu acredito que consegui. No começo gerou até uma certa ansiedade, por exemplo, ter que lidar com minha filha, tinha que lidar com plataforma, fazer tarefa, fotografar, enviar por e-mail, escrever para a professora, uma série de coisa que fiquei meio maluca (...) por exemplo o *zoom*, eu tinha uma reunião marcada e não sabia como iria ser e recebi um email do meu professor só com a mensagem “me envie o link do *zoom*” e eu não sabia onde era o link do *zoom* aí coloquei no grupo “enviar o link do *zoom*” e rapidamente eu consegui. Mas não sei se sou eu que estou melhorando ou se as coisas estão mais intuitivas, por que já fiz reunião em três plataformas diferentes e não tive muitas dificuldades, assim, tive, mas foram dificuldades superadas. (Entrevistada 7)

Inseridas em um momento de distanciamento social e com as principais atividades de trabalho, educação, lazer e relacionamentos atreladas aos dispositivos digitais, o acesso e as habilidades de uso foram fatores decisivos para a melhor gestão da informação e seus desdobramentos nas interações sociais no período da quarentena. No caso das mulheres, além das próprias atividades de trabalho e estudo, o contexto virtual as sobrecarregou, pela necessidade de administrar outras rotinas paralelas como a escolar de seus filhos, por exemplo, precisando desempenhar funções para as quais elas não estavam preparadas, gerando sobrecarga, exaustão e sentimentos conflitantes.

Outro aspecto dessa barreira tem relação com a total falta de inclusão digital em determinadas camadas das mulheres imigrantes, que criou uma barreira para o acesso até mesmo a itens básicos de sobrevivência como alimentos e higiene pessoal. Por não dominarem as ferramentas tecnológicas, estas mulheres ficaram à mercê da ação voluntária de terceiros que estivessem disponíveis para auxiliar. O excesso de informações concorrentes somado às angústias e sobrecargas de não conseguirem processar toda a situação com sucesso, se torna então para as mulheres imigrantes um terreno fértil para a confusão e a desorientação informacional.

4.1.6 Barreiras de interação

As barreiras de interação têm relação com o trabalho de face entre as pessoas em uma rede social digital, onde geralmente as conexões se iniciam de modo efêmero. Os rituais de interação (COLLINS, 2004) essas redes muitas vezes conflitam com o objetivo de

resolutividade informacional. Em contextos de vulnerabilidade em saúde, as práticas nas redes sociais virtuais tendem a ser mais cautelosas em um primeiro momento (BRASILEIRO, 2019). Na rede solidária, esta barreira evidencia-se no evite de exposição da situação de saúde, econômica por medo ou vergonha. Collins (2004) identifica essa forma de interação ritual enquanto ‘sentimentos morais compartilhados’. Tais interações, se prolongadas, podem desfavorecer o encontro com mediadores ou iniciativas que venham auxiliar a superação das dificuldades. Podemos observar esta barreira nos seguintes relatos:

[...] Acho que às vezes demora a ficha cair que precisamos ser amparados também [...] às vezes não é só vergonha, é resistência em perceber essa fragilidade. (Entrevistada 4)

[...] Eu tinha medo de julgamento por pedir, mas foi justamente a psicóloga da Plataforma Geni que me fez enxergar que pedir não é um problema. (Entrevistada 9)

[...] a gente sentiu dificuldade foi mais pela cobertura, como é um espaço de diálogo pra gente foi difícil um pouco [...] as pessoas não se sentem às vezes confortáveis para falar por câmeras, redes, a disposição não é a mesma (Entrevistada 8)

Observando tais depoimentos, percebemos que a condição de resposta destas mulheres frente à situação de emergência conflitou com as expectativas iniciais das mesmas sobre a experiência de migrar para outro país, que inclui ideia de sucesso e autossuficiência financeira. O choque de realidades em um primeiro momento corroborou para a protelação de pedidos de ajuda e abriu espaço para sentimentos de negação da situação vivenciada, como frustração e vergonha em se entender necessitando de auxílio.

O fato do grupo ser composto por pessoas que nunca estabeleceram contato físico em oportunidades anteriores, pode também ter contribuído para a não disposição para a interação em um primeiro momento, por não haver confiança suficiente para a partilha da vida privada de cada uma. Outro fator observado nesta barreira se refere a dificuldade em se manter a interação virtual com a mesma profundidade e entrega que uma troca presencial, nesta primeira fase das interações.

Observando as variadas formas de representação das barreiras à informação, nos trechos relatados, podemos constatar que os sentimentos vivenciados a partir do contato com a complexidade do ambiente informacional emergente dentro de uma realidade não familiar e com o perigo de risco à vida tão próximo, ainda sem projeção concreta sobre o fim da situação de crise, direcionaram as mulheres imigrantes a se perceberem dentro do estado de incerteza informacional descrito por Brasileiro (2019).

Por sua vez, tal panorama gerou sentimentos de baixo tom emocional (COLLINS, 2004) interferindo na capacidade de resposta frente ao contexto de vivenciado e logo, influenciou os indivíduos situacionalmente no desenvolvimento das capacidades individuais

de autogerenciamento de informações e tomada de decisão (BRASILEIRO, 2019).

Estas mulheres precisaram negociar a todo momento suas verdades e seus entendimentos normativos sobre visão de mundo e da situação posta, juntamente com os entendimentos normativos derivados da cultura não familiar no qual estavam inseridas, caracterizando as noções de desinformação normativas e desnormativas propostas por Ruokolainen e Widén (2019) interpretando as situações a partir do seu viés cultural e percebendo socialmente as informações novas (KARLOVA; FISHER, 2013).

No período pandêmico pesquisado, tal movimento ocorreu enquanto, ao mesmo tempo, as mulheres precisavam se adaptar ao contexto anormal de virtualidade causado pelo distanciamento social. Todos estes fatores em conjunto criaram novas paisagens informacionais emergentes (LLOYD, 2020) que precisam ser administradas de modo rápido, ininterrupto e contínuo.

Tal informacional complexo ilustra a experiência desinformada ao qual as mulheres estão expostas em sua vivência cotidiana no contexto migratório, com o agravante do ingresso coletivo em um contexto inédito e com tensões peculiares próprias à situação pandêmica. É de suma importância identificar estes pontos de tensões que existem no processo de imigração e pandemia, percebendo as tensões em relação aos os padrões de normatividade que podem co-criar conflitos, para entender o ponto de partida para a criação de saídas possíveis.

Neste sentido, além das incertezas decorrentes das tensões vivenciadas, um outro aspecto se destaca na observação das interações entre as mulheres imigrantes da plataforma Geni. Corroborando com o entendimento de Ojeda (2005) sobre a transformação de situações estressantes / eventos marcantes que afetam uma comunidade, em vetor de mobilização comunitária e incentivo à solidariedade, junto ao entendimento de Ruokolainen e Widén (2019) sobre a importância de se ter um olhar mais positivo da desinformação, no sentido que podem oportunizar a criação de saídas coletivas para problemas complexos, o contexto de desorientação ao qual as imigrantes estavam inseridas naquele estágio inicial da pandemia, impulsionaram estas em direção a busca de estratégias que converteram parte do problema em orientação informacional, reverberando positivamente até mesmo em outras outras esferas da vida das mesmas. Desse modo, observou-se que, o contexto crítico e virtualizado, as levou em direção à criação de conexões coletivas a partir dos dispositivos móveis e mídias (LING, 2009) com outras mulheres que passavam por situações semelhantes no intuito de se apoiarem e trocarem informações importantes para a resignificação do momento.

Dessa maneira, percebendo o risco e buscando modos mais seguros de construir a transição informacional inevitável a qual estavam expostas, as mulheres construíram uma

estratégia informacional de enfrentamento coletivo nas redes sociais virtuais (BRASILEIRO, 2019), criando a “rede solidária” da Plataforma Geni. Tal iniciativa foi o pontapé inicial para a construção da resiliência informacional neste contexto. Na próxima seção, detalharemos elencando subcategorias a partir do modelo de resiliência informacional em redes sociais virtuais, como se estruturaram tais estratégias.

4.2 ESTRATÉGIA INFORMACIONAL DE ENFRENTAMENTO COLETIVO EM REDES SOCIAIS VIRTUAIS

Seguindo com o modelo de resiliência informacional em redes sociais virtuais (BRASILEIRO, 2019) na investigação dos processos de orientação e construção de soluções agenciadas pelas mulheres frente aos desafios, na tabela seguinte identificaremos os elementos que compõem empiricamente as estratégias de enfrentamento à desinformação e a construção da Resiliência Informacional pelas mulheres envolvidas na “Rede Solidária” da Plataforma Geni.

Tais subcategorias são respectivamente 1) conexão coletiva; 2) Intencionalidade da informação/foco em comum; 3) Foco de atenção mútua; 4) humor compartilhado; 5) intensificação de *feedbacks*; 6) sentimento de solidariedade; 7) símbolos de pertencimento; 8) energia emocional, 9) sentimentos de moralidade e 10) símbolos de pertencimento. Podemos visualizar um quadro com todas as subcategorias, e em seguida abordaremos cada uma das estratégias a partir das falas e depoimentos das entrevistadas.

Tabela 2 - Estratégia informacional de enfrentamento coletivo na plataforma

TEMA	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
2- Estratégia informacional colaborativa em redes digitais	Conexão coletiva	Direcionamento da consciência para a construção da informação colaborativa Participação de mediadores formais Participação de mediadores informais Participação de mediadores

		contingenciais
	Intencionalidade da informação em comum	Encontro de informações sobre serviços de seguridade social e trabalhista Contribuição com o bem-estar socioemocional das integrantes da rede Transliteração das informações Letramento informacional
	Foco de atenção mútua	Percepção de que os outros têm o mesmo foco de si
	Humor compartilhado	Sentimento de acolhimento por parte das pessoas
	Intensificação de <i>feedbacks</i>	Interação síncrona entre as fontes de informação
	Sentimento solidariedade	Compromisso permanente em auxiliar uma integrante que necessite de apoio
	Energia emocional	Emoções compartilhadas que unem o compromisso Sensação de autoconfiança, motivação, entusiasmo
	Símbolos de pertencimento	Valores agregados percebidos e artefatos físicos e/ou virtuais compartilhados pelo coletivo

4.2.1 Conexão Coletiva

Esta estratégia ocorre quando os indivíduos que vivenciam o estado de incerteza informacional se deslocam para as redes sociais digitais em busca de conexões com outras pessoas no intuito de acessar informações que possam ser relevantes para o momento. Segundo Brasileiro (2020), a experimentação situacional desse estado (incerteza informacional) pode deslocar os sujeitos à conexão coletiva, ao direcionar o estado de consciência para a informação colaborativa (saberes construídos em colaboração digital)”. .

Essas pessoas se abrem então para a possibilidade de construção de conhecimento e encontram nas redes pessoas com vivências semelhantes e que estão direcionadas às mesmas buscas. Com isso, se dá início a um processo de conexão que é desde o princípio orientado para a cooperação mútua, e posteriormente se inicia a negociação das estratégias que contribuam para o alcance do objetivo em comum. Para que essas redes possam surgir, as figuras dos mediadores também são fundamentais pois estes mobilizam capitais culturais e sociais necessários para a construção de novas perspectivas informacionais, conforme entendimento de Lloyd (2014). A seguir, trechos das entrevistas que ilustram a conexão coletiva vivenciada:

[...] A rede solidária foi mesmo assim: “pronto a gente está vendo que tem muitas mulheres desesperadas por aí, que não sabem o que fazer e é o momento que está tudo fechado, ou seja, não tem nem onde elas buscarem ajuda. Porque vai buscar ajuda onde está todo mundo? Dentro de casa, e os serviços estão todos fechados. Vamos ajudar”. (Entrevistada 8)

[...] A rede solidária, nasceu de forma online, ela foi toda divulgada de forma online. Eu disparei um relatório em vários grupos de brasileiros aqui de Portugal que participo (...) aí vinha uma pessoa pra mim de Aveiro, mas eu não conhecia ninguém de Aveiro, eu falei: “já sei, vou entrar em um grupo de Aveiro e colocar o formulário lá pra ver se aparece alguém.” (Entrevistada 5)

[...] Eu vejo a internet como isso, “conexão”. E por que eu vim pra Portugal sozinha num país que eu conhecia uma pessoa, e foi isso que a internet me deu, a conexão. Todas as minhas amigas vieram pra internet, todos os grupos que eu participo são na internet, todas essas coisas maravilhosas que eu ouço e vejo são pela internet (Entrevistada 5)

[...] “A gente” tem feito assim, elas preencheram o formulário e informaram quais eram as necessidades principais, “ah eu to a precisar de emprego, precisar de comida, eu to a precisar de apoio à saúde mental e tudo mais”, com base nisso a Plataforma Geni entrava em contato com essas mulheres e oferecia o apoio, só que isso veio de forma voluntária, elas entram na plataforma e solicitam esse apoio, o apoio da rede solidária. (Entrevistada 2)

Vemos então que, na busca por soluções diante do contexto difícil da pandemia, as mulheres da plataforma Geni criaram estratégias, a partir das redes sociais virtuais para conseguirem estabelecer contato com pessoas que necessitavam de ajuda assim como que poderiam também ajudar. Essa conexão coletiva criou laços orientados para o bem comum (BRASILEIRO, 2019) e estabeleceu uma rede de suporte mútua, *online* e *onipresente*, conseguindo acompanhar desse modo algumas dimensões da vida das mulheres imigrantes

que vinham sendo duramente afetadas pela pandemia (como saúde mental, relações de trabalho, direitos etc.).

4.2.2 Intencionalidade da informação em comum

Para que a conexão coletiva se estabeleça de modo efetivo, é importante que haja o reconhecimento por parte dos indivíduos da intencionalidade da informação em comum, ou seja, a percepção de que há ressonância com outros integrantes da rede em relação a prática de uma consciência coletivista do pensamento, em detrimento das intenções individualistas, ou seja, uma orientação pró- social (BRASILEIRO, 2019). O cuidado acerca de como as informações devem fluir na rede de modo que beneficiem a todos, ou a preocupação com a preservação e segurança das informações pessoais dos componentes na rede também faz parte desta intencionalidade:

[...] No coronavírus foi o que aconteceu, esse coletivo de mulheres, elas no caso se uniram, certo? E aí cada uma com uma força maior pra apoiar outras mulheres e a partir disso a gente começou a fazer uma rede solidária, elas se transformam numa rede solidária maior. (Entrevistada 2)

[...] Quando há a vivencia na pratica, que realmente as mulheres ajudam outras mulheres, e que isso começa a dar resultados, e que elas (as mulheres) começam a se sentirem acolhidas e ver que as coisas começam a funcionar. (Entrevistada 2)

[...] “a gente” tem que ter sempre certeza pra passar alguma informação pra “a gente” não tá caindo nessas de desinformar e sim de informar, num primeiro momento o que “a gente” colocou de regras é isso, que o grupo tinha que ser especificamente para tratar de assuntos da rede solidária, então poderia mandar todos os *links* lá mas desde que fosse com relação à isso de prestação de covid-19 de como ajudar as pessoas e olhar de onde essas informações vem (Entrevistada 8)

[...] Essa questão por exemplo da rede solidária, só 1 pessoa que tratava dos dados e das informações das pessoas. Vou dar um exemplo que é mais fácil, eu era a pessoa que era responsável por olhar o formulário e transmitir os casos, então aquele formulário chegando só eu tinha acesso, só eu e a Carol tínhamos acesso. (Entrevistada 8)

[...] Então nós criamos também o curso de inglês para as mulheres na Plataforma. Por que a ideia era além de acrescentar um idioma que é muito solicitado aqui principalmente para prestação de serviços, nós fizemos uma base toda feminista com termos que elas não entendiam como ‘mansplaning’, ‘maninterrupting’ para elas identificarem situações de machismo e também dialogávamos sobre termos xenófobos. Então além do idioma, era uma aula de como entender melhor alguns termos para elas se protegerem também. (Entrevistada 4)

Os trechos dessa subcategoria nos mostram que, ao se defrontarem com a situação de impossibilidade de resolução das situações emergentes de maneira convencional, algumas pessoas que detinham maior acúmulo de capitais culturais e sociais agregados, e que dispunham de uma rede de conexões mais ampla no âmbito virtual, tomaram a iniciativa de

ajudar as pessoas que não tinham a mesma estrutura e que estavam sofrendo mais duramente os impactos do distanciamento social. Pudemos perceber que essas pessoas se distribuíram enquanto mediadores (LLOYD, 2014) sendo estes , mediadores formais (as mulheres gestoras da plataforma Geni); mediadores informais (mulheres usuárias da rede solidária que, uma vez dentro também direcionaram sua consciência para a cooperação); e mediadores contingenciais (pessoas que não tinham vínculo com a rede solidária nem com a plataforma Geni, mas que contribuíram divulgando a iniciativa e indicando pessoas em grupos virtuais de diferentes localidades de Portugal)

A rede solidária da Plataforma Geni reuniu mulheres que estavam precisando de ajuda e mulheres que podiam ajudar, colocando-as em contato umas com as outras. Ao entrarem no grupo e terem contato com a abertura para interagir com várias pessoas a partir da problemática vivenciada em comum, as mulheres reconheceram umas nas outras a mesma intenção e isso contribuiu para que o ambiente, mesmo composto por relações iniciais provindas a partir de laços fracos, fosse aos poucos sendo percebido como um ambiente de segurança para a partilha mútua sobre as dificuldades que a situação de incerteza impunha.

4.2.3 Foco de atenção mútua

Corroborando com o entendimento da estratégia anterior, o foco de atenção mútua se caracteriza pelo entendimento de que todas as pessoas presentes na rede solidária está ocupando aquele espaço com as mesmas aspirações e disposição para a troca de informações e ajuda mútua podendo estender-se os laços inclusive, para o âmbito fora do objetivo primário da rede digital.

Neste momento, a troca a partir do foco de atenção mútua favorece a tomada de consciência por parte de cada um que compõe a rede, sobre a consciência e os sentimentos dos demais componentes (BRASILEIRO, 2020), convertendo as emoções transitórias próprias do estado de incerteza informacional em uma experiência de emoção compartilhada (COLLINS, 2004):

[...] Então eu acho que assim, as coisas vão acontecendo no sentido de que você vai recebendo essa ressonância positiva de um grupo de mulheres se ajudando, a coisa andando (...) digo que eu tô ajudando outras mulheres e essas mulheres estão me ajudando a ser um ser humano melhor. (Entrevistada 5)

[...] E as redes sociais, e isso que a gente tá fazendo aqui (rede solidária) foi o que me deu forças, eu comecei a conversar até com amigas minhas que estão na mesma

situação em outros países , uma amiga que tá em Londres, uma amiga que está na Bélgica...e a gente começou a dar forças uma pra outra e nosso contato se estreitou então “como você está?” “tá tudo bem aí?”, “manda uma mensagem?”, “eu tô aqui.”. Porque a gente tá vivendo uma vida meio atomizada né, cada um no seu quadrado, mas a tecnologia juntou a gente.” (Entrevistada 7)

[...] Uma coisa que notei foi que a rede toda teve três movimentos que identifiquei (...) na pandemia primeiro o pedido de ajuda psicológica foi muito maior primeiramente, depois a ajuda material , de mandar cesta básica e depois a ajuda na empregabilidade, fazer com que as pessoas conseguissem se recolocar no mercado de trabalho. Normalmente numa situação típica , seria o inverso. (...) A pandemia nos forçou a pensar, porque você não tinha outra escolha a não ser ter sanidade , na pandemia você está sozinho com seus pensamentos.” (Entrevistada 6)

[...] Eu tive uma situação que precisava declarar imposto de renda e eu tinha medo de fazer errado, e uma das mulheres lá se colocou pra me ajudar e ela me ofereceu um auxílio muito completo remota , ela estando em Lisboa. Outra situação foi uma mulher que trabalha com design gráfico, eu estava precisando criar um logotipo para um empreendimento e ia gastar um dinheiro que não poderia e ela se colocou no grupo que estava parada e poderia ajudar alguma mulher que precisasse com serviços gráficos. (Entrevistada 1)

Com base nos relatos podemos identificar o foco de atenção mútua na atitude das integrantes perceberem que há um retorno da atenção dispensada por elas na rede. Este foco mútuo pode ser considerado uma condição à colaboração diante do contexto emergente, que pode ser aproveitada na operacionalização de práticas de informação “projetadas para mitigar riscos de saúde, jurídicos, financeiros e de bem-estar produzidos pela pandemia” (LLOYD, 2021). Já o retorno obtido por esta interação pode se configurar de diversas maneiras, seja este um retorno material, informativo ou afetivo.

Percebemos também que o direcionamento deste foco acompanhou as necessidades momentâneas da fase pandêmica na qual se encontravam as mulheres. Este entendimento vai ao encontro das informações trazidas pelos estudos empreendidos por Lloyd (2021) e pelo relatório das migrações e mobilidade em 2020 (OIM, 2021), que tratam da caracterização das distintas fases do processo de adaptação ao cotidiano após o surto do novo coronavírus e que mediam a compreensão sobre risco e atividades em informação durante a transição (LLOYD, 2021). O foco de atenção mútua produz um território de informação confiável e em sintonia com os objetivos de cada uma, estendendo esta confiança para os âmbitos privados das vidas das mulheres envolvidas . Por exemplo, no momento que aproveitam os capitais agregados dos laços construídos para solucionar problemas de ordem pessoal não envolvidos diretamente com o contexto da pandemia. Nesse caso, o foco de atenção mútua se expressa através da articulação das práticas tecno mediadas de compartilhamento de informações e experiências íntimas/ pessoais (BRASILEIRO, 2019) .

4.2.4 Humor compartilhado

À medida que os laços vão se estreitando dentro do espaço das redes de conexões criadas, a tendência é que os componentes da rede se sintam cada vez mais à vontade para partilhar seus sentimentos e humores, se expressando com os recursos disponíveis na rede e contribuindo para o engajamento das pessoas. Esta interação “permite o reconhecimento mútuo das emoções que envolvem cada experiência compartilhada no grupo ao mesmo tempo que orienta um comportamento de interação acolhedor.” (BRASILEIRO, 2019). Vemos a seguir:

[...] Eu acho que foi bem interessante essa troca porque acho que as pessoas conseguiram realmente se sensibilizar , e pelo menos na grande maioria das vezes sem julgamentos. (Entrevistada 3)

[...] essa coisa que eu tava sentindo elas também estavam sentindo (...) e aí mais de uma vez houve essa troca de experiência falando da Covid 19, o novo normal, como a pandemia afeta as mulheres e o mercado de trabalho, o que que vai acontecer e eu sentia a necessidade de manter esse tema por que elas queriam falar, elas queriam contar a experiência delas , não para quem tava em casa, mas pra quem tava de fora. (Entrevistada 10)

[...] Isso só é possível por que todas nós ajudamos de alguma forma, contribuindo, compartilhando experiências, ouvindo relatos. A rede solidária só existe por que todas nós participamos como podemos. (Entrevistada 1)

O humor compartilhado de modo contínuo, recarrega as emoções de entusiasmo e confiança nas mulheres que estão interagindo, e vão dissipando paulatinamente as emoções prévias de insegurança e desconfiança. A troca mútua passa a servir tanto como uma fonte de informações confiáveis, e/ou suporte material , quanto como um local virtual de escape e reflexão sobre as tensões de cunho mais subjetivo vivenciadas de maneira ininterrupta em seus cotidianos pessoais.

4.2.5 Intensificação de feedbacks

Tanto o foco de atenção mútuo, quanto o humor compartilhado se reforçam mutuamente, a partir da intensificação de feedbacks, ou seja, a partir da sincronização das interações entre os sujeitos (BRASILEIRO, 2019). Esta interação sincronizada por sua vez permite que os indivíduos se sintam mais seguros e confiantes, além de consolidar o engajamento das pessoas recarregando o sentimento de compromisso com a ajuda ao outro, no momento que entende que pode também ser ajudado, se houver necessidade. Na rede solidária da Plataforma Geni, tal sentimento foi fundamental para que cada uma das

integrantes pudesse atravessar com mais disposição a experiências desinformada vivida no contexto de crise e distanciamento social:

[...] A ajuda do grupo veio em uma hora de muita necessidade e falta de amparo por parte do governo, foi de extrema importância para minha família, agradeço de coração a todas” (Entrevistada 3)

[...] Quando alguém pergunta alguma coisa, tem tantos comentários que você vê o que é verdade ou não e quando eu fico com dúvidas eu vou nos sites oficiais. Mas eu confesso que eu busco primeiro esse grupo, do que as fontes oficiais. Em uma ocasião eu precisarei com meu esposo resolver uma documentação e ele começou a pesquisar e eu também, ele foi direto nos sites oficiais, consulado e “tal” e eu no grupo (rede solidária): “pessoal, alguém já foi no SEF e pediram isso e aquilo?” , e, ao mesmo tempo ele estava com dificuldades de conseguir informações e para mim já 5 ou 6 pessoas já me responderam a mesma coisa. (Entrevistada 9)

[...] “A gente” tem que responder as mensagens sabe, por que isso faz parte dos nossos valores, por que se as mulheres “tão” perguntando é por que esperam uma resposta nem que seja uma resposta óbvia, nem que seja uma resposta básica. (Entrevistada 5)

[...] “A gente” teve a divulgação das mulheres da rede solidária, o tanto de mulher que veio falar “olha, ganhei tantos likes na minha página”, “fiz uma venda pra uma pessoa aqui da plataforma que me viu na plataforma”, é esse tipo de coisa, é esse tipo de relação, eu acho que é o mais importante pra gente é criar essas relações e uma ajudar a outra (Entrevistada 5)

[...] “Só uma hashtag faz diferença? claro que faz. O núcleo aqui de Portugal faz diferença? Faz, o núcleo de Lisboa faz diferença? O núcleo de Mulheres da Resistência na Suécia com a Holanda faz diferença? Faz! O de Nova York faz diferença? E é exatamente isso, a junção disso que a gente vai fazendo com que as coisas sejam cada vez melhores. (Entrevistada 5)

[...] Como estamos falando de uma rede de mulheres, eu acho que as mulheres precisam ter essa rede de apoio, de se sentir parte, de ter essa rede de apoio eu acho muito importante , antes eu já sentia quando vim pra cá e pensava em participar de coletivos assim e agora acho ainda mais importante , acho que é uma rede fundamental por que ela se comunica muito rápido e toma decisões muito rápido e em conjunto, passa informações muito rápido e com eficiência, abastece a gente. (Entrevistada 9)

Catalisadas pelo fluxo do foco de atenção mútua e do humor compartilhado, a intensificação de *feedbacks* acelera as interações benéficas para o ajuste e ressignificação da situação informacional que se encontram as imigrantes. Este retorno de modo mais intenso é importante para gerar sentimentos de alto tom emocional (COLLINS, 2004) como motivação, entusiasmo e conforma a expectativa de que a rede solidária seja realmente funcional.

Com base nessas interações as mulheres se sentem, cada vez mais confiantes em utilizar a rede de informações e apoio e se motivam, tanto a indicar a iniciativa para mais mulheres na mesma situação, quanto a se reconhecerem, também enquanto mediadoras junto às novas membras que porventura surjam .

Em médio e longo prazo, essas práticas de protagonismo podem influenciar

positivamente na percepção dessas mulheres sobre seu valor e sua importância perante a comunidade de imigrantes no país de acolhida, posicionando-as no contexto social que estão inseridas, conforme entendimento de Escudero (2016).

4.2.6 Sentimento de Solidariedade

Os sentimentos de solidariedade têm relação com o compromisso prolongado por parte de todos que compõem uma rede para com o outro. Tem ligação com a motivação de ajudar, circulando informações e opiniões que venham ajudar em determinado assunto, ainda que não haja solicitação do grupo.

Melhor dizendo, os sentimentos de solidariedade surgem quando os indivíduos se sentem confiantes a ponto de se sentirem empoderados do espaço que estão ocupando e incorporarem nas suas práticas um papel de protagonismo, seja este situacional ou de longo prazo, intermediando as informações, a partir da percepção que o outro pode estar precisando de ajuda (BRASILEIRO, 2019). Vale salientar que a intensidade desses sentimentos podem variar de acordo com o grau de envolvimento/ dedicação do indivíduo com o grupo.

[...] O que a gente pode fazer pra ajudar essas mulheres? Aí entra o coletivo de mulheres que têm consciência sobre essas problemáticas e querem ajudar de alguma forma (...) e hoje o coletivo é algo voluntário só com força de vontade e luta, nada além disso, cada uma fazendo seu trabalho, se organizando e gerando conteúdo. “Pra” que no caso consiga se expandir “pra” mais mulheres, e mais mulheres que hoje estão dentro de casa tomem consciência disso. (Entrevistada 2)

[...] estamos tentando ser também uma rede de suporte, e tentando ser mesmo, por exemplo (a rede solidária) é uma rede de suporte que vai além do que existe no grupo do whatsapp. (Entrevistada 8)

[...] Se o governo não pôde ajudar nesse momento, a gente teve que contar mesmo com a solidariedade de umas com as outras. Eu não consigo ajudar todo mundo, a outra não conseguiria ajudar todo mundo mas talvez se a gente juntasse um monte de gente que poderia ajudar, a gente ia conseguir superar a demanda e foi isso que aconteceu. (Entrevistada 8)

[...] Eu só tive dimensão da pandemia com os pedidos de ajuda da rede solidária. Como veio uma demanda muito grande de mulheres e muito espalhadas principalmente, por exemplo teve gente da Madeira que é uma ilha; eu tenho uma pessoa em Madeira precisando de ajuda, o que é que eu faço com essa pessoa se não tem ninguém lá? Eu a deixo pra trás? (Entrevistada 5)

Como podemos perceber nos trechos relatados, o sentimento de solidariedade das mulheres que compunham a rede se estabeleceu pela noção de compromisso com as necessidades das imigrantes em situação de vulnerabilidade na pandemia. Tal compromisso dentro da rede solidária se deu desde a solidariedade situacional, como por exemplo, a criação voluntária de conteúdos importantes para o contexto que pudessem circular nas páginas de

Instagram, Facebook e site, ou a soma com um apoio afetivo/ informacional em uma demanda pontual, como parte da não possibilidade de estar disponível para ajudar em todas as demandas; assim como de modo mais prolongado, principalmente da parte das mulheres que já atuavam no projeto plataforma Geni, antes da pandemia e que se viram no compromisso de dar retorno às solicitações de ajuda por mais distantes que fossem de suas realidades locais. A percepção de que a comunidade imigrante seria uma das mais desassistidas pelos programas governamentais na pandemia também teve forte influência na ideia de que seria necessária a criação de uma rede de solidariedade independente para, somando esforços individuais, só conseguisse acessar quem realmente estava precisando.

O sentimento de solidariedade, também faz-se presente, quando mesmo não sendo o objetivo principal da rede solidária, a disponibilidade das mulheres para o auxílio extrapola o nível do grupo, acompanhando algumas necessidades individuais de mulheres em outras esferas de suas vidas também. Por último, importa destacar que, para que o processo de resiliência informacional se estabeleça com sucesso, os sentimentos de solidariedade de longo prazo tendem a ser mais favoráveis (BRASILEIRO, 2019).

4.2.7 Energia Emocional

Todas as interações decorrentes das estratégias, quando positivas, geram sentimentos compartilhados que vão recarregar a Energia emocional (COLLINS, 2004) no grupo e que, por sua vez, se reflete nas práticas em nível individual de cada um. Tal energia, quando positiva, potencializa sentimentos de confiança, entusiasmo e iniciativa, contagiando as demais pessoas que ainda precisam se sentir motivadas.

A alta energia emocional é importante para a ressignificação do momento vivenciado, reforça os fatores de resiliência e baliza os critérios de concretização das intenções informacionais, além de impulsionar a tomada de decisão sobre as situações que emergem no grupo e no cotidiano de cada um. Tais interações, portanto, evidenciam a transformação dos laços fracos iniciais da rede em laços fortes (BRASILEIRO, 2019). Portanto, para que um grupo vivencie a resiliência informacional de maneira assertiva, é indispensável que a energia emocional que circule no grupo seja alta, seja positiva:

[...] A gente recebe tanta mensagem legal, de gente que está em outros países, teve uma menina que estava no Canadá esses dias e mandou mensagem pra gente sabe, então assim, a ideia e o alcance é muito grande. Pessoa que toda vez que colocamos um post que viraliza e alguém vem contar algum relato, responder alguma coisa eu falo “cara, olha isso! Valeu a pena!” eu falo sempre isso, se uma pessoa foi impactada, já valeu a pena!” (Entrevistada 5)

[...] Falando sobre a dimensão que a rede solidária deu para a plataforma, o tanto de gente maravilhosa que veio para agregar, o tanto de aprendizado que a gente teve sabe? (...) É muito recompensador eu falo, a palavra é essa, é recompensador. (Entrevistada 5)

[...] Então eu acho que essa ressonância é positiva da solidariedade, eu acho que é um grande ganho pra mim como ser humano (...) eu posso dizer que ganhei conhecimento, ganhei vivência, ganhei uma parceria num projeto novo e to ganhando muita ressonância positiva. (Entrevistada 3)

[...] E o que eu sinto assim da rede solidária da maioria da época que tive contato foi isso, não me sinto sozinha e sinto um alívio imenso em ver que não estava sozinha. Foi mais difícil quando eu não tinha mais ninguém para contar mesmo. (Entrevistada 8)

[...] Eu acho que no início existia muito medo, angústia, desespero dependendo da situação. E aí, a partir do momento que chegamos dentro de um grupo que nos acolheu, informou, o sentimento é de gratidão por existirem pessoas assim, mesmo em cidades diferentes, mas sendo pessoas tão próximas quando as pessoas próximas nós achávamos que estavam apenas no Brasil. Mesmo que seja online, isso fez muita diferença na vida. (Entrevistada 1)

No momento em que as mulheres, tanto gestoras da rede quanto usuárias, sentiram a ressonância do esforço empreendido por elas voltando em forma de agradecimentos, feedbacks positivos e notícias entusiasmadas, a Energia emocional do grupo foi recarregada e passada adiante dentro das interações coletivas. Esta energia compartilhada se configura como um retorno subjetivo das práticas empreendidas que sedimentam aquisições de novas habilidades e competências necessárias à ressignificação da situação vivida.

Neste momento, as participantes que, por ventura, não tenham interagido dentro do grupo, por alguma razão, tiveram uma prova da efetividade do propósito do grupo, reverberando na sensação de estar mais a vontade para se colocar em uma oportunidade posterior. Esta efervescência coletiva, quando prolongada, pode dominar a consciência dos indivíduos (BRASILEIRO, 2019) contribuindo de maneira assertiva para que se sintam competentes no enfrentamento das dificuldades impostas pelo contexto.

4.2.8 Símbolos de pertencimento

São considerados símbolos de pertencimento as representações simbólicas - construídas nas interações envolvendo as práticas informacionais - que um grupo tem para com seus participantes, e que carregam significados sociais positivos (BRASILEIRO, 2019). Estes símbolos podem se manifestar em forma de sentimentos, aspirações conjuntas, pautas sociais, imagens, objetos etc. Tais símbolos são a cristalização dos processos de catalização das estratégias anteriormente exploradas:

[...] a internet é um ambiente de militância, onde você se organiza na internet para ir para o mundo real (...) eu sei que tem desinformação, tem *fake news* e a gente tem

que combater. Espaços como esse da Plataforma Geni é informação verificada, é informação com conteúdo para que as pessoas se sintam informadas e protegidas e que sejam capacitadas para lutar contra as opressões. A intenção é essa, não é informar só por informar. (Entrevistada 4)

[...] É um projeto muito bonito, a ideia como começou e ver como cresceu dá muito orgulho, por que é uma iniciativa das meninas tudo voluntário (...) eu sou muito feliz com esse trabalho todo, ele me orientou no meu ativismo, eu descobri aqui que eu tinha um ativismo que eu não sabia que tinha (...) e é muito legal você vê que são pessoas que tem um background completamente diferente, pessoas mais acadêmicas, pessoas que não passaram pela academia ainda é isso que é bom, que cada uma traz um pouco da sua experiência pessoal, e entender quais são as mazelas, sabe onde dói. É realmente um movimento de transformação, você vê pelos depoimentos das mulheres da rede.” (Entrevistada 9)

[...] Eu entrei na rede solidária através da Casa Brasil de Lisboa, e sempre ajudei e ajudo sempre que posso, acho que é uma rede que sempre ajuda muito e a gente aprende muito, e é uma rede que não abro mão de participar. Acho muito interessante e muito válida inclusive por que ela não tem limite de ajuda, não tem condicionamentos nem preconceitos nem “panelinhas” é uma rede muito aberta e de fato funciona muito bem (Entrevistada 6)

[...] Eu não só aprendi algo novo, como aprendo todos os dias. A plataforma Geni diariamente publica muitos assuntos interessantes, esclarece muito sobre temas variados, muito polêmicos, aborda muito a questão da mulher, do feminismo que eu acho essencial, do racismo, da xenofobia e de outros temas que nunca estão esgotados. A gente sempre precisa saber mais sobre eles. Então é uma rede que eu gosto muito de acompanhar e que me ajuda muito por que com frequência eu consulto ou mesmo vem até a mim e sempre eu tenho um aprendizado a mais. (Entrevistada 1)

No tocante aos símbolos percebidos e compartilhados pelas mulheres inseridas na rede solidária da plataforma Geni, o próprio grupo pode ser considerado um símbolo por ser dotado de uma finalidade social relevante (BRASILEIRO, 2019). Outro ponto observado enquanto símbolo tem relação com a noção de credibilidade e seriedade no quesito compartilhamento de informação por parte da plataforma, assim como a noção de respeito às diferenças de posicionamento e trajetórias de vida, dentro de uma convivência saudável e condizente com os princípios de boas práticas informacionais na rede.

O acesso e aprendizado contínuo, através de conteúdos relevantes para a realidade das mulheres brasileiras imigrantes disponibilizados, sistematicamente nos perfis de redes sociais da plataforma também surge como um símbolo de pertencimento. A disponibilização de templates e marca d'água personalizada, disponíveis para a utilização em *stories* de *Instagram* com o logotipo do coletivo, e a confecção de camisetas padronizadas, também com o logotipo da plataforma Geni (VER ANEXO E) para venda e arrecadação de fundos para a causa das mulheres em situação de vulnerabilidade são exemplos também desses símbolos.

4.2.9 Sentimentos de moralidade

As práticas em grupo que são coletivamente construídas e percebidas como aceitáveis ou reprováveis no decorrer das interações dentro de um contexto, segundo a perspectiva de Collins (2004) são fundamentadas nos sentimentos de moralidade no decorrer do processo de interação ritual. A partir do sentimento e da Energia emocional gerados, após o compartilhamentos de informações, os indivíduos de uma rede tendem a negociar tais referenciais de maneira espontânea estabelecendo limites mútuos.

Nesse sentido, a energia emocional não é apenas algo que impulsiona os indivíduos e deprime outros, mas também algo que exerce um certo controle nas práticas destes indivíduos (BRASILEIRO 2019). Ou seja, o mecanismo de coesão social do grupo passa pelo sentimento compartilhado e a noção de causa e consequência da agência dos indivíduos que compõem determinada rede.

[...] no conteúdo que circula feito pela plataforma eu não vi nada de desinformação, tudo é muito bem cuidado. (...) muitas vezes as pessoas passam no feed e se já acompanha o trabalho da Plataforma e você confia no conteúdo da Plataforma, se um assunto aparece ela (a imigrante) vai olhar. (Entrevistada 7)

[...] A gente tem que tomar muito cuidado por que a gente tá mexendo no afetivo (...) ao invés de chegar e falar , “tá errado”, você fala “por que você compartilhou isso, de onde veio essa informação, você confia nessa fonte?” (...) se a gente trouxer um pouco essa coisa do fact checking. Isso (desinformação) iria minimizar um pouco. Antes de compartilhar é ter calma, é menos emoção e mais razão. (Entrevistada 10)

A principal preocupação das mediadoras de informação da rede solidária, e por isso, também o principal motivo da ocorrência de algumas divergências nas interações se dá justamente no campo da verificação de informações, antes da postagem no grupo da rede. Podemos perceber então uma prática cautelosa por parte da plataforma Geni no tocante à disseminação de informações.

Um valor forte que é absorvido pelas demais integrantes do grupo, e que auxilia na detecção de desinformação se trata os princípios do *fact checking* coletivo. Tais princípios sendo aproveitados de maneira adequada oferece uma oportunidade e subsídios para a introdução de debates sobre letramento informacional entre as membras da rede.

Os sentimentos de moralidade podem fortalecer a unidade discursiva do grupo, porém mais uma vez demonstrando a ambivalência da informação, tais interações podem ser mal interpretadas levando em consideração que cada mulher está processando as mesmas informações de pontos de vistas e experiências de vida distintas, podendo ser interpretado com estranhamento as iniciativas de “regulação discursiva” em um momento inicial. Contudo, tais práticas se alinham ao *modus operandi* cauteloso e pautado na credibilidade que a plataforma conseguiu construir perante os seus públicos.

Diante do exposto, no que tange às barreiras e estratégia que compõem o processo de resiliência informacional, percebemos que o processo de orientação, ajuste e ressignificação das disposições informacionais de cada uma conseguiu converter a experiência desinformada e estressante de um contexto de risco em uma situação de bom aproveitamento da transição informacional. As sucessivas experiências informacionais e emocionais positivas gerou resolutividade, diante do objetivo inicial e a consciência coletiva direcionada para o bem comum, que orientou o entendimento coletivo do grupo a respeito das configurações socioculturais da informação, construindo relações de compromisso ético necessárias às práticas informacionais colaborativas tecno mediadas (BRASILEIRO, 2019).

A ‘rede solidária’ proposta pela Plataforma Geni é um exemplo de uma iniciativa que de modo colaborativo reproduziu a coesão social de modo situacional, favorecendo o desenvolvimento de competências informacionais negociadas de modo alternativo, que contribuíram para a boa condução de um momento de ruptura com a normalidade e de transição de paisagens informacionais. No mais, reiteramos a importância dos capitais emocionais envolvidos na construção destes novos cenários, de modo a sedimentar uma relação entre emoções e letramento informacional (BRASILEIRO, 2020).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho exposto buscou refletir questões contemporâneas e latentes do nosso cotidiano. A partir do entrelaçamento dos temas Migração, Transição Informacional, Desinformação, Gênero e Práticas Informacionais Colaborativas, analisadas, através do modelo de Resiliência informacional, buscou-se entender como a comunidade de mulheres imigrantes enfrentou os processos de exposição às incertezas diante do contexto significativo pessoal e de saúde, promovidos pelo estado pandêmico do COVID-19. A partir de um olhar holístico para a desinformação, seguido da investigação sobre práticas colaborativas agenciadas por mulheres nas mídias sociais, buscamos entender como estas imigrantes conseguiram estabelecer o processo de resiliência informacional ao mesmo tempo em que precisavam se adaptar o "novo normal" trazido pela pandemia.

Tal movimento de crise e virtualização da realidade, potencializou a disseminação de desinformações sobre a crise sanitária, e tornou mais complexa a relação de percepção destas desinformações. Por outro lado, também abriu espaço para que inúmeras iniciativas virtuais de mitigação dos efeitos nocivos do momento, especialmente nas comunidades mais vulneráveis, surgissem, trazendo uma perspectiva de letramento informacional única e negociada colaborativamente. Neste sentido, observar a obrigatoriedade das vivências sociais de modo online em conjunto com as incertezas crescentes do contexto posto, ofereceu aos cientistas de comunicação e informação uma oportunidade única de monitoramento e investigação dos fluxos informacionais e seus impactos em situações de crise.

Considerando isso, o presente trabalho identificou que a situação instaurada não se deu de maneira igualitária para todos os componentes da sociedade, assim como o avanço do cotidiano pandêmico foi percebido em ondas, cada uma delas compostas por características específicas no que toca o processamento de informações no cotidiano.

Em um primeiro momento, as mulheres imigrantes experimentaram a desinformação em suas variadas configurações, vivenciando um estado de incerteza informacional a partir do encontro com barreiras às informações relevantes ao contexto, como dificuldades na tradução de termos específicos; dificuldades no estabelecimento de conexões fortes; administração de sentimentos de medo, solidão que impactaram diretamente a percepção das informações e a tomada de decisão.

No segundo momento, a emergência da situação direcionou o coletivo de mulheres imigrantes Plataforma Geni a tentar transformar o sentido do momento de trauma coletivo em protagonismo social, trabalhando com o objetivo de catalizar e apoiar pessoas

vulnerabilidade. Com isso montaram uma rede solidária, obseada por um viés informacional, objetivamente estabeleceu um mecanismo de resiliência informacional entre as componentes do grupo, contribuindo efetivamente na recomposição das paisgens informacionais, apontando perspectivas informacionais seguras, aregando acolhimento e orientação, mediados via dispositivos móveis.

Como lacunas observadas no processo de pesquisa, destaca-se a impossibilidade de uma observação in loco, devido a situação sanitária, assim como não foi possível observar todas as práticas desde o início da iniciativa, cabendo a análise a partir da interpretação advinda das falas das entrevistadas. Outrossim, o pouco tempo dispensado à pesquisa em nível de mestrado impôs a condição limitada de tempo de observação, limitando também o espectro de análises possíveis nesta pesquisa.

Contudo, o estudo se mostrou relevante por abrir um caminho promissor na observância de práticas informacionais situacionais autogeridas colaborativamente, que funcionam como estratégia norteadora em tempos de desorientação.

A experiência da desinformação pode ser encarada como oportunidade para direcionar as pessoas, grupos e governos a melhorarem seus mecanismos de busca de informações. Observar a desinformação na perspectiva de comportamento é útil para que especialistas, como médicos, cientistas e outros profissionais, se utilizem dessa oportunidade para educar os usuários da informação e engajar toda a sociedade.

As redes solidárias agregam apoio, acolhimento e letramento informacional que transforma. Essa estratégia de busca por informação, transformada em uma experiência compartilhada, quando mediada de maneira ética, cria engajamento e compromisso com a circulação de informações de qualidade e cria uma coesão necessária para a formação de sujeitos mais conscientes e dispostos a transformar positivamente a realidade que os cercam. Outrossim, o estudo evidenciou o modelo teórico-metodológico da Resiliência Informacional enquanto recurso eficaz e empiricamente aplicável no combate as múltiplas faces do fenômeno da desinformação, evidenciando-se como conhecimento indispensável aos debates acadêmicos acerca do momento de transição informacional no qual estamos mergulhados.

Por fim, a atual pesquisa abre um caminho que sugeremais estudos a posteriori, com vistas a observar os desdobramentos do acolhimento informacional empreendido e o impacto das demais articulações políticas da Plataforma Geni no período pós confinamento e de retomada gradual das rotinas das mulheres imigrantes, bem como entender de que maneiras as reivindicações pautadas pelo grupo estão sendo absorvidas pelos organizamos

competentes de Estado, no que se refere as políticas de assistência migratória.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C.A . O que são “**Práticas Informacionais**”? Informação em Pauta, Fortaleza,v. 2, número especial, p. 217-236, out. 2017.
- ARAÚJO, E. A. de, 1998. **A construção social da informação: Análise de práticas informacionais de Organizações Não-Governamentais (ONGs) brasileiras**. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Brasília, DF: Universidade de Brasília. [Acesso em 10 de março de 2022]. Disponível em <https://btdt.ibict.br>
- ARAÚJO, E. A. De. **Práticas informacionais em ambientes de infodemias: Reflexões para o estudo de patologias informacionais**. Liinc Em Revista, 17(1), e5700, 2021.
- ARI HAASIO, 2019. " **What is Disnormative Information?**", Pesquisa em Ciências da Informação e da Comunicação, Universidade de Bucarest, Faculdade de Letras,jjed Departamento de Ciências da Comunicação, edição 23, páginas 9-16, novembro.
- ASSIS, S. G.; PESCE, R. P.; AVANCI, J. Q. **Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- AZEVEDO, R. L. W. **Resiliência, sintomatologia depressiva e ansiedade em pessoas com HIV/AIDS**. (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social - UFPB. João Pessoa, 2011.
- BALLERINI, D. A **“imagem” das mulheres brasileiras no exterior: corpos, meios de comunicação e discursos**. VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade. Rio Grande do Sul, 2018.
- BAPTISTA, D.M; MAGALHÃES, L.F. (org.). **Migrações em expansão no mundo em crise**. São Paulo - SP: EDUC, 2020
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BENTON, et al. 2021. **COVID-19 and the State of Global Mobility in 2020**. Washington, D.C., and Geneva: Migration Policy Institute and International Organization for Migration. Acesso em 05 de junho de 2021
- BENETTI, I, C.; CREPALDI, M. A. **Resiliência revisitada: uma abordagem reflexiva para principiantes no assunto**. Revista Eletrônica de Investigación y Docencia (REID), n. 7, Janeiro, 2012.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- BRASHERS, D. E.; GOLDSMITH, D. J.; HSIEH, E. **Information Seeking and Avoiding in Health Contexts**. Human Communication Research, v. 28, n. 2, p. 258–271, 2002.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989

- BOURDIEU, Pierre. **The forms of capital**. In: Richardson, John G. (Ed.). Handbook of theory and research for the sociology of education. Westport: Greenwood Press, 1986
- BRASILEIRO, Felipe Sá. **Resiliência informacional: Modelo baseado em práticas informacionais colaborativas em redes sociais virtuais**. João Pessoa, 2017,
- BRASILEIRO, Felipe Sá. **Resiliência informacional em redes sociais virtuais: praticas colaborativas, emoções e mobilidade**. João Pessoa: Editora UFPB, 2019.
- BRASILEIRO, F.S. **Emoções e redes colaborativas na resiliência informacional**. Liinc Em Revista, 16(2), e5309. <https://doi.org/10.18617/liinc.v16i2.5309>, 2020
- BRASILEIRO, F. S; ALMEIDA, A. M. **Barreiras à informação em saúde nas mídias sociais**. RDBCI Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, V.19, 2021. DOI:10.20396/rdbci.v19i00.8667199
- BRINKERHOFF, Jennifer M. **Digital diasporas – Identity and transnational Engagement**. New York: Cambridge University Press, 2009.
- BUCKLAND, M. K. **Information as Thing**. Journal of the American Society for Information Science, v. 42, n. 5, p. 351-360, 1991.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede** (A era da informação: economia, sociedade e cultura; Vol 1). 9ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, M. (2009). **Communication Power**. Oxford: Oxford University Press.
- COLLINS, R. **Interaction Ritual Chains**. New Jersey: Princeton University Press, 2004.
- COMISSÃO EUROPEIA. **A multi-dimensional approach to disinformation**: Report of the independent high-level group on fake news and online disinformation. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2018.
- DEMO, P. **Ambivalências da sociedade da informação**. Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 2, p. 37- 42, maio/ago. 2000. Acesso em 01 de junho de 2021
- "DESINFORMAÇÃO", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/desinforma%C3%A7%C3%A3o> [consultado em 14-06-2020]
- DI FELICE, M. **Do público para as redes: a comunicação digital e as novas formas de participação sociais**. São Caetano do Sul, SP: Difusão. 2008
- ESCUDERO, C. **O protagonismo de mulheres imigrantes na construção de redes sociais para o fortalecimento identitário: o caso das Brasileiras em Chicago (EUA)**. REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum. [online]. 2016
- FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009. (Col. Pesquisa Qualitativa)
- FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011. (Col. Cibercultura)

- GIL, A.C; **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- GRANOVETTER, M. S. **The Strength of Weak Ties**. *American Journal of Sociology*. v. 78, n. 6, p. 1360-1380, 1973.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. **Novas fronteiras tecnológicas das ações de informação: questões e abordagens**. *Ciência da Informação*, v. 33, n. 1, 2004.
- GOLDSMITH, D. J. **A Normative Approach to the Study of Uncertainty and Communication**. *Journal of Communication*, v. 51, n. 3, p. 514–533, 2001. New York, 13 fev. 2017.
- GUIMARÃES, JR; OSWALDO, M: **Os boatos alarmistas na perspectiva da Ciência da Informação: o caso “Tapacurá estourou”** / Manoel Oswaldo Guimarães Júnior. – Recife, 2018. 84 f.: il.
- HERSBERGER, J. **Resilience Theory, Information Behaviour and Social Support in Everyday Life**. *American Society Information Science and Technology*. v. 39, n. 3, 2013.
- HERRERA, G. **Género y migración internacional en la experiencia latinoamericana**. De la visibilización del campo a una presencia selectiva. *Revista Política y Sociedad*, Madrid: Universidad Complutense, v. 49, n. 1, 2012
- HICKS, A.; LLOYD, A. **It takes a community to build a framework: Information literacy within intercultural settings**. *Journal of Information Science*, v. 42, n. 3, p. 334-343, 2016.
- KARLOVA, N., FISHER, K.E., 2013. **A social diffusion model of misinformation and disinformation for understanding human information behaviour**. *Inf. Res.* 18.
- LÉVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva: por uma Antropologia do Ciberespaço**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- LEWANDOWSKY, S., ECKER, U.K.H., SEIFERT, C.M., SCHWARZ, N., Cook, J., 2012. **Misinformation and its correction: continued influence and successful debiasing**. *Psychol. Sci. Public Interest* 13 (3), 106–131. <https://doi.org/10.1177/1529100612451018>.
- LING, R. **The Mediation of Ritual Interaction via the Mobile Telephon**. In: J Katz (ed.). *Handbook of Mobile Communication*. MIT Press, 2008
- LLOYD, A. **Building Information Resilience: How do Resettling Refugees Connect with Health Information in Regional Landscapes** – Implications for Health Literacy. *Australian Academic & Research Libraries*, v. 45, n. 1, p. 48–66, 2014.
- LLOYD, A. **Stranger in a strange land; enabling information resilience in resettlement landscapes**, *Journal of Documentation*, v. 71, n. 5, p. 1029 – 1042, 2015.
- LLOYD, A. **shaping the contours of fractured landscapes: Extending the layering of an information perspective on refugee resettlement**. *Information Processing and Management*, 2020.

LLOYD, A; HICKS, A. **Contextualising risk: the unfolding information work and practices of people during the COVID-19 pandemic** - Journal of Documentation., 2021.

MAGALHÃES, M. **Net-Ativismo: protestos e subversões nas redes sociais digitais**. Lisboa: Coleção ICNOVA, 2018b.

MASSEY, Douglas et al. **The social organization of migration, in Return to Aztlan – the social process of international migration from Western Mexico**, Berkeley, University of California Press, 1990, pg.139-171.

MASSEY, Douglas, et al. – **Migration, ethnic mobilization and globalization – causes of migration** in: GUIBERNAU, Montserrat & REX, John (eds.), *The Ethnicity reader – nationalism, multiculturalism and migration*, UK, Polity Press, 1997, pg. 257-269.

MINAYO, M. C. S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1994

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde** . 7. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000

OJEDA, E. N. S. **Uma concepção latino-americana: a resiliência comunitária**. In: MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S. (orgs.) *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

OLIVEIRA, A. T. C.; MORAIS, N. A. **Resiliência Comunitária: Um estudo de Revisão Integrativa da Literatura**. Trends Psychol. [online]. vol.26, n.4, 2018.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). **Entenda a infodemia e a luta contra o COVID-19**. Disponível em : https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14, acesso em 07 de setembro de 2020.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OIM). **Relatório mundiaisobre migrações de 2020**. Genebra: Organização Internacional para as Migrações, 2019.

PEREIRA, E. S. **E-Diáspora Cabila: notas sobre a migração conectada contemporânea**. Camps, Porto Alegre, 2019. Acesso em 16 de Abril de 2021

RUKOLAINEN, G.; WIDÉN, H. **Conceptualising misinformation in the context of asylum seekers**. Information Processing and Management, 2019.

SAVOLAINEN, R. **Everyday information practices: a social phenomenological perspective**. Lanham (Md.): Scarecrow Press, 2008.

SANTOS, L. PIRES, N. HOFFMANN, F. **Mulheres imigrantes em emergências: Abuso, exploração e violência sexual**. Seminário Internacional de Direitos e Democracia, Ijuí, 2019. Acesso em 07 de Junho de 2021.

SHERA, J. **Sociological foundations of librarianship**. New York: Asia Publishing House, 1970.

SILVA, M. S. E, QUEIRÓZ, I. D., & FERREIRA, V. (2017). **Mundialização do capital e mobilidade humana: cenários, atores e políticas**. Argumentum, 8(3), 40–53. Acesso em 04 de junho de 2021.

SILVA. E; NOGUEIRA.C; NEVES; S. **Vivências de conciliação pessoal, familiar e profissional de mulheres brasileiras em Portugal**. In Periódico do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito Centro de Ciências Jurídicas - Universidade Federal da Paraíba, 2016.

TAVARES, J. **A resiliência na sociedade emergente**. Em J. Tavares (Org.), Resiliência e educação. São Paulo: Cortez, 2001.

TUOMINEN, K., & SAVOLAINEN, R. **Uma abordagem construcionista social para o estudo do uso da informação como ação discursiva**. Artigo apresentado no ISIC, 1997.

UDWAN G, LEURS K, ALENCAR A. **Digital Resilience Tactics of Syrian Refugees in the Netherlands: Social Media for Social Support, Health, and Identity**. Social Media + Society. April 2020. doi:10.1177/2056305120915587

WANG Y, MCKEE M, TORBICA A, STUCKLER D. **Systematic Literature Review on the Spread of Health-related Misinformation on Social Media**. Soc Sci Med. 2019;240:112552. doi:10.1016/j.socscimed.2019.112552

WARDLE, C. **Notícias falsas. É complicado**. First Draft, 2017. recuperado em 9 de junho de 2018, do primeiro rascunho do site de notícias. Disponível em: <https://firstdraftnews.org:443/fake-news-complicated/>. Acesso em: 15 de Maio de 2020

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Desordem de informação: um quadro interdisciplinar**. Recuperado em 19 de janeiro de 2019, do primeiro rascunho do site de notícias. Disponível em: <https://firstdraftnews.org:443/coe-report/> (31 de outubro de 2017). Acesso em: 15 de Maio de 2020.

WEENINK, D.; SPAARGAREN, G. **Emotional agency navigates a world of practices**. In: Practice Theory and Research, London: Routledge, 2016.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14 . acesso em, 15 de março de 2021

Entrevista: **OIM quer inclusão de migrantes na imunização contra Covid-19**. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2021/01/1739032>> acesso em 05 de junho de 2021

DESINFODEMIA. Disponível em:

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374416_por_desinfodemia> UNESCO. Acesso em 06 de junho de 2021.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA / PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM
COMUNICAÇÃO - PPGC

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA

**PROJETO : RESILIÊNCIA INFORMACIONAL E DESINFORMAÇÃO NO CONTEXTO DA COVID - 19:
PRÁTICAS INFORMACIONAIS COLABORATIVAS DE MULHERES IMIGRANTES BRASILEIRAS NAS
MÍDIAS SOCIAIS**

Entrevistada: _____

Identificação: _____

Data: ---/---/----

Horário: --:--

Questões :

1) Dados pessoais (nome, autorização, profissão, quanto tempo mora em Portugal, idade, escolaridade, ocupação em Portugal, região do Brasil)

2) Motivações, expectativas, percepções quanto ao processo de migração para Portugal?

- O que te motivou a mudar para Portugal? Algum meio de informação influenciou essas motivações?

- Dentro dessas motivações, quais eram suas expectativas? Elas foram alcançadas?

- Quais foram suas primeiras impressões ao chegar? Você percebeu a existência de normas ou verdades que são diferentes no Brasil? Em quais situações? O que você fez para se adaptar a elas?

3) O cenário da pandemia e o impacto na vida das mulheres imigrantes em Portugal / Dificuldades

- Na sua trajetória enquanto mulher imigrante em Portugal, o que mudou com a chegada da pandemia/ quais as vulnerabilidades ficaram mais evidentes?

- Que tipo de dificuldade você percebeu na comunidade enquanto imigrante durante a pandemia?

- Você enfrentou algum tipo de dificuldade ou barreira no acesso a informações relevantes? Quais?

- Quais foram os sentimentos que você experimentou durante essas dificuldades e incertezas? Isso refletiu na sua capacidade de gerir as informações / tomar decisões? Como?
- Como sua rede de relações funcionou nesse período no sentido do apoio?
- O fato de você ser de outra nacionalidade interferiu no acesso à informação? De que maneira?

4) Estratégias de enfrentamento das incertezas

- Quais estratégias você percebeu que a comunidade imigrante adotou para conseguir se apoiar nesse momento?
- Como a internet / as redes sociais dentro da sua realidade ajudaram nesse processo? Houve alguma dificuldade nessa interação via redes digitais?
- Como você conheceu a plataforma Geni?
- Como você percebe a interação dentro do grupo, quais os pontos positivos, as identificações? Houve alguma dificuldade nas relações dentro dos grupos? Que tipo?
- Você percebeu algum fluxo de *fake news* / desinformação nas interações dentro do grupo? Como o grupo lidou com isso? Como buscavam ter segurança nas informações recebidas?
- Quais estratégias da Plataforma você percebeu como apoio às mulheres imigrantes no contexto da pandemia? Qual delas achou mais importante?

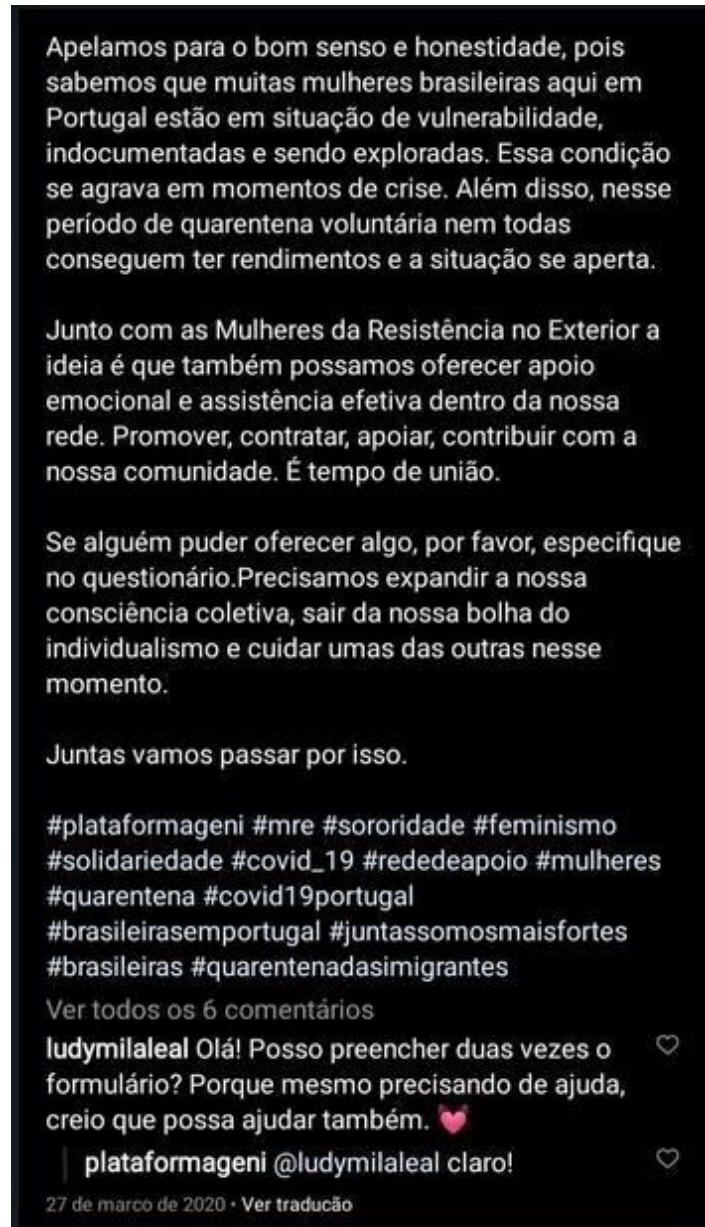
5) Autogerenciamento de informações e tomada de decisões

- O que a plataforma representa, hoje, para você? Como você avalia os sentimentos antes e depois das interações na plataforma Geni? Como isso influencia as suas decisões como imigrante?
- Qual a influência da plataforma nas suas práticas cotidianas relacionadas ao acesso, ao entendimento e ao compartilhamento de informações sobre a migração e sobre o coronavírus?
- O que você aprendeu com toda essa experiência?

Fonte:elaborado pela autora.

ANEXO A – *PRINT SCREEN* DO POST NO *INSTAGRAM* DA REDE SOLIDÁRIA

Fonte: Plataforma Geni, 2021.

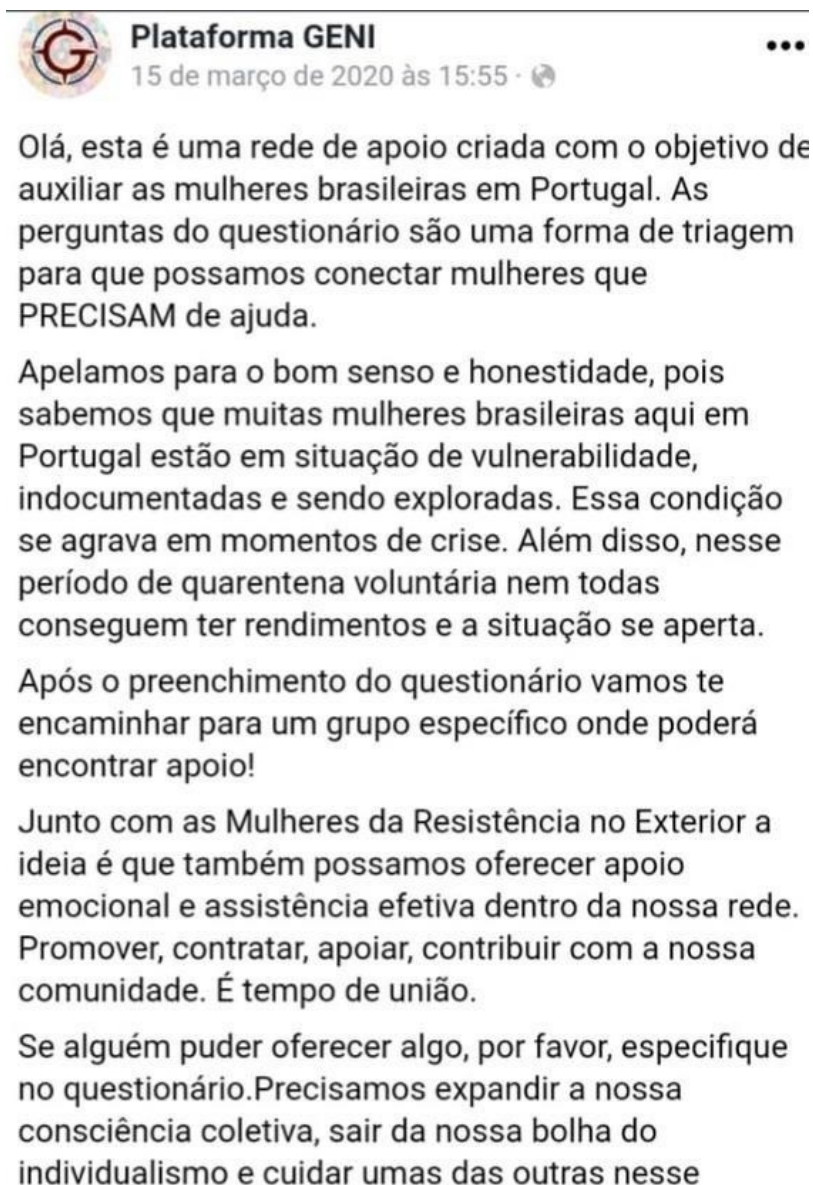
ANEXO B – PRINT SCREEN DO POST NO INSTAGRAM DA REDE SOLIDÁRIA

Fonte: Plataforma Geni, 2021.

ANEXO C – PRINT SCREEN DO POST NO INSTAGRAM DA PLATAFORMA GENI

Fonte: Plataforma Geni, 2021.

**ANEXO D – PRINT SCREEN DO POST NO FACEBOOK DA PLATAFORMA GENI
SOBRE O FORMULÁRIO**



Fonte: Plataforma Geni, 2021.

**ANEXO E – PRINT SCREEN DO POST NO INSTAGRAM DA PLATAFORMA GENI
SOBRE USO DO TEMPO NA QUARENTENA: QUAIS OS DESAFIOS?**



Fonte: Plataforma Geni, 2021.

**ANEXO F – PRINT SCREEN DO POST NO INSTAGRAM DA PLATAFORMA GENI
SOBRE AS MULHERES IMIGRANTES EM PORTUGAL E EMPREGABILIDADE**



Fonte: Plataforma Geni, 2021.

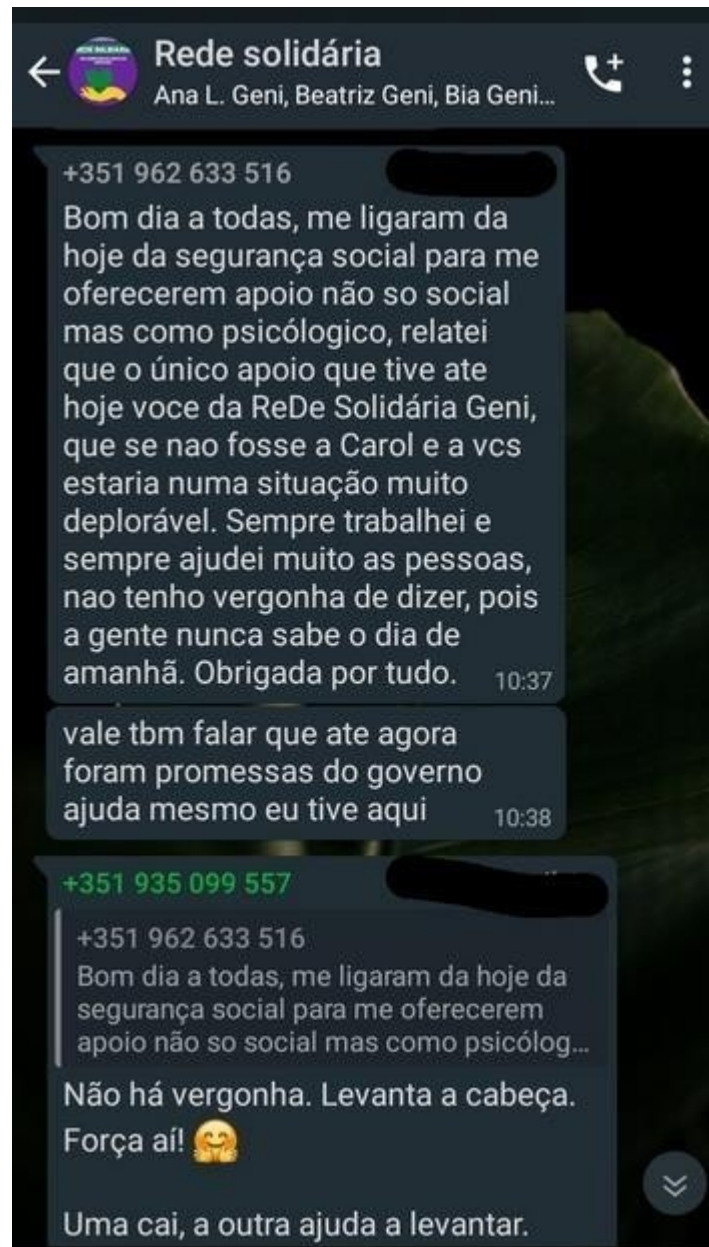
ANEXO G – PRINT SCREEN DO POST NO INSTAGRAM DA PLATAFORMA GENI



SOBRE A IMIGRAÇÃO NO FEMININO

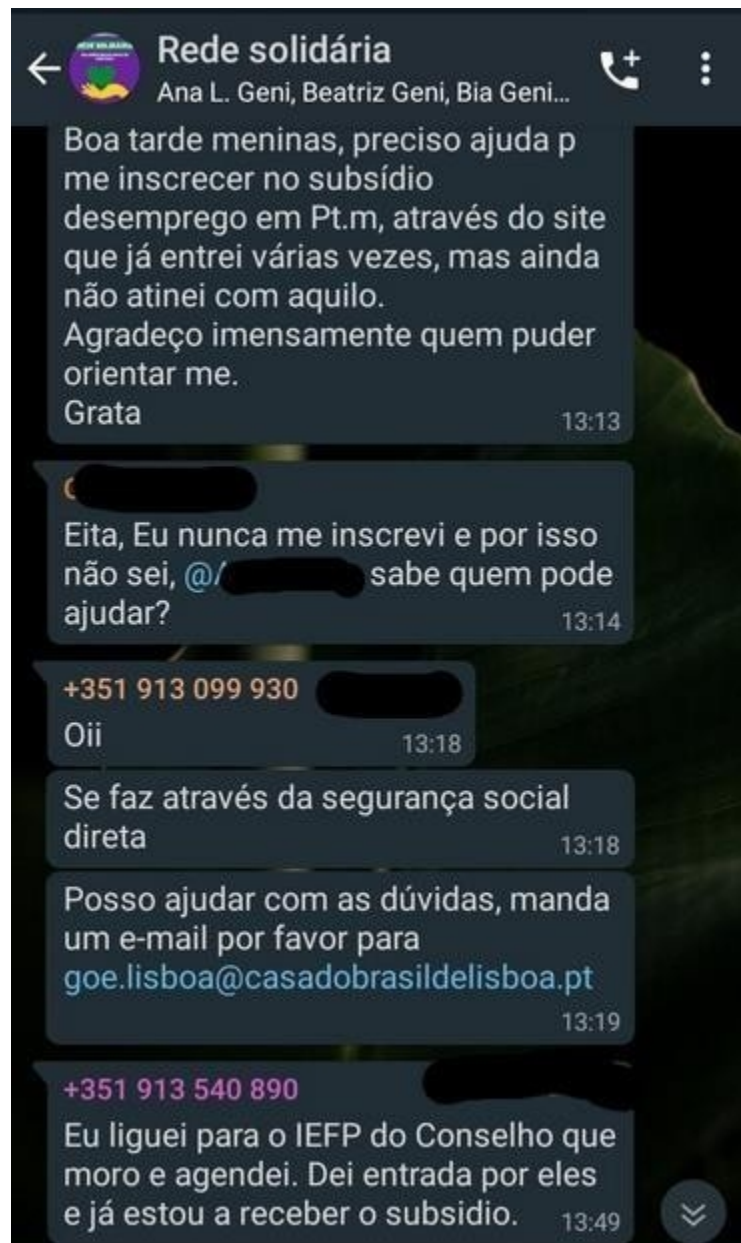
Fonte: Plataforma Geni, 2021.

**ANEXO H – *PRINT SCREEN* NO *WHATSAPP* DO GRUPO DA REDE SOLIDÁRIA
REFERENTE A BARREIRAS A INFORMAÇÃO**



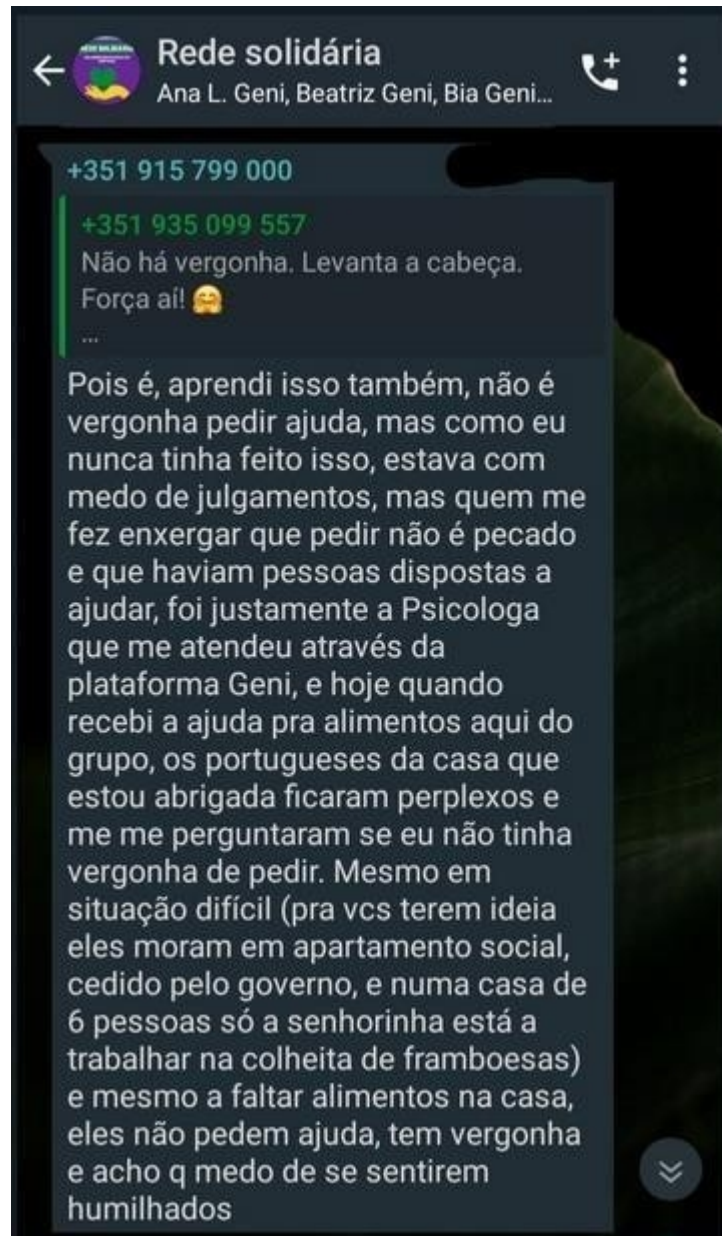
Fonte: Rede Solidária, 2021.

**ANEXO I – PRINT SCREEN NO WHATSAPP DO GRUPO DA REDE SOLIDÁRIA
REFERENTE A BARREIRAS A INFORMAÇÃO**



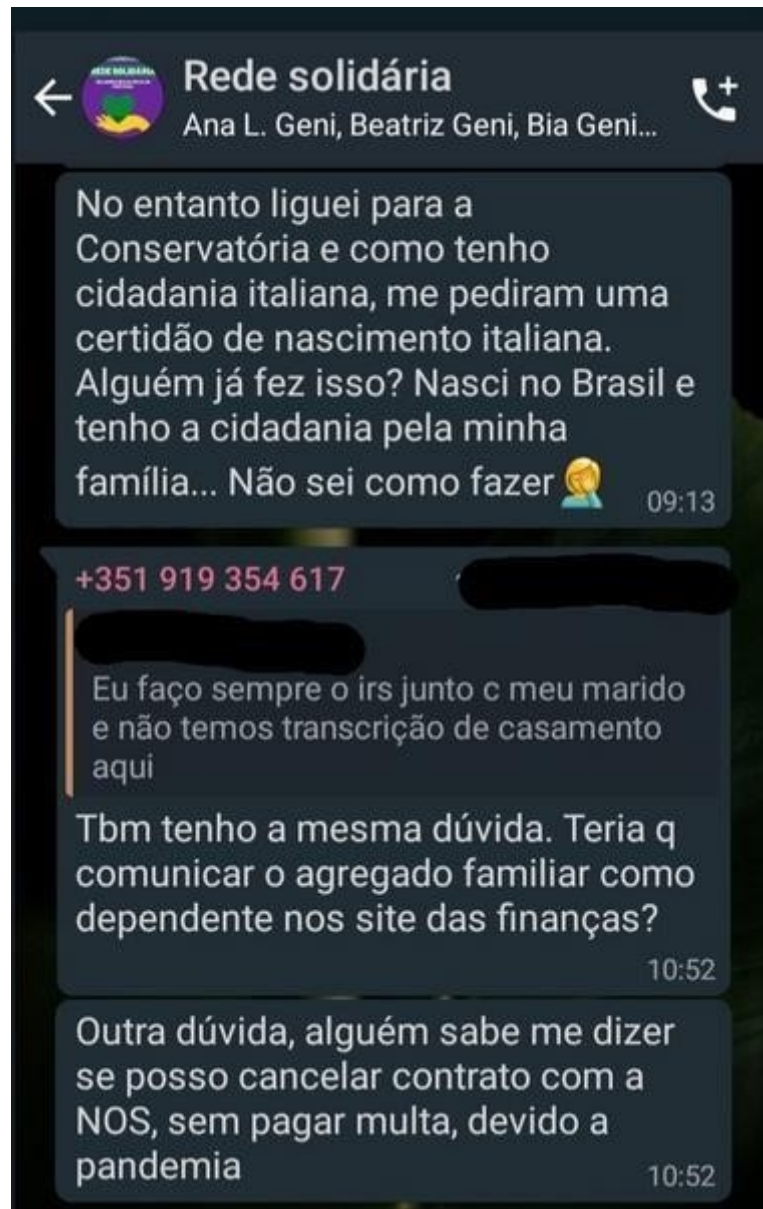
Fonte: Rede Solidária, 2021.

**ANEXO J – PRINT SCREEN NO WHATSAPP DO GRUPO DA REDE SOLIDÁRIA
REFERENTE A BARREIRAS A INFORMAÇÃO**



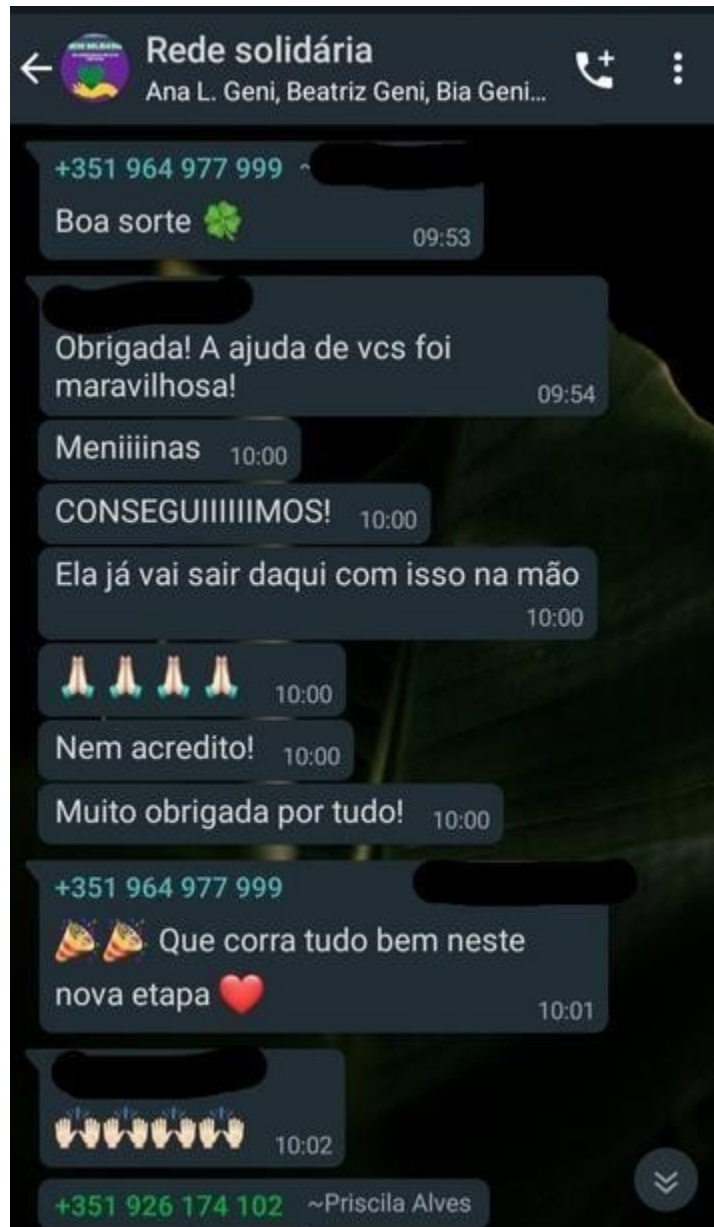
Fonte: Rede Solidária, 2021.

**ANEXO K – *PRINT SCREEN* NO *WHATSAPP* DO GRUPO DA REDE
SOLIDÁRIA REFERENTE A BARREIRAS A INFORMAÇÃO**



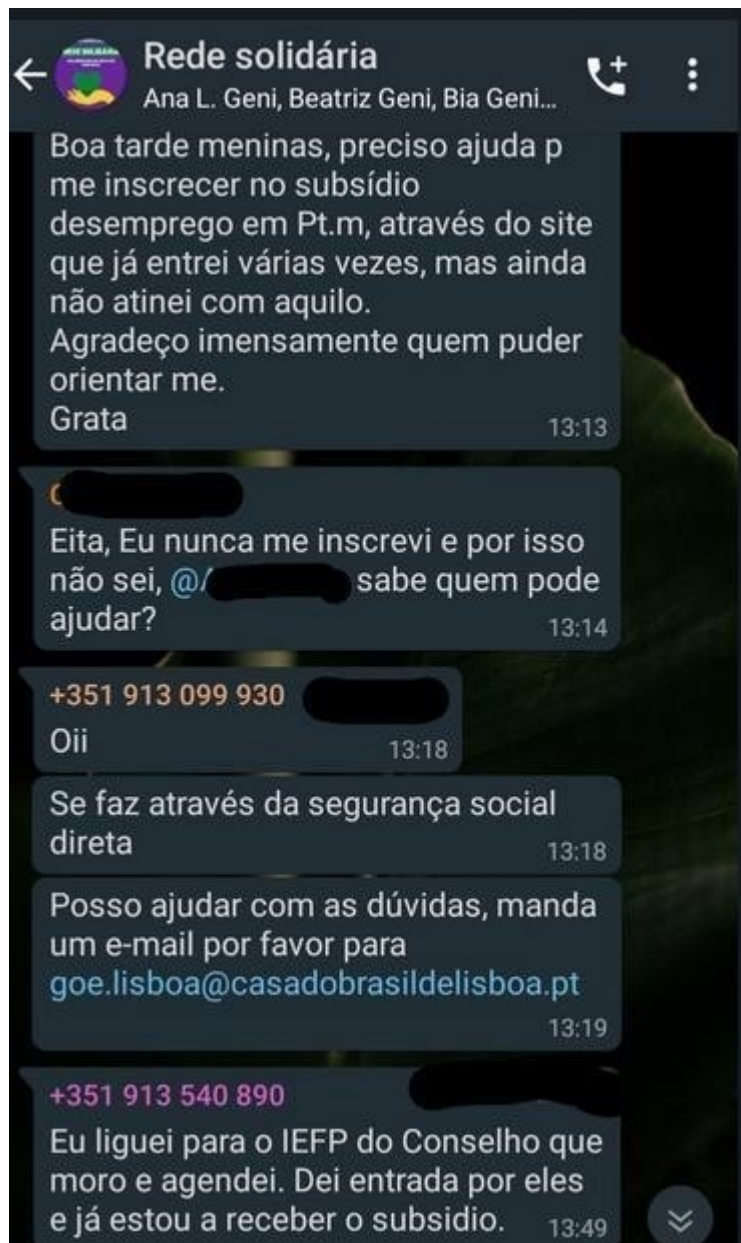
Fonte: Rede Solidária, 2021.

**ANEXO L – PRINT SCREEN NO WHATSAPP DO GRUPO DA REDE SOLIDÁRIA
REFERENTE CONEXÃO COLETIVA**



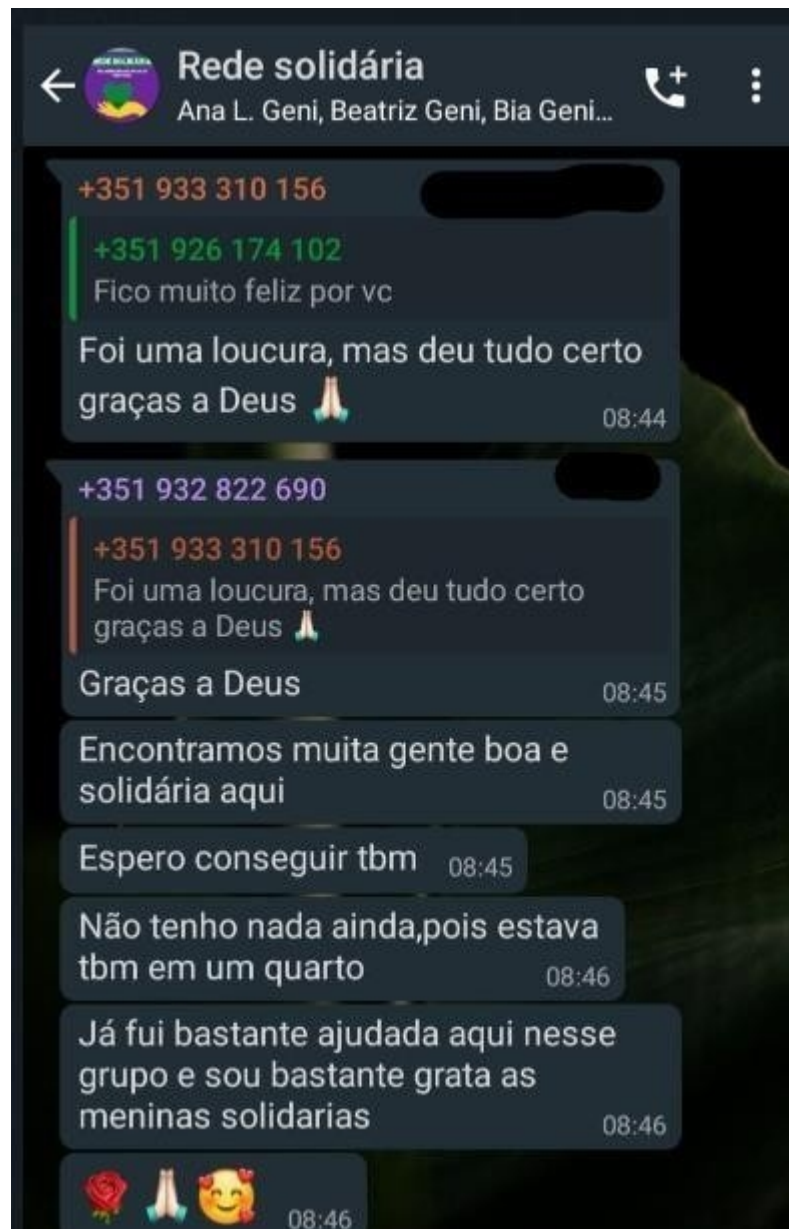
Fonte: Rede Solidária, 2021.

**ANEXO M – PRINT SCREEN NO WHATSAPP DO GRUPO DA REDE SOLIDÁRIA
REFERENTE CONEXÃO COLETIVA**



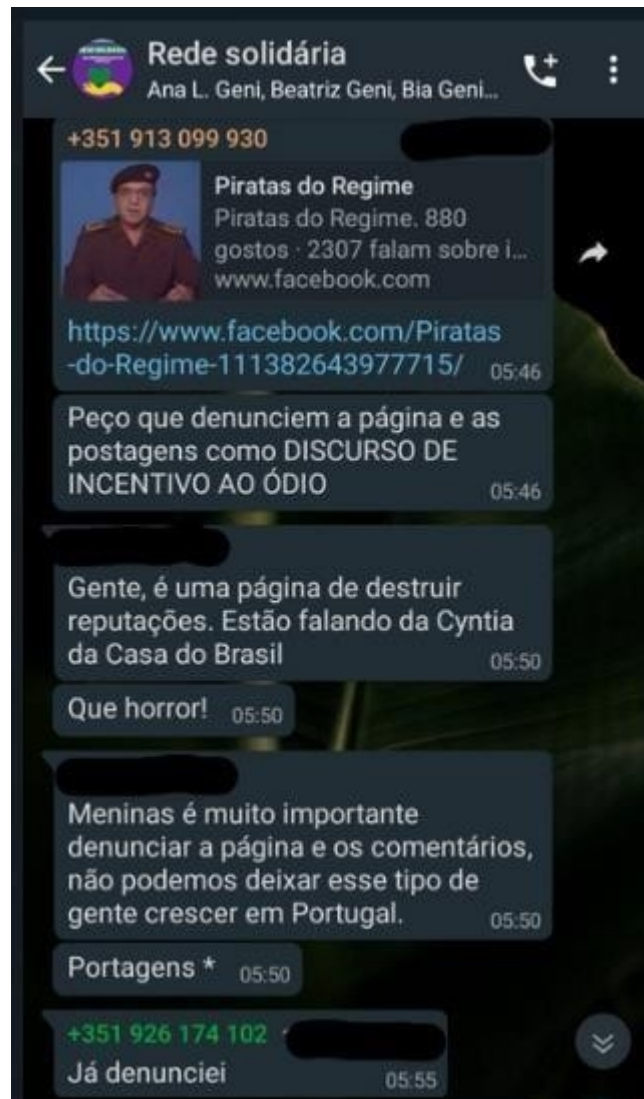
Fonte: Rede Solidária, 2021.

**ANEXO N – PRINT SCREEN NO WHATSAPP DO GRUPO DA REDE SOLIDÁRIA
REFERENTE CONEXÃO COLETIVA**



Fonte: Rede Solidária, 2021.

**ANEXO O – *PRINT SCREEN* NO WHATSAPP DO GRUPO DA REDE SOLIDÁRIA
REFERENTE AO ATIVISMO DIGITAL**



Fonte: Rede Solidária, 2021.

**ANEXO P – *PRINT SCREEN* NO WHATSAPP DO GRUPO DA REDE SOLIDÁRIA
REFERENTE A DESINFORMAÇÃO**

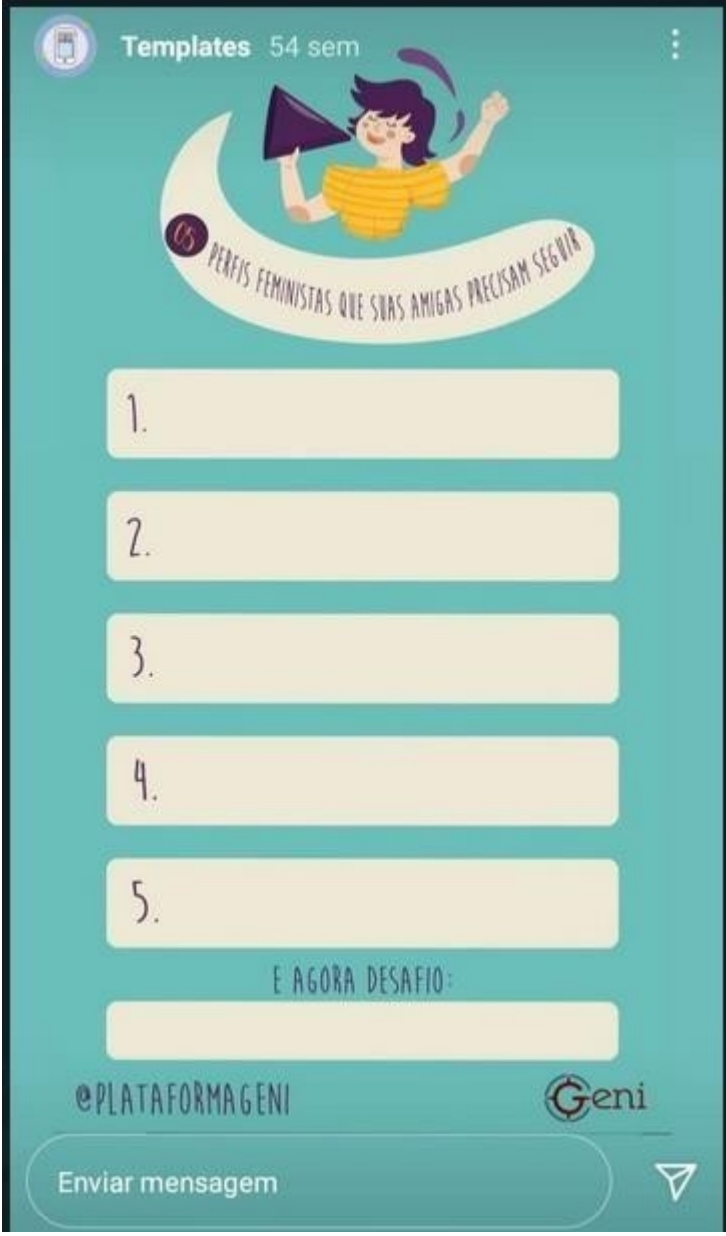


Fonte: Rede Solidária, 2021.

ANEXO Q – PRINT SCREEN NO INSTAGRAM DA PLATAFORMA GENI

Fonte: Rede Solidária, 2021.

**ANEXO R – *PRINT SCREEN* DOS TEMPLATES NO *INSTAGRAM* DA
PLATAFORMA GENI**



The image is a screenshot of an Instagram post from the account @PLATAFORMAGENI. The post has a teal background and features an illustration of a person with dark hair and a yellow striped shirt, holding a purple megaphone. A white banner with a red circle containing the number '65' and the text 'PERFIS FEMINISTAS QUE SUAS AMIGAS PRECISAM SEGUIR' is positioned below the illustration. Below the banner are five numbered input fields (1. to 5.) for listing feminist profiles. Under these fields is the text 'E AGORA DESAFIO:' followed by a single-line text input field. The bottom of the post includes the username '@PLATAFORMAGENI', the Geni logo, and a green 'Enviar mensagem' button with a paper plane icon.

Templates 54 sem

65 PERFIS FEMINISTAS QUE SUAS AMIGAS PRECISAM SEGUIR

1.

2.

3.

4.

5.

E AGORA DESAFIO:

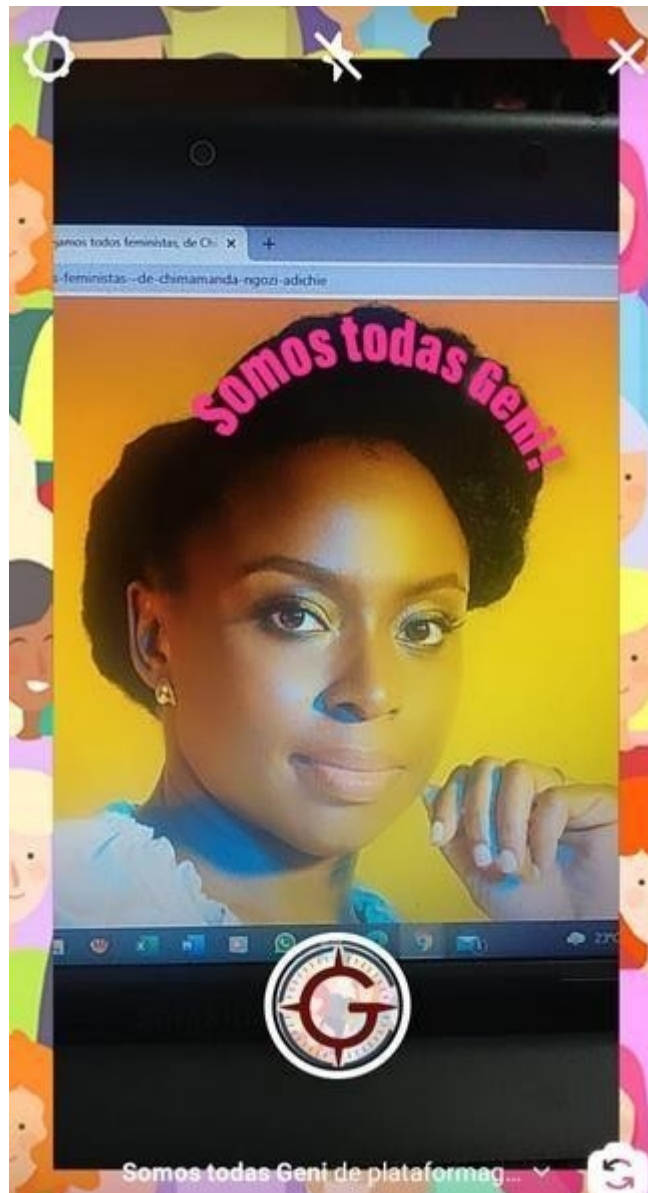
@PLATAFORMAGENI

Geni

Enviar mensagem

Fonte: Rede Solidária, 2021.

ANEXO S – *PRINT SCREEN* DO POST NO *INSTAGRAM* “SOMOS TODAS GENI” DA PLATAFORMA GENI



Fonte: Rede Solidária, 2021.

ANEXO T – RELATÓRIO ABRIL DE 2021 DA REDE SOLIDÁRIA (PLATAFORMA**GENI)**

Fonte: Rede Solidária, 2021.

ANEXO U – *GOOGLE FORMS* DA PLATAFORMA GENI

04/06/2021

Rede Solidária - Mulheres Brasileiras em Portugal

Rede Solidária - Mulheres Brasileiras em Portugal

Olá, esta é uma rede de apoio criada com o objetivo de auxiliar as mulheres brasileiras em Portugal. As perguntas do questionário são uma forma de triagem para que possamos conectar mulheres que **PRECISAM** de ajuda e mulheres que **PODEM OFERECER** ajuda.

Apelamos para o bom senso e honestidade, pois sabemos que muitas mulheres brasileiras aqui em Portugal estão em situação de vulnerabilidade, indocumentadas e sendo exploradas. Essa condição se agrava em momentos de crise. Além disso, nesse período de quarentena voluntária nem todas conseguem ter rendimentos e a situação se aperta.

Após o preenchimento do questionário vamos te encaminhar para um grupo específico onde poderá encontrar apoio!

Junto com as Mulheres da Resistência no Exterior a ideia é que também possamos oferecer apoio emocional e assistência efetiva dentro da nossa rede. Promover, contratar, apoiar, contribuir com a nossa comunidade. É tempo de união.

Se alguém puder oferecer algo, por favor, especifique no questionário. Precisamos expandir a nossa consciência coletiva, sair da nossa bolha do individualismo e cuidar umas das outras nesse momento.

*Obrigatório

04/06/2021

Rede Solidária - Mulheres Brasileiras em Portugal

1. Você gostaria de participar da nossa rede solidária? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim, ajudando outra mulher Avançar para a pergunta 2
☐ Sim, recebendo ajuda Avançar para a pergunta 3

Avançar para a pergunta 5

Rede Solidária - Mulheres Brasileiras em Portugal

2. Como você pode ajudar outra mulher? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Apoio psicológico (Para psicólogas credenciadas)
☐ Apoio Jurídico - direito do trabalho (para advogadas e juristas)
☐ Orientações sobre Emprego (procura de vagas, construção do CV, carta de motivação, LinkedIn e preparação para entrevistas,
☐ Apoio social (alimentação e produtos básicos de higiene pessoal)
☐ Outra: _____

Rede Solidária - Mulheres Brasileiras em Portugal

3. Que tipo de ajuda você precisa? *

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Emocional/psicológica
- ☐ Orientações sobre Emprego (procura de vagas, construção do CV, carta de motivação, LinkedIn e preparação para entrevistas,
- ☐ Apoio social (alimentação e produtos básicos de higiene pessoal)
- ☐ Apoio Jurídico - direito do trabalho (para advogadas e juristas)

Outra: ☐ _____

[tps://docs.google.com/forms/d/1dB170BFjWF5yFr2QINP7mGzz_LGMISKDSNDVK87JdNs/edit](https://docs.google.com/forms/d/1dB170BFjWF5yFr2QINP7mGzz_LGMISKDSNDVK87JdNs/edit)

2/5

4/06/2021

Rede Solidária - Mulheres Brasileiras em Portugal

4. Por favor, fale um pouco da sua situação *

Rede Solidária - Mulheres Brasileiras em Portugal

5. Nome *

6. Em que região de Portugal você mora (cidade) *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Aveiro
- ☐ Beja
- ☐ Braga
- ☐ Bragança
- ☐ Castelo Branco
- ☐ Coimbra
- ☐ Évora
- ☐ Faro
- ☐ Guarda
- ☐ Leiria
- ☐ Lisboa
- ☐ Portalegre
- ☐ Porto
- ☐ Santarém
- ☐ Setúbal
- ☐ Viana do Castelo
- ☐ Vila Real
- ☐ Viseu
- ☐ Outra: _____

7. Email *

8. Telefone *

9. Declaro, para os efeitos previstos no Regulamento Geral de Proteção de Dados (RGPD) e na Lei n.º 58/2019, de 8 de agosto, que assegura a execução, na ordem jurídica nacional, do Regulamento (UE) 2016/679 do Parlamento e do Conselho, de 27 de abril de 2016, relativo à proteção das pessoas singulares no que diz respeito ao tratamento de dados pessoais e à livre circulação desses dados, prestar, por este meio, o meu expreso consentimento para a recolha, a utilização, o registo e o tratamento dos meus dados pessoais, fornecidos aquando do preenchimento do presente formulário, na base de dados da Plataforma Geni com o fim de receber assistência e orientação relativamente às questões por mim apresentadas na Rede Solidária. Mais declaro, para os efeitos do RGPD e da Lei de Execução, ter tomado pleno conhecimento e compreendido devidamente os direitos que me assistem relativamente aos meus dados pessoais (tais como: o direito de acesso, o direito de retificação, o direito de apagamento, o direito de limitação do tratamento, o direito de portabilidade e o direito de oposição) e o teor completo da presente declaração.

Marcar tudo o que for aplicável.

☐ Concordo

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google Formulários

